

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO  
INSTITUTO DE ARTES E COMUNICAÇÃO SOCIAL  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CULTURA E  
TERRITORIALIDADES.

**VIVIANE LAPROVITA CARDOZO**

**“EU SOU MULHER DO PODER” – MULHERES NEGRAS EM  
MOVIMENTO: RESISTÊNCIA E REAÇÃO NA CIDADE.**

Niterói – RJ  
2019

**VIVIANE LAPROVITA CARDOZO**

**“EU SOU MULHER DO PODER” – MULHERES NEGRAS EM  
MOVIMENTO: RESISTÊNCIA E REAÇÃO NA CIDADE.**

Niterói, 28 de março de 2019.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Cultura e Territorialidades da Universidade Federal Fluminense como requisito para obtenção do título de Mestre em Cultura e Territorialidades - Linha de pesquisa: Fronteiras e produções de sentido.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Orientadora Prof.<sup>a</sup>. Dra. Janaína Damaceno

---

Prof.<sup>a</sup>. Dra. Ana Lucia Enne

---

Prof.<sup>a</sup>. Dra. Ana Paula Alves Ribeiro

Niterói – RJ

2019

## Sumário

INTRODUÇÃO – ESCRIVIVÊNCIA 1 .....	9
CAPÍTULO 1 - UM CORPO NO MUNDO/ TRAVESSIAS DE UM CORPO NEGRO - CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS .....	15
MAPA DAS MOVIMENTAÇÕES .....	20
ESCRIVIVÊNCIA 2 - UM CORPO (NEGRO) NO MUNDO (ACADÊMICO) .....	21
CAPÍTULO 2 - CORPO, LINGUAGEM E RESISTÊNCIA .....	21
2.1 - SANKOFA: PODER E ANCESTRALIDADE – REALEZAS NEGRAS .....	25
2.2 - RECONEXÃO ANCESTRAL: AFROFUNK, KEMETIC YOGA E YONI DAS PRETAS .....	33
CAPÍTULO 3 - REPRESENTAÇÕES E DISPUTAS NARRATIVAS .....	48
3.1 - UBUNTU, AFETO E RESISTÊNCIA NAS PRÁTICAS ARTÍSTICAS – CINEMA NEGRO E SLAM DE POESIA .....	48
ESCRIVIVÊNCIA 3 - A EXPERIÊNCIA SLAMMER .....	67
3.2 OCUPAR E RESSIGNIFICAR – EMPODERAMENTO FEMININO NEGRO PERIFÉRICO NA TECNOLOGIA – OLABI MAKER SPACE/PRETALAB E GATOMIDIA .....	70
CAPÍTULO 4 - MULHERES NEGRAS E O PODER POLÍTICO .....	80
4.1 - POLÍTICAS DO CORPO – RELAÇÃO METONÍMICA DO CORPO NEGRO ..	80
4.2 - CORPOS DA POLÍTICA - “EU SOU PORQUE NÓS SOMOS” .....	97
CAPÍTULO 5 – CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	102
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	107

## AGRADECIMENTOS

À minha família, em especial meus pais, Marilene e Aldinei que desde sempre me incentivaram a seguir o caminho do meu coração, fornecendo o que era necessário para meu desenvolvimento: amor, carinho e apoio incondicional. Mesmo com poucos recursos, procuravam dar um jeitinho de me ajudar a segurar as contas e despesas pra conseguir morar mais perto da faculdade. Obrigada por sonharem comigo, esse sonho é por vocês também. Obrigada por me darem coragem pra seguir em frente e chegar até aqui, amo muito vocês!

Ao meu companheiro dessa e de outras vidas Vladimir por dividir comigo essa jornada de sonhos mesmo diante das dificuldades. Pelo olhar de esperança que me faz sentir que tudo é possível e que não preciso ter medo do que virá, pois o amor sempre será combustível pra qualquer coisa. Obrigada por todas as ajudas com design, artes, diagramações, por segurar a barra na nossa casinha nos dias mais corridos, por me ensinar tanta coisa, dentre elas gargalhar sempre na vida, mesmo no meio do desespero, rir de si mesmo e tirar o peso que as vezes colocamos nas costas sem necessidade. Te amo muito! Agradeço aos meus sogros Elsa e Valmir por todo o apoio e ao tão querido sobrinho que a vida me deu: Gustavo.

Aos meus amigos de modo geral, em especial os mais próximos Thaiane, Maria Clara, Luis, Vinciús, Ana Paula por compreenderem minhas constantes ausências nesse período, sempre incentivando que eu continuasse, comemorando comigo cada conquista. Obrigada por todos os abraços, cervejas e conversas profundas sobre essa vida tão louca. Tamo junto!

Aos queridos colegas da turma de 2017 do PPCULT pelo companheirismo nesses dois anos que foram verdadeiros furacões que balançaram as estruturas, numa conjuntura complexa e desanimadora para quem sonha em fazer do conhecimento, da troca e da educação ferramenta de transformação, num país que falta escola e sobra genocídio nas periferias. Em tempos de discurso de ódio e violência conhecer vocês e seguir nesse processo de luta e autoconhecimento através da academia é afeto, é um respiro que ajuda a seguir.

Agradeço em especial à amiga Paolla, um presente que esse mestrado me deu, que topou lutar ao meu lado por maior inclusão de negros e negras na pós graduação através da construção do edital de ações afirmativas, por abraçar a ideia e tocar comigo

o GT de raça e gênero, por fazer o estágio docência junto comigo, por todo o planejamento e pelas vezes que você segurou a barra por causa da minha correria de trabalho, arte e vida. Por segurar na minha mão quando mais precisei. Obrigada por toda a compreensão, por todas as conversas e por ser esse mulherão da p&\*%`\$ que eu tanto admiro, que é pureza de coração e parceira de todas as horas, minha amiga-irmã.

Agradeço muito aos professores, vocês são incríveis! São verdadeiras luzes nesse mundo, obrigada pela generosidade de compartilhar conhecimento conosco: Ana, Marildo, Rossi, Flávia.

À minha orientadora Janaina Damaceno, sou muito grata por nossos caminhos se cruzarem novamente e por tudo o que representa pra mim ter você como orientadora. É um presente, um privilégio. Obrigada por toda a sua calma e doçura que tanto me ajudaram a não desesperar com os prazos. Por todas as indicações, correções, dicas, por dedicar tempo para ler minhas produções e por me receber na sua casa sempre com um sorriso encantador me tratando com tanto carinho.

Agradeço também às mulheres negras inspiradoras que sigo encontrando nesse caminho, às que compõem minha dissertação e até mesmo às que não descrevo nessa pesquisa: Morena Mariah, Marcela Lisboa, Thais Ferreira, Janaina Refem, Clariza Rosa, Dai Ramos, Tatiana Lima, Ohana Boy, Érida Ferreira, Carmen Luz e tantas outras que enchem meu coração de felicidade, admiração e coragem.

Aos amigos poetas e slammers, artistas e cineastas que como eu acreditam que a arte é uma potência transformadora.

E por fim agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela concessão da bolsa de estudos nos últimos meses do mestrado e à todos que colaboraram direta ou indiretamente neste período.

## **RESUMO**

Uma pesquisa sobre mulheres negras poderosas. Este trabalho analisa a movimentação feminina negra na cidade do Rio de Janeiro, observando ações e projetos coletivos de empoderamento liderados por elas, que se conectam entre si, se fortalecem, produzem e compartilham conhecimento. A travessia de um corpo negro no mundo é o fio que conduz a investigação, considerando aspectos de poder, resistência, afeto e representação no processo, acompanharemos este trajeto. A partir da escrevivência como método, consideramos a produção de conhecimento e a autodefinição da subjetividade desenvolvida pelas mulheres negras em três eixos: Saberes do corpo, Saberes da arte e saberes sobre a máquina. Por fim, identificamos quais são as políticas que atravessam os corpos negros, produzindo limitações e opressões e de que maneira eles reagem se posicionando politicamente: como ampliam a ocupação dos espaços através dos corpos da política.

Palavras-chave: 1. Mulher negra, 2. Resistência, 3. Poder, 4. Produção de saberes, 5. Empoderamento, 6. Feminismo negro.

## **ABSTRACT**

A research on powerful black women. This paper analyzes the black female movement in the city of Rio de Janeiro, observing collective actions and projects of empowerment led by them, that connect with each other, strengthen themselves, produce and share knowledge. The crossing of a black body in the world is the thread that leads the investigation, considering aspects of power, resistance, affection and representation in the process, we will follow this path. From the writing process as a method, we consider the production of knowledge and self-definition of the subjectivity developed by black women in three axes: Body knowledge, Knowledge of art and knowledge about the machine. Finally, we identify the policies that cross the black bodies, producing limitations and oppressions, and how they react by positioning themselves politically: how they extend the occupation of spaces through the bodies of politics

Keywords: 1. Black woman, 2. Resistance, 3. Power, 4. Production of knowledge, 5. Empowerment, 6. Black feminism.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Sankofa.....	25
Figura 2 - B.I.T.C.H. - Imaginário Negro para combater a hegemonia (2017) - Harmonia Rosales .....	26
Figura 3 - Aqaltune e Ganga Zumba.....	29
Figura 4 - Dandara.....	31
Figura 5 - Sabrina Ginga, Taísa Machado e Renata Batista, primeira formação do grupo Afrofunk Rio .....	37
Figura 6 - Cartaz do espetáculo "A mulher que inventou a dança" .....	38
Figura 7 - Uma das aulas do Afrofunk no espaço tá na rua na Lapa.....	40
Figura 8 - Oficina Afrofunk no evento Ellas Mujeres Latinas. ....	40
Figura 9 - Caroline Amanda, idealizadora do Yoni das Pretas.....	42
Figura 10 - Oficina Yoni das Pretas no espaço Terapretas - Lapa.....	43
Figura 11 - Pose de Shu - Kemeti Yoga .....	46
Figura 12 - Aulas de Kemeti Yoga com Emaye. ....	47
Figura 13 - Still do filme Kbelá.....	50
Figura 14 - Still do filme Kbelá .....	51
Figura 15 - Mapa de exposições do Kbelá no mundo. ....	52
Figura 16 - Still do filme Elekô. ....	53
Figura 17 - Still do filme Travessia. ....	55
Figura 18 - Registro dos diretores dos filmes que participaram da mostra 'Soul in the Eye' em Rotterdam. ....	55
Figura 19 - Slam Laje na Casa Brota - Complexo do Alemão. ....	61
Figura 20 - Mc Martina palestrando no evento TEDx em uma universidade de Porto Alegre. ..	63
Figura 21 - Sil Bahia, criadora do PretaLab. ....	73
Figura 22 - Lançamento do PretaLab em março de 2017.....	74
Figura 23 - Encontros do PretaLab - Oficina Minas que programam. ....	75
Figura 24 - Thamyra Thâmara, criadora do GatoMídia. ....	76
Figura 25 - Encontros promovidos pelo GatoMídia na Casa Brota. ....	77
Figura 26 - Óculos de realidade imersiva criado artesanalmente pelos jovens no laboratório Afrofuturo.....	78
Figura 27 - Dançarinas conhecidas como 'mulheres fruta'.....	81
Figura 28 - Reality Show Lucky Ladies.....	83
Figura 29 - Mc Carol no Luck Ladies. ....	84
Figura 30 - Mc Sabrina e Mc Carol no Luck Ladies.....	84
Figura 31 - Reações nas postagens de Mc Carol.....	85
Figura 32 - Arte da Campanha "Oquetedefine" da Avon.....	87
Figura 33 - Arte da Campanha Vídeo da campanha "Oquetedefine" da Avon.....	87
Figura 34 - Campanha #AlongueSeuOlhar da Avon. ....	88
Figura 35 - Imagens de artistas com Jojô/ Clipe da artista/ Participação da artista no programa do Amaury Jr. ....	91
Figura 36 - Ilustração de Sarah sendo exibida em freak shows. ....	92
Figura 37 - Arte de Fã em homenagem a Carol/ Trecho de uma postagem da artista nas redes sociais.....	94
Figura 38 - Campanha de Mc Carol como candidata.....	95
Figura 39 - Infográfico Mulheres negras Decidem.....	100
Figura 40 - Sementes de Marielle .....	100

*Ainda assim eu me levanto (Still I Rise)*

*Você pode me riscar da História  
Com mentiras lançadas ao ar.  
Pode me jogar contra o chão de terra,  
Mas ainda assim, como a poeira, eu vou me levantar.*

*Minha presença o incomoda?  
Por que meu brilho o intimida?  
Porque eu caminho como quem possui  
Riquezas dignas do grego Midas.  
(...)*

*Meu orgulho o ofende?  
Tenho certeza que sim  
Porque eu rio como quem possui  
Ouros escondidos em mim.*

*Pode me atirar palavras afiadas,  
Dilacerar-me com seu olhar,  
Você pode me matar em nome do ódio,  
Mas ainda assim, como o ar, eu vou me levantar.*

*Deixando para trás noites de terror e atrocidade  
Eu me levanto  
Em direção a um novo dia de intensa claridade  
Eu me levanto  
Trazendo comigo o dom de meus antepassados,  
Eu carrego o sonho e a esperança do homem escravizado.  
E assim, eu me levanto  
Eu me levanto  
Eu me levanto.*

*(Still I Rise - Maya Angelou)*



## INTRODUÇÃO

**Entre São João de Meriti e Niterói, indo para Lapa.** Os primeiros versos dessa poesia-história começam nas batidas do meu coração. Um emaranhado de vontades, descobertas e horizontes que se abriram diante de mim a partir do momento em que me entendi mulher negra no mundo. Emaranhado feito os meus cabelos crespos, emaranhado feito minhas ideias: um emaranhado de potências. Mas nem sempre foi assim. A travessia é longa e muitas vezes desanimadora. Ainda na infância tive que aprender a conviver com o incômodo. Meu cabelo crespo era ridicularizado pelos colegas de escola que me apelidaram de árvore, por causa do volume dos meus cachos presos no topo da cabeça, em um penteado prático feito pela minha mãe para os dias corridos. Reclamavam também quando eu sentava nas cadeiras da frente, insinuando que atrapalhava de ver o quadro, o que me fez passar a escolher as cadeiras do fundo evitando chamar atenção. Sentar nas cadeiras do fundo me permitia observar mais os outros colegas, desenhar no papel, escrever versos e conversar mais, já que estava distante da professora.

Aliás, conversar era minha parte preferida da escola, sempre gostei de falar e meus professores chamavam minha atenção frequentemente. A comunicação já estava no meu sangue e a arte também. Eu não sabia, mas as coisas que mais me incomodavam e as críticas de comportamento que eu recebia na época faziam parte da trajetória de encontro com a minha identidade.

Quando eu tinha mais ou menos oito anos entendi que podia tentar me livrar de alguns desses incômodos, por isso insisti que minha mãe alisasse meu cabelo. Como para ela alisar o cabelo foi (e ainda é) uma realidade constante ela aceitou e me levou em um salão perto de casa onde fiz meu primeiro relaxamento. Bem irônico por sinal esse termo dado à técnica de amolecimento dos fios crespos através de produtos químicos: relaxamento. Aparentemente nos fazia relaxar mesmo, esquecer por um momento o peso de ter um tipo de cabelo odiado pela sociedade, que passa longe dos padrões estéticos. Um cabelo tenso, estressado que precisava ser relaxado...

Hoje eu entendo que toda essa tensão, todo esse peso era culpa do racismo e não do cabelo. Nossos cabelos ficavam relaxados, mas o corpo e a mente não. Seja por causa do dinheiro gasto, pois os tratamentos eram caros ou pela agressão química que

sofria durante o processo, já que o couro cabeludo queimava e tinha que aguentar a dor até o produto fazer efeito. Depois do relaxamento era a vez da escova, nunca me esqueço daquela cena: dois cabeleireiros puxando sem dó nem piedade meus volumosos cabelos com uma escova e secador na batalha para que os fios alisassem. A dor de cabeça me acompanhava por dias. Infelizmente o relaxamento tinha um prazo de validade e a sessão de tortura começava a fazer parte da minha rotina. Fui crescendo e outros métodos de alisamento iam surgindo, de escova progressiva a selagem térmica. Eu fazia todos. Acostumando aos poucos a conviver com a dor e o incômodo, pois minha mãe sempre dizia “pra ficar bonita tem que sofrer”.

Na adolescência outro apelido que eu tinha era ‘raimunda’, minha estrutura corporal curvilínea fazia minhas amigas e amigos zombarem de mim e ‘de brincadeira’ dar tapas na minha bunda de surpresa e saírem correndo. ‘Brincadeira’ que eu não via acontecendo com as meninas brancas. Aquele ‘atributo’ físico também carregava um peso significativo chamado racismo. Como sempre fui grande, tentava a todo custo emagrecer pra ver se meus quadris diminuía. Mas isso não acontecia e o sofrimento aumentava.

Não era escolhida para jogar junto com os times na aula de educação física porque de acordo com meus colegas eu era ‘lenta e pesada’. O professor pra me manter ocupada durante o tempo da aula me fazia escrever longos relatórios sobre os jogos. Não preciso reforçar o quanto aquilo me fazia odiar meu corpo e odiar escrever também. Por sorte as aulas de português e redação salvaram minha relação com a escrita, que tomou outro significado na minha vida. O mesmo não posso dizer da relação com o meu corpo. Só passei a entender que não precisava de várias dietas eternas pra emagrecer na fase adulta, quando entrei na faculdade buscando autoconhecimento. Mesmo sabendo que isso não impedia que as opressões continuassem, preferi bancar a aceitação do meu próprio corpo como ele é: empoderamento que fez toda a diferença na minha vida.

Perceber quem você é no mundo, compreender sua existência e todos os atravessamentos dela não é um processo tão simples, é complexo e com muitos fatores envolvidos. Passei a enxergar através do espelho os reflexos da minha existência diante do mundo depois que saí da baixada fluminense, lugar onde cresci e minha referência de afeto, para estudar na universidade. Fiz o ensino médio na escola pública e já percebia

aos poucos as nuances de desigualdade da sociedade. Após estudar em dois cursinhos de pré-vestibular comunitário/social<sup>1</sup> consegui a tão sonhada vaga na universidade, o que me fazia pensar que todos os problemas tinham acabado (ilusão que se dissiparia diante das dificuldades, que eram cada vez maiores e mais complexas).

Já nas primeiras semanas na faculdade estranhava os cenários que percorria. Foi um choque perceber que da turma de comunicação que tinha 25 alunos, eu era uma das poucas pessoas que vinham da periferia (mais raridade ainda era alguém conhecer minha cidade São João de Meriti). Mas os choques não pararam por aí, eu era também uma das poucas pessoas negras (duas) daquela turma, mas aí estava um dado inédito na minha trajetória: me descobrir mulher negra. Foi no ambiente da universidade que pela primeira vez observei o quanto aquela realidade era distante da minha e ao mesmo tempo o quanto eu me desconhecia, o quanto me distanciava também de buscar quem eu era e como isso era um reflexo do racismo.

Ali, longe da minha família e amigos, como um peixe fora d'água, entendi que não precisava mais sustentar algo que eu não era, algo que sempre me venderam como pertencimento nas representações da mídia e da sociedade. Parei de alisar os cabelos e quis conhecer a real textura dos meus crespos, também parei de fazer dietas para emagrecer, resolvi aceitar que eu era gorda e tudo bem, que isso não ia me impedir de 'ser bonita', aliás, pela primeira vez na vida vi a beleza em mim.

Eu tinha 20 anos e ali comecei a compreender com mais consciência o que me atravessava. O Hip Hop também ajudou a abrir os meus olhos, minha primeira possibilidade real de identificação foi ouvir a perspectiva da periferia e da negritude de forma crítica, a dura realidade da opressão constante de quem vive 'da ponte pra cá', mas que se orgulha de enxergar com resistência a própria potência. Havia um pensamento crítico social e antirracista forte que estruturava as letras de Rap, o que me fazia ampliar minha visão de mundo.

Meu interesse pela arte também começa aí, a vontade de criar um contraponto, uma abstração pra tanta opressão, reduzir o peso da existência através do olhar artístico. Fui buscando o autoconhecimento, o fortalecimento da minha identidade através do graffiti, fotografia, cinema, poesia... Meu ativismo cultural e militância negra

---

<sup>1</sup> Pré vestibular comunitário Professor Darcy Ribeiro, em São João de Meriti e Pré vestibular Ser Cidadão, na cidade nova.

começavam a tomar forma, na medida em que não encontrava espaços disponíveis para a inserção e reconhecimento de mulheres negras como produtoras de discurso e conhecimento, ocupando um lugar de fala dentro dos movimentos culturais e artísticos, fui tendo cada vez mais vontade de me movimentar para possibilitar novas representações.

Nesse processo comecei a investigar as representações femininas negras que me acompanharam e me formaram, percebi que o que eu via na TV, publicidade, cinema, mídia em geral não era o que eu queria ser. O incômodo foi maior quando entendi que os estereótipos das mulheres negras na mídia reverberavam na construção das nossas identidades, que se estruturavam subordinadas, distorcidas, cheias de insegurança e ausência de autoestima diante de padrões que nunca nos contemplavam. Decidi falar sobre isso no meu trabalho de conclusão de curso, sobre a hipersexualização da mulher negra no cinema brasileiro. Foi uma experiência terrível.

As representações midiáticas que investiguei, de *Xica da Silva* à *Sexo e as Nega*, me deprimiam de uma forma que minha escrita ficou estagnada. Era um momento de crise, mas ao mesmo tempo de motivação para procurar referências femininas negras que me inspirassem e que como eu, um dia questionaram a falta de espaço na cultura, música, literatura, cinema e mercado de trabalho. Aos poucos, fui me conectando com histórias, lideranças e exemplos de mulheres negras realizadoras, pensadoras, questionadoras.

Da crise, surgiu a motivação. Em meus estudos cinematográficos conheci o trabalho de mulheres incríveis como Yasmin Thayná com o filme *Kbela* e o coletivo Mulheres de pedra com o filme *Elekô*. Descobri que era disso que eu precisava falar: do protagonismo dessas mulheres negras no cinema nacional, que assim como eu, tentavam fazer cinema, mesmo sem acessar recursos, mesmo sem grandes janelas de exibição. Perceber as estratégias de sobrevivência e como transformávamos as dificuldades em possibilidades através da resistência era inspirador.

A experiência foi tão positiva que me incentivou a fazer o mestrado e continuar narrando nossas histórias e atravessamentos. Quando cheguei ao PPCULT o cenário já era um pouco diferente do que na graduação, mas já fiz questão de me unir e mobilizar um grupo de estudos sobre o tema de raça e gênero. Assim nasceu o Núcleo de Estudos e Pesquisas Interseccionais Marielle Franco, com o objetivo de trocar referências

teóricas, artísticas e acadêmicas de pensadores negros e enegrecer a academia através de nossas pesquisas. Em pouco tempo conseguimos com o apoio da coordenação do PPCULT construir coletivamente o primeiro edital de ações afirmativas do programa, além da parceria do PPCULT com a professora e doutora Janaína Damaceno, mulher negra inspiradora que se tornou minha orientadora no presente trabalho.

Utilizando conceitos como escrevivência, autodefinição, identidade e diferença, poder, história única, quilombo, racismo, empoderamento, feminismo, gênero e agência, pela perspectiva do giro decolonial busca-se: investigar modos de resistência ao racismo considerando a interseccionalidade das opressões em mulheres negras, observar mobilizações e conexões entre mulheres negras na cidade do Rio de Janeiro tendo como ponto de partida o encontro de trajetórias dentro de uma convivência coletiva de ativismo e militância.

Pretende-se destacar projetos, ações e iniciativas que, em sua diversidade refletem o pensamento feminista negro a partir da reconfiguração da epistemologia, centralizada agora na experiência vivida das mulheres negras. Reconhecer a produção de saberes diversos como parte da intelectualidade feminina negra e perceber como se reconfiguram dentro dessas movimentações as representações sobre o que é ser mulher negra. Por fim, pretendemos também observar a política que atravessa os corpos negros, considerando a objetificação e a gordofobia como opressão racista, em contraposição com a potência desses corpos ocupando espaços de caráter político na cidade, os corpos da política e os fatores envolvidos no processo.

Falar sobre essa pesquisa é falar sobre minha trajetória também, porque atravessamentos semelhantes me fizeram chegar até aqui. No turbilhão de acontecimentos, caminhando cada vez mais para o autoconhecimento, me descobri poeta e segui com minha carreira artística lado a lado com a acadêmica. Resistência, força e luta foram o combustível pra continuar caminhando. O afeto e a inspiração de todas as mulheres negras que cruzaram meu caminho até hoje me acolheram e por isso esse trabalho me representa.

Ser mulher, negra, periférica e querer ser artista e produzir conhecimento é enfrentar o mundo, abrir caminhos, empurrar as portas, afrontar. É ser deslegitimada o tempo todo, esbarrar nas dificuldades diariamente, e até quando conseguimos ocupar espaços de poder, protagonismo e visibilidade, sofrer racismo e opressão, que vem pra

nos lembrar de que esses lugares a princípio não foram feitos pra nós. Mas seguimos, e seguiremos nos fortalecendo, somos sementes e continuaremos brotando, nas artes, no cinema, na política, na academia, em todos os espaços que nos negaram. Quando cada uma de nós ocuparmos um espaço, traremos juntas as memórias de todas as outras.

**Marielle Presente, hoje e sempre!**

## 1 - “UM CORPO (NEGRO) NO MUNDO” - CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS

Atravessei o mar  
 Um sol  
 Da América do Sul  
 Me guia  
 Trago uma mala de mão  
 Dentro uma oração  
 Um adeus  
 Eu sou um corpo, um ser, um corpo só  
 Tem cor, tem corte  
 E a história do meu lugar  
 Eu sou a minha própria embarcação  
 A minha própria sorte...  
**(Luedji Luna - Um Corpo no Mundo)**

*Corpo negro em travessia, entregue à própria sorte. Num mundo onde não me vejo no reflexo das memórias, nas histórias e lugares, mas a voz ainda ecoa e traz o som de outras vozes. E cada vez mais vozes formam esse mar de encontros, com o mundo correndo nas veias, a palavra é mais que arma: é relâmpago. Embalo de Raios e trovões onde a travessia é turbulenta, mas absorvemos a força do vento e das águas. Não estamos sozinhas. Aprendemos com a tempestade e ela nos faz segura. Juntas somos mais fortes. Escurecendo o conhecimento, buscamos a cura. Pra fazer da liberdade mais que sorte: destino.*

Reescrever, descentralizar, transformar, resistir. A força motriz dessa pesquisa é a essência de sua origem: um corpo negro no mundo. Utilizando uma breve definição, entendo a metodologia como algo inerente a forma de ser, fazer ou observar. Um método é um caminho, pode também ser uma estratégia. Um espelho. Um mapa ou um plano de voo. Em terra, ar ou água (depende do ponto de vista). Metodologia é uma escolha passível de atravessamentos. E Quando precisei escolher qual seria a minha pensei: mas quem sou eu afinal? O que me atravessa? O que me compõe? Como me inscrevo e sou escrita?

Eu sou um corpo negro no mundo. Um corpo político. Um olhar negro no mundo. Naturalmente complexo. Uma perspectiva. Uma faísca poderosa. Uma existência subjetiva. Meu ponto de partida é esse e isso precisava estar refletido na pesquisa. Pensando em reflexos, percebo a metodologia como um grande espelho, uma forma de compreender contextos. A partir dela se delimita um espaço-tempo, antes de se escolher qual caminho e como segui-lo. Desenvolvemos uma Cosmovisão e isso é extremamente necessário para se traçar uma metodologia que seja eficaz. Por isso escolhi meu corpo como ponto de partida. E a partir dessa escolha minha travessia conduziu a pesquisa.

Escolher a escrevivência como metodologia é considerar que através de uma perspectiva subjetiva podem-se alcançar níveis de investigação profunda, análises complexas e experiências potentes. De acordo com Conceição Evaristo, sua escrita (escrevivência) enquanto autora é atravessada pela condição de mulher negra na sociedade brasileira, e isso implica em uma vivência específica e subjetiva que compõe a perspectiva desta narrativa:

Escrever pressupõe um dinamismo próprio do sujeito da escrita, proporcionando-lhe a sua auto-inscrição no interior do mundo. E, em se tratando de um ato empreendido por mulheres negras, que historicamente transitam por espaços culturais diferenciados dos lugares ocupados pela cultura das elites, escrever adquire um sentido de insubordinação. Insubordinação que pode se evidenciar, muitas vezes, desde uma escrita que fere “as normas cultas” da língua, caso exemplar o de Carolina Maria de Jesus, como também pela escolha da matéria narrada. (EVARISTO, 2007, p. 21).

Diante de um histórico de invisibilidade, silenciamento e opressão de raça e gênero é necessário reescrever e nos inscrever na história a partir da nossa subjetividade, enquanto mulheres negras de vários aspectos, assim como ocupar os espaços. Na academia, por exemplo, tão necessário quanto incorporar a escrevivência como metodologia, é importante questionar e ‘romper com a episteme’ em relação aos estudos de raça e gênero no Brasil. Olhar e analisar o campo a partir de nossas lentes, resgatando a sabedoria dos nossos ancestrais e griots: Sankofa.

Reivindicar a valorização da produção intelectual negra através da escolha de bibliografia base também atravessada por raça e gênero, da escrita e da vivência até a temática, foi a principal bússola que acompanhou essa pesquisa. Conceição Evaristo, Patricia Hill Collins, Angela Davis, bell hooks, Djamila Ribeiro, Neusa Sousa Santos, Grada Kilomba, Chimamanda Ngozi Adichie, Maya Angelou, Janaína Damasceno,



Jurema Werneck, Beatriz Nascimento, Lélia Gonzalez, Yasmin Thayná, Caroline Amanda, Emaye Ama Mizani, Thamyra Thâmara, Sil Bahia, Marcela Lisboa, Taísa Machado, Mc Carol, Jojô Marontinni, entre outras, são potentes vozes que ecoam neste trabalho através de conceitos, ideias, pontos de vista e experiências em suas mais variadas formas de intelectualidade da mente ao corpo como forma de **RESISTÊNCIA e REAÇÃO**.

Epistemologia em seu significado está relacionada à ideia de ciência da aquisição de conhecimento, onde se determina quais temas discutidos/ investigados são relevantes, quais narrativas ou interpretações conduzem o pensamento e os métodos que serão utilizados no processo, ou seja, “epistemologia, define não somente como, mas também quem produz conhecimento verdadeiro e em quem acreditamos” (KILOMBA, 2006)

Diante disso, a experiência vivida das mulheres negras como critério de significação (COLLINS, 2000) é um caminho de resistência para a renovação das bases epistemológicas, em busca do questionamento e confronto do eurocentrismo. Para a autora, uma das características do feminismo negro é a valorização das experiências vividas por cada mulher negra diante das opressões da sociedade que, transpassa o individual e se ressignifica no coletivo através da troca de experiências, de onde surgem novos saberes. Essa experiência individual-coletiva quando compartilhada se torna uma base de sobrevivência e resistência, novas narrativas são criadas e a definição da subjetividade feminina negra floresce a partir da perspectiva de construção coletiva.

Os saberes se tornam mais fluidos, a valorização da intelectualidade das mulheres negras aparece em várias formas: saberes do corpo, música, dança, afeto, oralidade, linguagem escrita, expansão da mente. A produção de conhecimento a partir de múltiplas vozes e formas é o que historicamente compõem a tradição intelectual das mulheres negras:

Desenvolver o pensamento feminista negro como teoria social crítica envolve incluir as ideias de mulheres negras não consideradas intelectuais anteriormente — muitas das quais podem ser mulheres da classe trabalhadora com empregos fora da academia — bem como aquelas que emanam de estudos mais formais e legitimados. As ideias que compartilhamos umas com as outras como mães de famílias extensas, como outras mães de comunidades negras, como membros de igrejas negras e como professoras para as crianças da comunidade negra formaram uma área crucial em que mulheres afro-americanas elaboraram um ponto de vista multifacetado de mulheres negras. (COLLINS, 2000, p.32).

É nesse contexto que nasce a pesquisa, entre a vida e a escrevivência. Minha trajetória vai de encontro com a trajetória de outras mulheres negras e a partir desses encontros e conexões busca-se valorizar a pluralidade da experiência coletiva das mulheres negras e a produção de saberes: artistas, cineastas, escritoras, terapeutas, professoras, poetas, mães, acadêmicas, dançarinas, comunicadoras, mulheres negras poderosas que se movimentam e aos poucos reescrevem a seu modo cada linha dessa história. **Eu sou uma delas e esse é o ponto de partida.**

**"Quando a mulher negra se movimenta,  
toda a estrutura da sociedade se movimenta com ela" – Angela Davis.**

**Entre o passado, presente e futuro.** Movimentar-se no espaço também é uma forma de viajar no tempo e configura uma relação entre passado, presente e futuro. Cada projeto-ação descrito nessa pesquisa reflete a movimentação de mulheres negras, considerando poder e potência, no resgate de conexões ancestrais: o contato com outras mulheres negras que no passado se movimentaram também. É um ciclo de referências que tem a escrevivência como costura e que possibilita que as ações de hoje sejam a conexão ancestral (Sankofa) de amanhã para novas mulheres negras do futuro.

Diante disso, a partir do território da cidade do Rio de Janeiro, observamos a movimentação de projetos e ações de empoderamento e resistência realizadas por mulheres negras. Registramos através de um mapa os trajetos das movimentações analisadas nesta dissertação e, em seguida, a expansão dessas ações para a esfera nacional e internacional, como consequência da projeção, impacto e alcance da potência dessas mulheres. Identificamos também as conexões internas dos projetos/ações, com um fluxo de parcerias que potencializam ainda mais o seu impacto. Percebemos que

todos estão de alguma forma conectados uns aos outros, o que gera uma rede de movimentações que se fortalece e possibilita a expansão dos projetos.

## Mapa de movimentações artísticas-políticas-culturais de mulheres negras



## **ESCREVIVÊNCIA 2 - UM CORPO (NEGRO) NO MUNDO (ACADÊMICO)**

Lembro com orgulho do que foi um divisor de águas na minha vida acadêmica, minha monografia de conclusão de curso em Estudos de Mídia. Ela começou como qualquer embrião de pesquisa acadêmica, cheia de altos e baixos, dramas e incertezas até que eu me encontrasse. Eu sabia que queria falar sobre o que me incomodava, a hipersexualização das mulheres negras, mas não sabia de que forma abordar o assunto. Depois de muitos meses de desânimo percebi que era justamente a pesquisa que me afetava. Estudar sobre os estereótipos das mulheres negras na sociedade, racismo, machismo e preconceito em vários sentidos estava me deixando deprimida. É um exercício que inevitavelmente afeta meu corpo porque faço parte desse contexto de opressão.

Entender o que estava em jogo me fez refletir sobre como eu poderia subverter e reinventar a pesquisa de forma que me aproximasse do autoconhecimento e do reconhecimento da particularidade do que é ser mulher negra. A partir daí os horizontes se expandiram, troquei os estereótipos pela potência e pela resistência e fui em busca de outras mulheres negras que, mesmo diante das opressões se movimentavam para transformar a vida uma das outras através da arte, criando novas narrativas autorepresentativas no cinema brasileiro e confrontando o discurso racista e machista da branquitude que até então falava por nós.

Com a pesquisa me conheci mais, diante desse espelho percebi que era isso que fazia a vida ter sentido pra mim. Fui confiante defender minha pesquisa e o resultado da aprovação foi combustível para a aventura que estava apenas começando. Concluí a graduação e decidi tentar o mestrado, na intenção de continuar a pesquisa, investigando as formas de resistência das mulheres negras que me cercavam, em busca também de mais autoconhecimento e fortalecimento.

Mesmo com dúvidas se o mundo da academia era um lugar pra mim, fiz o processo seletivo e consegui novamente a aprovação. Hoje entendo que o sentimento de dúvida que sempre me acompanhou, a insegurança de não se sentir pronta, capaz ou apta para ocupar os espaços, é reflexo do racismo e de seu caráter limitador. Enquanto mulher negra a sensação é de que preciso correr dobrado para dar conta de alcançar o que sempre me foi negado, mas a realidade é que nossa verdadeira potência e capacidade é ofuscada, deslegitimada e invisibilizada pelo racismo. Conhecer mulheres

negras que historicamente foram silenciadas, intelectuais plenas que contribuíram com a sociedade através da produção de conhecimento, arte e saberes em níveis de excelência me fez entender que eu não podia cair na armadilha de achar que eu não merecia estar ali. Pelo contrário, ocupar esse espaço era lutar pela memória dessas mulheres, reivindicar o reconhecimento de suas potências, fazer ecoar suas vozes através da minha.

Aceitei o desafio e tudo que o envolvia. Em cada brecha buscava a possibilidade de afrocentrar os estudos, trazer exemplos de produção de saberes fora da academia, usar textos e trabalhos de poetisas, artistas, cineastas... Foi através dos encontros do Núcleo de Estudos e Pesquisas Interseccionais Marielle Franco que surgiu a vontade de fazer do estágio docência uma extensão das atividades que realizávamos em trocas coletivas no GT. Com ajuda da amiga e companheira de estudos Paolla Moura aprofundamos a busca de referências de mulheres negras e criamos um plano de aulas totalmente voltado para a valorização da produção intelectual feminina negra e sua pluralidade com base no feminismo negro.

“Discurso e ideologia: o eco das vozes negras” foi o nome que escolhemos para o que seria a primeira disciplina que daríamos na graduação como estagiárias com supervisão da professora Flávia Lages. Decidimos fazer isso juntas, acreditando na potência da construção e aprendizado coletivo a partir da convivência de duas mulheres negras. O objetivo era investigar de que maneira são percebidas as questões de raça e gênero na sociedade e a construção dos discursos a partir do protagonismo feminino negro, empoderamento, feminismo negro e posicionamento político.

Considero o estágio docência como segundo divisor de águas na minha vida acadêmica. Eu que há alguns anos atrás estava sentada naquela cadeira, numa sala de aula na graduação, agora voltaria como professora, provocando discussões e conduzindo estudos de raça e gênero a partir da perspectiva de mulheres negras. Era o começo de uma chama dentro de mim.

Uma das primeiras surpresas foi ver que a turma tinha aproximadamente 30 alunos inscritos, o frio na barriga foi maior quando nos deparamos com o desafio de falar durante um semestre sobre raça e gênero para alunos em sua maioria brancos. Desafio novamente aceito.

No primeiro dia lemos “A nossa escrevivência não pode ser lida como histórias para “ninar os da casa grande” e sim para incomodá-los em seus sonos injustos.” (EVARISTO, 2007) - Silêncio total na sala de aula. Os olhares: perplexos, confusos, alguns satisfeitos.

Aos poucos, tímidos, os alunos negros comentavam sobre como se identificavam com as referências que íamos apresentando, alguns já conheciam, outros estavam pela primeira vez tendo contato com intelectuais negros. A cada aula os alunos participavam mais, sempre trazendo questões de vivência, experiência e subjetividade para discussão em sala. Trouxemos filmes feitos por cineastas negros, poesias e textos, algumas convidadas de dentro e de fora da academia para compartilhar saberes.

A dúvida se o conteúdo seria desinteressante para os alunos brancos foi se tornando alívio, à medida que presenciávamos um espaço de aprendizado contínuo, com respeito à diversidade, reconhecimento do lugar de fala e de níveis de privilégios que atravessavam cada um.

Durante a correção dos trabalhos finais da disciplina, percebemos que muitos alunos se diziam surpresos com o conteúdo trabalhado em aula, sobre como essas referências negras até então não tinham sido inseridas no contexto acadêmico e de como para alguns alunos nós éramos as primeiras professoras negras que eles tiveram contato durante a graduação. Um fato simbólico que fez a chama dentro de mim se acender mais a cada frase lida. Saber que a luta faz sentido e de forma prática gera impacto, mesmo quando parece passar despercebida, é um grande incentivo pra seguir em frente:

Um curso de discurso e ideologia voltado para gênero, negritude e interseccionalidade, dentro da universidade. Soa como um sonho, mas vivi pra ver tornar-se realidade. Aluno 1.[Dez. 2018]. Trabalho final da disciplina Discurso e ideologia: O eco das vozes negras. UFF, RJ.

Sinto que nenhuma matéria na universidade pode ser tão necessária quanto essa que cursei esse período, frequentando Discurso e Ideologia. Meu interesse pela ementa se deu instantaneamente. Estar em uma faculdade pública foi minha primeira tentativa na vida adulta de entender o tamanho da minha bolha, o quanto ela me condiciona e a intensidade com que ela oprime quem não é igual a mim. Aluno 2.[Dez. 2018]. Trabalho final da disciplina Discurso e ideologia: O eco das vozes negras. UFF, RJ.

Apesar de interesse anterior à estas questões, a existência desta disciplina, mesmo que como optativa, existe junto de uma grande necessidade de discutir e estudar de forma exclusiva assuntos antes só “falados por alto” dentro da minha vivência acadêmica e esse experiência trouxe uma grande amplitude de olhar para essas questões de forma a entender que, afinal, quais

as minhas reais referências de estudo? Como ganhar força para sair do canônico hegemônico e enfrentar a academia e a sociedade a partir de outros olhares? Aluno 3.[Dez. 2018]. Trabalho final da disciplina Discurso e ideologia: O eco das vozes negras. UFF, RJ.

Essa experiência vivida coletivamente foi de muito aprendizado, descoberta e intensidade, que valida à importância de uma renovação epistemológica a partir de intelectuais negras. Experiência indispensável, simbólica e enriquecedora. Um relato importante e complementar que de certa forma localiza essa pesquisa, experiências alinhadas em termos metodológicos. Uma nova perspectiva para um corpo negro no mundo, dessa vez acadêmico. Um primeiro passo de uma jornada que intuitivamente decidi seguir.



## CAPITULO 2 - CORPO, LINGUAGEM E RESISTÊNCIA

### 2.1 SANKOFA: PODER E ANCESTRALIDADE – REALEZAS NEGRAS

*Minha Ancestralidade é o espelho-história dos meus passos, sabedoria compartilhada direto na fonte: tradição. Reverência aos ancestrais! O tambor rebate no coração, ritmo da vida-memória que se refaz. Reverência aos ancestrais! Resgate para guiar os passos que virão. Raiz. Origem. Identidade. Coragem: escrita da liberdade. “Nossos passos vêm de longe!”<sup>2</sup>*

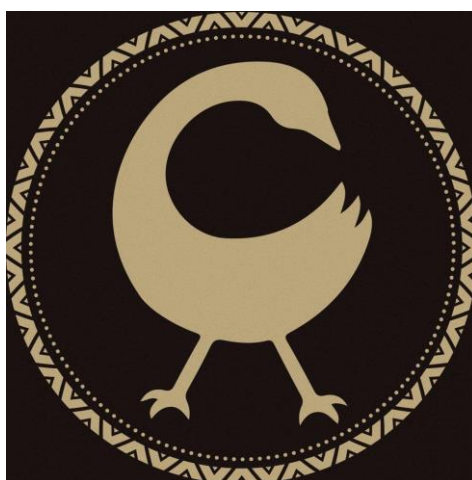


Figura 1 - Sankofa<sup>3</sup>

Sankofa faz parte da simbologia Africana Adinkra, um sistema de escrita ancestral criado pelos povos Akan, grupo linguístico da África Ocidental, localizados entre Gana e Costa do Marfim.<sup>4</sup>

Se wo were fi na wo sankofa a yenkyi

“Não é errado voltar atrás pelo que esqueceste”

O Adinkra Sankofa é formado pela silhueta de um pássaro com a cabeça virada para a calda, como se olhasse para trás, e simboliza a volta ao passado para se reconectar com a ancestralidade, e a partir disso repensar o presente e construir o futuro.

Sankofa é descrito nesta pesquisa, pois, para falar de resistência e poder é necessário voltar ao passado, aprender e observar como essas características sempre

<sup>2</sup> Frase de Jurema Werneck, utilizada constantemente pelo movimento feminista negro no Brasil como símbolo da conexão ancestral entre mulheres negras.

<sup>3</sup> Imagem retirada do site <<https://twitter.com/sankofadc>> Acessado em 27 Jan. 2019.

<sup>4</sup> Retirado do livro *Adinkra: Sabedoria em Símbolos Africanos*, com organização de Elisa Larkin Nascimento e Luiz Carlos Gá.

acompanharam o povo negro através da história e ancestralidade. Diante de um histórico de invisibilidade e silenciamento, a sabedoria dos nossos ancestrais e figuras negras de poder e luta inspiradoras, ao longo do tempo foram desaparecendo, impedidas de se tornarem referências para o povo negro, pois eram substituídas por referências eurocêtricas, muitas vezes espelhadas em colonizadores e opressores que escravizaram, torturaram e assassinaram a população negra..



Figura 2 - B.I.T.C.H. - *Imaginário Negro para combater a hegemonia* (2017) - Harmonia Rosales<sup>5</sup>

Pesquisar a história dos negros no país é se deparar com ausência de registros dos fatos, figuras e nomes. Esse corpo negro não registrado, não nomeado, é consequência das relações de poder no período escravocrata no Brasil, onde quem domina decide o que vai aparecer na história, quem vence e quem perde, quem reina e quem obedece. É a supressão do direito a dignidade e a humanidade quando se é negado rosto e nome a esses corpos negros. A partir disso percebemos distorções dos fatos e lacunas nas narrativas, e desse modo é necessário juntar os fragmentos e procurar respostas na tentativa de se montar o quebra cabeça da história do povo negro.

Os Quilombos, por exemplo, aparecem na história do Brasil muitas vezes descritos como espaços desordeiros onde se reuniam grupos de negros refugiados da escravidão. De acordo com documentos da época, no século XVII autoridades portuguesas definem, ao seu modo, o que significa quilombo: “toda a habitação de negros fugidos que passem de cinco, em parte desprovida, ainda que não tenham

---

<sup>5</sup> Imagem retirada do site da artista: <<https://www.harmoniarosales.com>> Acessado em 27 Jan. 2019.

ranchos levantados nem se achem pilões neles”. (NASCIMENTO, 1991, p.119) A repetição dessa narrativa pela visão da história única faz com que se fixe na memória uma imagem negativa de rebeldia, desordem, barbárie e perigo, relativa ao espaço do Quilombo, desconsiderando sua real estrutura.

De acordo com Chimamanda Ngozi Adichie, “É assim que se cria uma única história: mostre um povo como uma coisa, como somente uma coisa, repetidamente, e será o que eles se tornarão.”(2012) A autora nos afirma que a história única está diretamente ligada a sistemas de poder, que definem como as histórias são contadas, quem as conta, quando e quantas histórias são contadas. Poder aqui é a habilidade de contar a história de uma pessoa e de fazê-la a história definitiva dessa pessoa:

“É impossível falar sobre uma história única sem falar de poder. Há uma palavra, da tribo Igbo, que eu lembro sempre que penso sobre as estruturas de poder do mundo, a palavra é “nkali”, substantivo livre que se traduz “ser maior que o outro” Como nossos mundos econômico e político, histórias também são definidas pelo princípio do “nkali” (ADICHIE, 2012).

Ressignificando a história única a partir das pesquisas de Beatriz Nascimento, podemos perceber que alguns Quilombos com o passar dos anos foram se tornando organizações que funcionavam dentro de um arcabouço ideológico e por vezes transformavam-se em favelas diante da ausência de recursos estruturais econômicos para se autogestionarem. Entretanto, os Quilombos também poderiam ser vistos como núcleos de população negra livres do domínio colonial, comunidades que funcionavam como sistemas sociais alternativos com outros aspectos e valores culturais, estruturas familiares aglutinadoras com formas semelhantes aos Quilombos Africanos, mas adaptados para a realidade brasileira:

“É no final do século XIX que o quilombo recebe o significado de instrumento ideológico contra as formas de opressão. Sua mística vai alimentar o sonho de liberdade de milhares de escravos das plantações em São Paulo através da retórica abolicionista. Esta passagem de instituição em si para símbolo de resistência mais uma vez redefine o quilombo. É enquanto caracterização ideológica que o quilombo inaugura o século XX. dado o antigo regime, com ele foi-se o estabelecimento como resistência à escravidão. Mas justamente por ter sido durante três séculos concretamente uma instituição livre, paralela ao sistema dominante, sua mística vai alimentar os anseios de liberdade da consciência nacional. (NASCIMENTO, 1991, p. 122/123)

A definição única do significado de Quilombo como espaço de violência, desordem e carência invisibiliza as outras possibilidades de existência e não

compreende a pluralidade das vivências e pontos de vista ali localizados, além de fixar uma imagem negativa de Quilombo diretamente ligada ao corpo negro. Da mesma forma percebemos o continente Africano pautado pela história única, que distorce os verdadeiros fatos e animaliza a imagem de indivíduos negros como submissos e explorados:

“A visão que o mundo ocidental procurou transmitir da África foi a de um continente isolado e bizarro, cuja História foi despertada com a chegada dos europeus. Da mesma forma que se deu com o território de origem do povo negro, a História deste só o é se tiver sido marcada por acontecimentos significantes da História da civilização ocidental.” (NASCIMENTO, 1991, p.117).

Diante disso, Sankofa vem resgatar narrativas, reescrever a história única do povo negro pela perspectiva do poder e realeza no Brasil na África e não pela perspectiva ocidental do colonizador, destacando figuras históricas importantes como Dandara, Luisa Mahin e Aqualtune, mulheres negras poderosas, lutadoras, líderes de resistência que inspiram o presente trabalho.

#### Aqualtune

Princesa negra forte e poderosa, filha do rei do Congo. Após uma tentativa de invasão a seu reino em 1695 por reinos rivais, liderou um exército de 10 mil homens que lutaram em resistência. Após a derrota, foi escravizada e trazida ao Brasil, como narra a poesia “Aqualtune” de Jarid Arraes em seu livro “Heroínas negras brasileiras em 15 cordéis”:

Acabou num navio negreiro	Foi vendida como escrava
Que ao Brasil foi viajar	Chamada reprodutora
Nos porões do sofrimento	Imagine o pesadelo
Muito teve que enfrentar:	Que função mais redutora
As doenças e tristezas	Pois seria estuprada
E a maldade a transbordar	De escravos genitora
(...)	
Foi no porto de Recife	Sua Principal função
Que o navio então parou	Seria a de procriar
Quando muito finalmente	Estuprada na rotina
No Brasil desembarcou	Muita dor pra suportar
Aqualtune novamente	Imagine uma princesa
Teve alguém que a comprou	Isso tudo enfrentar!
	<b>(ARRAES, 2017, p.28-29)</b>

Após ser vendida como escrava reprodutora, Aqualtune é levada a Pernambuco, onde deu à luz a muitos filhos como consequência aos decorrentes estupros que sofreu.

Em um dos períodos em que estava grávida, Aqaltune ouviu a história da existência de um quilombo, local onde outros negros viviam em coletivo resistindo às opressões do sistema escravagista. A partir do desejo de se juntar e lutar junto dos seus, ela liderou uma nova revolta, com escravos locais para fugirem até o Quilombo dos Palmares, localizado na Serra da Barriga. Local onde nasceu um de seus filhos: Ganga Zumba, que anos depois se torna uma das grandes lideranças no Quilombo.

Junto com outras pessoas  
Negras de muita coragem  
Aqaltune fez a fuga  
Mesmo com toda voragem  
Foi parar em um Quilombo  
E falou de sua linhagem

Todos lá reconheceram  
Que ela era uma princesa  
E por isso concederam  
Território e realeza  
Para a brava Aqaltune  
Coroada de firmeza.  
(ARRAES, 2017, p.30)



Figura 3 - Aqaltune e Ganga Zumba<sup>6</sup>

A autora descreve que Aqaltune foi avó de outra liderança local, símbolo de luta para os brasileiros: Zumbi dos Palmares. Depois de uma trajetória corajosa de enfrentamento às opressões, Aqaltune é assassinada através de uma invasão dos bandeirantes caçadores de escravos. Sua história, apesar de pouco contada, é referência de poder e resistência, ressignificando a submissão do povo negro que sempre aparece como escravizado e incapaz nas histórias coloniais, mas que tem em suas veias a ancestralidade pulsante de luta e coragem até o fim.

<sup>6</sup> Imagem retirada do site < <https://super.abril.com.br/especiais/os-herois-desconhecidos-da-escravidao/> > Acessado em 12 Fev. 2019.

Quando ela faleceu  
 Bem idosa já estava  
 Aquilune sim viveu  
 Como líder destacava  
 Essa força feminina  
 Que a princesa exaltava

Uma história como a dela  
 Deveria ser contada  
 Em todo livro escolar

Deveria ser lembrada  
 No teatro e no cinema  
 Que ela fosse retratada  
 Quando penso em Aquilune  
 Sinto esse encorajamento  
 A vontade de enfrentar  
 De mudar neste momento  
 Tudo aquilo que é racismo  
 E plantar conhecimento.  
 (ARRAES, 2017, p.31-32)

## Dandara

Guerreira forte e corajosa que viveu no Quilombo dos Palmares como companheira de Zumbi, com quem teve três filhos. Dandara era capoeirista e ao lado de Zumbi na linha de frente, defendia o Quilombo de ataques inimigos, lutando contra a escravidão. De acordo com a autora Jarid Arraes, não se tem muitos registros sobre sua existência, não se sabe ao certo se Dandara nasceu no Brasil, mas sendo lenda ou não, sua história narra que ela viveu no Quilombo dos Palmares no séc. XVII, lutando ativamente contra as opressões, como narra a poesia “Dandara”:

Foi Dandara o seu nome  
 Que é quase como lenda  
 Não há provas de sua vida  
 E talvez te surpreenda  
 Com um ar de fantasia  
 De coragem e de magia  
 Mas assim se compreenda

Com Zumbi teve três filhos  
 E seus nomes vou citar:  
 Motumbo, Aristogíton  
 E Harmódio a completar  
 Eram esses os rebentos  
 De um casal muito sedento  
 Que se uniu para lutar

Mas Dandara não queria  
 Um papel limitador  
 Ser a mãe que cozinhava  
 Tendo um perfil cuidador  
 As batalhas lhe chamavam  
 E seus olhos despertavam  
 Pelo desafiador

Guerrear pelo seu povo  
 Era o que lhe motivava  
 O sonho da liberdade  
 Para todos cultivava  
 Sendo muito decidida  
 Era até envaidecida  
 Pela força que ostentava.  
 (ARRAES, 2017, p.48-49)

Em um dos ataques ao Quilombo dos Palmares, Zumbi consegue fugir para se esconder na mata, mas Dandara é capturada. Encurralada e sem querer se render e ser escravizada escolheu entre a submissão e a morte, se jogando de uma pedreira para fugir da condição de escrava. Seu trágico fim não apaga a memória de ter sido uma guerreira destemida que lutava pela igualdade e libertação até o último instante. Uma mulher

poderosa, grande exemplo de resistência, reação e enfrentamento pela liberdade feminina negra.

Liderava os palmarinos  
Lado a lado com Zumbi  
Entre espadas e outras armas  
Escutava-se o zunir  
Dos seus golpes tão certos  
Que aplicava bem ligeiros  
Para ferir ou confundir

Há quem diga que Dandara  
É um símbolo lendário  
Que está representando  
Um poder imaginário

Heroína para a gente  
Como deusa que ardente  
Traz o revolucionário.

Se existiu como se conta  
Ou se lenda representa  
Para mim tudo resume  
Essa luta que apresenta  
Baluarte feminina  
A guerreira Palmarina  
Na memória se sustenta.  
(ARRAES, 2017, p.50-52)

7



Figura 4 - Dandara

### Luisa Mahin

Estrategista e articuladora, Luisa Mahin viveu como princesa na Costa da Mina até ser vendida como escrava, já no Brasil em 1812 foi alforriada e passou a trabalhar como quituteira na Bahia, mas usando seu ofício para lutar contra a escravidão: em seus quitutes enrolava mensagens para articulação de motins e revoltas na região. Foi mãe de Luís Gama, poeta abolicionista brasileiro, que a partir de seus escritos registrou a memória da existência de Luisa como revolucionária que lutava a favor da liberdade negra. Luís foi separado da mãe quando pequeno e anos depois seguiu a procurar vestígios de sua história. De acordo com as pesquisas de seu filho, Luisa Mahin permaneceu incentivando a resistência e articulando negros e negras para ações de

<sup>7</sup> Ilustração retirada do livro “As lendas de Dandara” de Jarid Arraes (2016)

revolta. Há indícios de que participou de lutas históricas como a Revolta dos Malês, motivada por questões religiosas e organizada por escravos de religião islâmica, os chamados malês em 1835, e a Sabinada, realizada por militares e por integrantes da classe média como profissionais liberais, comerciantes e funcionários públicos, motivados pelo descontentamento com as imposições que vinham de Portugal em 1837, ambas localizadas na Bahia. Como ilustra a poesia “Luisa Mahin” de Jarid Arraes.

Muitas das rebeliões	Com origem dos nagôs
Dos escravos da Bahia	Os escravos muçulmanos
Tinham a participação	Ajuntados com fervor
Que Luisa oferecia	Se fosse vitoriosa
Sua contribuição	A revolta organizada
Era de grande valia	Luisa Mahin seria
	De rainha coroada
A revolta dos Malês	No Estado da Bahia
Ocorreu em Salvador	Ela seria aclamada
Foi a mobilização	<b>(ARRAES, 2017, p.88)</b>

Mesmo com os relatos de Luís Gama, a ausência de registros e documentos sobre a existência de Luisa desencadearam narrativas, por vezes estereotipadas sobre sua atuação revolucionária e militante como forma de deslegitimação. Mas ainda sim, a história de Luisa Mahin, mesmo não mencionada em livros didáticos, segue como exemplo de bravura, coragem e articulação, referência de uma mulher negra inteligente e poderosa que inspira trajetórias e que abriu diversos caminhos para a libertação.

Apesar de tudo isso	Que não fala a verdade
E de tudo que lutou	Sobre o negro insurgente
Essa mulher imponente	
Muito se silenciou	E para as mulheres negras
Pois ainda não se conta	Mahin é uma referência
Tudo que realizou	Um espelho poderoso
	Dessa forte resistência
Mas apenas sua memória	É coragem feminina
É forte o suficiente	E também resiliência.
Pra mexer na estrutura	<b>(ARRAES, 2017, p.91-92)</b>
Dessa gente incoerente	



Mencionar estas mulheres pode parecer algo desarticulado com o movimento que propomos nessa dissertação, mas não à medida que Aqualtune, Dandara e Luisa Mahin são mulheres poderosas e simbolicamente representam o Sankofa, que as mulheres de hoje buscam se conectar. A ancestralidade aqui representada faz conexão com o presente e se transpõe pro futuro, por isso é importante ser mencionada, para reforçar que nós mulheres negras não estamos sozinhas, juntas somos o eco das vozes de ontem, de hoje e de amanhã.

## **2.2 - RECONEXÃO ANCESTRAL: AFROFUNK, KEMETIC YOGA E YONI DAS PRETAS**

**Essa é uma dissertação sobre mulheres negras poderosas**, com projetos e ações poderosas, que desenvolvem conhecimentos diversos produzindo saberes sobre o corpo, sobre a máquina, sobre a comunicação, sobre a arte, sobre a sexualidade, sobre a política... Conhecimento que é compartilhado, ressignificado coletivamente e se transforma em poder. Poder que é ancestral e que representa potência e resistência.

*O som do batuque invoca os sentidos do corpo, a malemolência da ginga, gira corpo, gira mundo: girou. Matéria solta, fluida, conectada pelo ritmo. Um infinito de gestos, jeitos e formas da água. Corpo terra, se rebate pra poeira levantar. Poeira de cá pra lá, suor que é combustível do sentir-estar. Em pleno eixo, girar em si. Sangue que é luz e direciona o brincar, corpo que é criança, que dança e se deixa dançar. Equilíbrio é conexão de sopros, o som da sabedoria de um corpo que vibra lua e sol: intuição. Corpo, sagrado mantra dos sentidos, gosto do saber se amar. Espelho das movimentações internas que emana resistência. A imensidão da natureza dentro do olhar. Sintonia de frequências coletivas onde o corpo é mar e a Cura é tempestade pra se deixar navegar.*

Valorizar a pluralidade do conhecimento e da produção de saberes inerente a reconstrução das identidades diaspóricas negras dentro de uma sociedade é extremamente necessário diante das desigualdades produzidas pelas relações de poder hegemônicas. Parte do processo de reconfiguração da epistemologia se dá quando mulheres negras buscam criar formas de resistência a partir do compartilhamento coletivo de práticas e saberes da cultura negra em reconexão com a ancestralidade,

gerando fortalecimento para combater as opressões e consequências do racismo. A potência das trocas e experiências coletivas dentro desse processo subvertem a ordem epistemológica da sociedade, reconhecer as formas múltiplas de produção de conhecimento pode ser uma forma de disputar as relações de poder, é transcender e criar narrativas que recontam a história a partir do protagonismo negro.

Essa descolonização do conhecimento é importante não só como forma de resistência, mas de reconhecimento da subjetividade negra, historicamente desconsiderada e estereotipada a partir de uma visão dominante que reflete os interesses políticos específicos de uma sociedade branca colonial patriarcal. De modo que, a ciência do conhecimento ocidental como ponto de partida para a produção de conhecimento no mundo reforça o domínio de um povo em detrimento de outros, ignora-se a história e a potência de povos colonizados multiplicando a exploração, silenciamento e invisibilidade num ciclo de opressões. (KILOMBA, 2016)

Os estereótipos surgem como consequência da avaliação e classificação de quem domina sobre quem é dominado, ou seja, a centralização do poder define quem é o “outro” a partir da diferença e quem está no centro dessa relação como protagonista é o homem branco ocidental. Tudo o que for diferente, tudo que ocupar posição inferior ao eixo de dominação será classificado como “outro”(COLLINS, 2000). Diante disso, de acordo com a autora, percebemos a importância da autovalidação/ autoavaliação de mulheres negras sob perspectivas próprias, com objetivo de resistir a desumanização e objetificação de forma a descentralizar este processo.

Segundo Patricia Hill Collins, podemos perceber alguns caminhos na significação do pensamento feminista negro que fundamentam a potência da experiência e vivência das mulheres negras como produção de conhecimento. Reconhecendo a singularidade do ponto de vista feminino negro sobre as próprias experiências, a partir de uma convivência em grupo, criam-se significados pluralmente construídos sobre o que é ser mulher negra, pela perspectiva de conhecimento criado de e para mulheres negras, recusando-se definições externas estereotipadas. Por outro lado, considera-se a subjetividade também a partir de cada atravessamento interseccional, aonde raça, classe, região e orientação sexual conduzem visões sobre assuntos do mundo, que serão expressos de formas distintas por diferentes grupos de mulheres, ou seja, as teorias não

são fixas, são fluidas e dialógicas e dessa forma podem contribuir em vários aspectos para o desenvolvimento do pensamento sociológico. (COLLINS, 2000.)

A valorização não só da cultura negra como conhecimento, mas também de cada subjetividade considerando as opressões que atravessam esse corpo feminino negro conduzem esse processo de autodefinição, onde mulheres negras têm o poder de dizer quem são a partir de sua experiência de vida, e de forma coletiva recriar imagens e representações justas que refletem as bases dessa epistemologia feminista negra:

Quando essas ideias encontraram expressão coletiva, as autodefinições das mulheres negras permitiram que elas remodelassem as concepções de autoconhecimento e comunidade influenciadas por africanos. Essas autodefinições da feminilidade negra foram projetadas para resistir às imagens negativas controladoras da feminilidade negra promovida pelos brancos, bem como às práticas sociais discriminatórias que essas imagens controladoras apoiavam. (COLLINS, 2000, p.21)

Novas ideias sobre feminilidade negra surgem, a partir da experiência vivida e autodefinição, e parte disso nasce em coletivo, é o caso de mulheres negras que, não necessariamente sendo acadêmicas ou possuindo vínculo/apoio de espaços institucionais, constroem em convivência uma produção de conhecimentos contra hegemônicos. Nesse caso mulheres que não seriam consideradas normalmente como 'intelectuais tradicionais' são reconhecidas como produtoras de conhecimento. A intelectualidade negra é fluida e abrange em muitos casos variadas sabedorias: poetisas, escritoras, mães, dançarinas, terapeutas, trabalhadoras em geral, músicas, mulheres que se dedicam às tarefas do lar, acadêmicas... Todas são intelectuais à medida que contribuem de alguma forma para o autoconhecimento, empoderamento e construção das identidades negras diaspóricas, representam uma desconstrução constante do conceito intelectual hegemônico.

No Brasil, especificamente na cidade do Rio de Janeiro podemos observar uma série de movimentos de mulheres negras que em coletivo transformam significados e imagens sobre raça e gênero através da troca e compartilhamento de experiências como forma de empoderamento e sobrevivência às opressões do racismo. O presente capítulo pretende destacar alguns desses movimentos no âmbito da produção de saberes sobre o corpo feminino negro como o Afrofunk, Yoni das pretas e as oficinas de saúde holística Africana/ Kemetic Yoga com Emaye Ama Mizani.

## AFROFUNK RIO

**Entre a Pavuna e a Lapa, indo para Copacabana e Argentina.** O ponto de partida do projeto é a dançarina e pesquisadora **Taísa Machado, uma mulher poderosa.** A partir da sua vivência como mulher negra moradora da Pavuna, que desde a infância tinha a influência do funk carioca e percebia no ritmo uma forma de cultura periférica potente, ela se une a outras mulheres em um processo de investigação teórico prático sobre o rebolado. Quando adolescente curtir os bailes funks da cidade fazia parte de sua rotina, conforme sua circulação na cidade aumentava, Taísa desenvolvia mais contato com a cultura urbana. Já adulta começou a fazer aulas de teatro no grupo Tá na Rua, na Lapa, na mesma época conhece a atriz Renata Batista e a dançarina e cientista social Sabrina Ginga, integrantes cofundadoras do grupo, é quando ela diz dar início a reflexões sobre o que forma sua identidade enquanto mulher negra periférica.

A oficina do Afrofunk tem início a partir de uma mobilização da artista que decidiu fazer uma pesquisa em grupo sobre funk e o corpo da mulher negra, criando um flyer digital que compartilhou nas redes sociais para possíveis interessadas na experiência. Em um vídeo nas redes sociais<sup>8</sup>, Taísa explica que a oficina propõe a descolonização do corpo, sendo uma mistura de música, teatro e dança, macumba, dança afro e funk, mulher, corpo e disposição. Com o tempo o grupo começou a se apresentar em shows e eventos para divulgar as oficinas e também mostrar o que chamam de ‘ciência do rebolado’ como pesquisa em desenvolvimento na cidade.

---

<sup>8</sup> Vídeo disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=uNhUtJpvmFg> > Acessado em 15 Fev. 2019.



*Figura 5 - Sabrina Gínga, Taísa Machado e Renata Batista, primeira formação do grupo Afrofunk Rio<sup>9</sup>*

Entre as apresentações e oficinas, as ações vão se transformando e algumas nomenclaturas, metodologias e formas surgem: Baile das abusadas/ Festa Dazamigas (eventos realizados pelo coletivo), as oficinas de dança Univer-cidade da ousadia, ancestralidade do Tamborzão, Oficina proibidona - o ritmo dos bailes, Tamborzão vizez e Afrofunk Queer<sup>10</sup>. O grupo ainda chegou a inserir contação de histórias sobre aspectos da cultura Afrobrasileira em algumas oficinas e também a investir na gravação de uma música com videoclipe “Não me chame de morena” é composto de versos de empoderamento na linguagem funk: “Não me chame de morena, que eu fico boladona, não me chame de morena, me chame de negona!”. Com o tempo Taísa passou a protagonizar as atividades das oficinas e seguir com a pesquisa individualmente, lançando recentemente o projeto de espetáculo “A mulher que inventou a dança”, apresentado em 2019 no centro coreográfico da cidade do Rio de Janeiro:

A Primeira Mulher do Mundo viaja entre os tempos enquanto narra histórias fantásticas das vezes em que ela dançou pra sobreviver. Um ser encantado e atemporal nos mostra a melhor forma de se encontrar com o Amor, a Liberdade, os Deuses e as Guerras. Inspirada no conto das Mil e Uma Noites que é narrado por Sherazade uma mulher que conta histórias pra sobreviver a atriz e dançarina Taísa Machado da vida a Primeira Mulher a habitar a Terra, sem nome ou apego há nenhum tempo histórico A Primeira Mulher do Mundo além de um legado de insubordinação e paixão pela liberdade, deixou um presente sem tamanho para a humanidade: Ela inventou a dança. A performance trás textos de Sonia Hirsch, poemas de Castro Alves, trechos de músicas de Anelis Assumpção e BK além de textos autorais da atriz que

<sup>9</sup> Imagem retirada do Twitter do projeto <[https://twitter.com/afrofunk\\_rio](https://twitter.com/afrofunk_rio)> Acessado em 15 Fev. 2019.

<sup>10</sup> Formato da oficina voltado para o público LGBTQ com a proposta de pensar o corpo Queer no universo do funk carioca.

também assina a direção da performance.<sup>11</sup>



Figura 6 - Cartaz do espetáculo "A mulher que inventou a dança"<sup>12</sup>

Em uma plataforma de texto<sup>13</sup> que registra os processos de sua pesquisa e as experiências de vida pessoais e coletivas que atravessam o projeto, Taísa contextualiza que em algum momento dos anos 2000 as mulheres no Brasil tomaram esse simples movimento de dança que é o ato de rebolar e transformaram-no numa “fonte de poder”, um movimento de empoderamento que tem origem na cultura negra:

A palavra Bunda nasce da palavra Mbunda, que era como eram chamadas as Negras escravizadas trazidas a força de Angola que na época se chamava Reino de Mbundo, a expressão ganhou força pra denominar a área das nádegas graças a estrutura corporal das angolanas e sua maneira de andar, desenhando os passos com o balanço das ancas.<sup>14</sup>

De acordo com sua pesquisa, o ato de rebolar é milenar, já era utilizado como prática cultural por Mouras e Egípcias para preparar o corpo para o parto e para o prazer sexual. O baikoko, ritmo popular em países Africanos é uma das danças praticadas por mulheres para emanar prosperidade sexual, há também em certas culturas o respeito

<sup>11</sup> Texto de divulgação do espetáculo, retirado das redes sociais do projeto <<https://www.facebook.com/afrofunkrio/>> Acessado em 15 Fev. 2019.

<sup>12</sup> Imagem de divulgação retirada das redes sociais do projeto <<https://www.facebook.com/afrofunkrio/>> Acessado em 15 Fev. 2019.

<sup>13</sup> <https://medium.com/@garota> Acessado em 16 Fev. 2019.

<sup>14</sup> Texto de Taísa, retirado de < <https://medium.com/@garota>> Acessado em 16 Fev. 2019.

hierárquico a mulheres mais velhas que dominam o quadril e o ventre, considerando a prática como um saber ancestral: “Mexer o corpo também é um tipo de saber. Mulheres do mundo inteiro estão rebolando e transformando algo que as diminuíam num instrumento de poder”<sup>15</sup>

O objetivo da oficina é também debater o local da mulher na sociedade, investigar a relação com o corpo através do rebolado a partir da perspectiva feminina negra, que reconhece a potência da produção cultural das periferias e é fundamentada nos saberes ancestrais da cultura Africana dos povos diaspóricos: “um mergulho no universo das danças contemporâneas produzidas pelas periferias cariocas e suas essências ancestrais”.<sup>16</sup>

A metodologia das oficinas não é baseada somente em técnicas de rebolado, o conhecimento compartilhado também perpassa pela história do Brasil, história da cultura negra afro-diaspórica e influência dos Orixás, somadas a discussões sobre racismo, machismo e igualdade de gêneros, a quebra de padrões estéticos e a libertação do corpo das mulheres surge a partir do incentivo a aceitação do próprio corpo e desenvolvimento da sensualidade, que se reflete no autocuidado e na saúde da mulher: “A ideia é explorar as diversas possibilidades da expressão corporal, da herança ancestral, da musculação do órgão de expansão e fertilidade, a manutenção de afeto entre as mulheres e o poder do ventre”, afirma Taísa.<sup>17</sup>

---

<sup>15</sup> Trecho da entrevista de Taísa, retirado de < <https://oglobo.globo.com/ela/oficina-de-rebolado-com-vies-politico-sucesso-no-rio-23239274>> Acessado em 16 Fev. 2019.

<sup>16</sup> Trecho da entrevista de Taísa, retirado de <<https://marcozero.org/a-ciencia-do-rebolado-ou-como-a-danca-pode-reinventar-a-ideia-de-cultura-periferica/>> Acessado em 16 Fev. 2019.

<sup>17</sup> Idem a nota 16.



Figura 7 - Uma das aulas do Afrofunk no espaço tá na rua na Lapa.<sup>18</sup>

As aulas se expandiram para diversos locais da cidade: Lapa, Tijuca, Copacabana, Ipanema, incluindo outros estados como Bahia, Pernambuco, São Paulo, chegando até a Argentina, quando a oficina foi realizada dentro do evento feminista *Ellas Mujeres Latinas*, na cidade de La Plata em 2018.



Figura 8 - Oficina Afrofunk no evento *Ellas Mujeres Latinas*<sup>19</sup>.

<sup>18</sup> Imagem retirada do Instagram do projeto <<https://www.instagram.com/afrofunkrio/?hl=pt-br>> Acessado em 16 Fev. 2019.

<sup>19</sup> Idem a nota 18.



O projeto Afrofunk Rio se movimenta cada vez mais pela cidade, mostrando que a sabedoria do corpo é algo ancestral, a ‘ciência do rebolado’ é poder, o empoderamento de mulheres negras a partir da dança é processo de autocuidado e cura diante das opressões do racismo e machismo na sociedade: ‘A Dança é a tecnologia do corpo!’ – complementa Taísa.

## **YONI DAS PRETAS**

**Entre São Paulo e a Lapa, indo para Salvador.** Ainda falando sobre os saberes do corpo, o projeto Yoni das Pretas foi desenvolvido pela pesquisadora **Caroline Amanda, uma mulher poderosa.** Diante de um processo de reação à rotina de pressão, opressão e o peso do racismo na sociedade, Caroline percebeu que seu corpo adoecia física e emocionalmente a cada vez que não era priorizado, em detrimento de uma extensa rotina de atividades na vida acadêmica e política.

De acordo com Caroline, o corpo tem uma ‘agenda própria’ que precisa ser observada e respeitada, foi então que a partir de uma grave alteração cíclica em seu processo menstrual decidiu procurar ajuda em terapias alternativas orientadas por mulheres negras, buscando apoio afetivo no núcleo de terapia Terapretas<sup>20</sup>. Foi durante a convivência com outras mulheres negras em busca de autocuidado, numa relação atravessada principalmente pelo afeto que a inspiração se materializou no projeto Yoni das Pretas. Do sânscrito<sup>21</sup>, "yoni" representa o órgão sexual feminino e tem significados que vão desde "passagem divina" até "templo sagrado". De acordo com Caroline: "quase como um parto normal" para ensinar mulheres a se reconectarem com o que há de mais sagrado em sua existência.

Caroline é de São Paulo, mas passou a viver no rio como estudante de ciências sociais. Com o tempo foi desenvolvendo sua militância desde o movimento estudantil até o ativismo contra o racismo e genocídio da população negra. Acompanhava a trajetória de mulheres negras, mães que perderam seus filhos por decorrência da violência do estado e percebia que lidar com a constante morte de corpos negros envolvia certo adoecimento, já que invocava uma memória de sofrimento:

---

<sup>20</sup> Organização de Saúde voltada para o acolhimento de mulheres utilizando como base as práticas integrativas e complementares de Saúde, localizado na Lapa – RJ.

<sup>21</sup> Idioma antigo da família indo-europeia usado como linguagem cerimonial nos rituais hindus, na forma de mantras e hinos. É também a linguagem da yoga.

Nossos ventres, no geral, de mulheres africanas em diáspora, têm uma memória muito complexa: muita dor, muita perda, muitos abortos forçados, muitos outros abortos espontâneos que são fruto do racismo. (...) Acho que hoje eu luto contra o genocídio em outro lugar, promovendo a saúde desses ventres.<sup>22</sup>



Figura 9 - Caroline Amanda, idealizadora do Yoni das Pretas.<sup>23</sup>

O autoconhecimento e autocuidado desenvolvidos de forma afetiva por mulheres negras vão de encontro à ideia de que o corpo negro vive entre o amor e a luta. Amor é mais que uma estratégia de sobrevivência, é também a humanização desse corpo que, ao se amar ressignifica um histórico de violência em cura e potência de vida:

Geralmente enfatizam nossa capacidade de sobreviver apesar das circunstâncias difíceis, ou como poderemos sobreviver no futuro. Quando nos amamos, sabemos que é preciso ir além da sobrevivência. É preciso criar condições para viver plenamente. E para viver plenamente as mulheres negras não podem mais negar sua necessidade de conhecer o amor. (HOOKS, 1993, p.5)

Conhecer o amor é uma oportunidade de florescer no âmbito psicológico, físico e espiritual e quando esse processo acontece no ambiente de convivência de mulheres negras reflete carinho e apoio, mesmo diante das dificuldades de abandonar hábitos tóxicos e se entregar ao processo de transformação individual e coletiva, é uma nova produção de sentidos pautada no amor, um exercício de agência, autorresponsabilidade e principalmente desconstrução, como afirma Caroline:

É o lugar do 'estou me curando e quero que outras irmãs tenham essa oportunidade, que façam suas escolhas. (...) A gente está um pouco cansada

<sup>22</sup> Trecho da entrevista de Caroline, retirado de < [https://www.huffpostbrasil.com/2018/11/26/a-liberdade-os-ventres-e-as-mulheres-o-trabalho-da-terapeuta-caroline-amanda\\_a\\_23601601/](https://www.huffpostbrasil.com/2018/11/26/a-liberdade-os-ventres-e-as-mulheres-o-trabalho-da-terapeuta-caroline-amanda_a_23601601/)> Acessado em 20 Jan. 2019.

<sup>23</sup> Idem a nota 21.

de performar: a fortaleza, a acadêmica incrível, a militante com respostas para tudo. A performance cansa. O ator tem hora pra performar, mas a gente performa 24 horas por dia.<sup>24</sup>

É necessário reconhecer a humanidade desse corpo negro, pois é uma forma de compreender as consequências das opressões e como isso atravessa o processo de cura, como aponta Djamila Ribeiro em seu texto “Quem tem medo do feminismo negro” a partir de uma reflexão sobre a saúde das mulheres negras:

Internalizar a guerreira, na verdade, pode ser mais uma forma de morrer. Reconhecer fragilidades, dores e saber pedir ajuda são formas de restituir as humanidades negadas. Nem subalternizada nem guerreira natural: Humana. Aprendi que reconhecer as subjetividades faz parte de um processo importante de transformação. (RIBEIRO, 2018, p. 20/21)



Figura 10 - Oficina Yoni das Pretas no espaço Terapretas - Lapa.<sup>25</sup>

Durante os encontros, que são realizados de acordo com as fases da lua, mulheres negras se reúnem em círculos e a partir de discussões variadas, mediadas pela experiência vivida de Caroline, criam uma relação que compartilha os atravessamentos vividos por ambas, onde se identifica coletivamente os desafios e as formas de fortalecimento dentro do processo subjetivo de cada uma, considerando também o calendário menstrual do grupo. Como terapeuta menstrual, através do Thetahealer, uma técnica de cura energética que auxilia na identificação de sentimentos ou padrões bloqueadores, Caroline incentiva a expansão e renovação pessoal. A metodologia é dividida, na Lua Nova é realizada a introdução à terapia menstrual e na Lua Crescente a

<sup>24</sup> Trecho da entrevista de Caroline, retirado de < [https://www.huffpostbrasil.com/2018/11/26/a-liberdade-os-ventres-e-as-mulheres-o-trabalho-da-terapeuta-caroline-amanda\\_a\\_23601601/](https://www.huffpostbrasil.com/2018/11/26/a-liberdade-os-ventres-e-as-mulheres-o-trabalho-da-terapeuta-caroline-amanda_a_23601601/)> Acessado em 20 Jan. 2019.

<sup>25</sup> Imagem retirada do instagram do projeto < <https://www.instagram.com/yonidaspretas/>> Acessado em 20 Jan. 2019.

introdução de um propósito. Outra atividade utilizada é o pompoarismo com propósito, que ‘visa entender o assoalho pélvico como um grande oráculo, como uma potência e um exercício de poder’, inspirada pelo sagrado feminino, um reequilíbrio da sexualidade:

É esse lugar de conhecimento, de percepção de conscientização coletiva do quanto nosso ventre é sagrado, porque é. E porque também é o primeiro ventre do planeta. Se Eva e Lilith tinham uma cor, era melaninada. O primeiro ventre do planeta era africano. Então falar de ventre é falar de ancestralidade, de genocídio, de comunidade. Não é uma coisa desligada, afirma.<sup>26</sup>

A filosofia da Yoni defende o processo de cura da intimidade feminina negra através do amor e vai de encontro com o conceito de amor como ação em busca da libertação das opressões vividas, descrito por bell hooks:

As mulheres negras continuam lutando para reconhecer sua dor e encontrar formas de curá-la. Aprender a amar é uma forma de encontrar a cura. A idéia de que o amor significa a nossa expansão no sentido de nutrir nosso crescimento espiritual ou o de outra pessoa, me ajuda a crescer por afirmar que o amor é uma ação. (HOOKS, 1993, p.11).

A partir de um tipo de renascimento, busca-se a reconexão com a intimidade pela perspectiva da ancestralidade como movimento de desconstrução de uma identidade que ressignifica a feminilidade negra, muitas vezes relacionada somente a agressividade, força e resistência, definição que acompanha o corpo da mulher negra desde a colonialidade, ‘a escravidão esfacelou a dimensão da intimidade, da subjetividade, da cognição, da identidade.’<sup>27</sup> Mas ainda sim é possível subverter mais uma história única, o amor faz transcender e é mais uma forma de produção de saberes que rompe epistemes:

---

<sup>26</sup> Trecho da entrevista de Caroline, retirado de < [https://www.huffpostbrasil.com/2018/11/26/a-liberdade-os-ventres-e-as-mulheres-o-trabalho-da-terapeuta-caroline-amanda\\_a\\_23601601/](https://www.huffpostbrasil.com/2018/11/26/a-liberdade-os-ventres-e-as-mulheres-o-trabalho-da-terapeuta-caroline-amanda_a_23601601/)> Acessado em 21 Jan. 2019.

<sup>27</sup> Idem a nota 25.

Quando nós, mulheres negras, experimentamos a força transformadora do amor em nossas vidas, assumimos atitudes capazes de alterar completamente as estruturas sociais existentes. Assim poderemos acumular forças para enfrentar o genocídio que mata diariamente tantos homens, mulheres e crianças negras. Quando conhecemos o amor, quando amamos, é possível enxergar o passado com outros olhos; é possível transformar o presente e sonhar o futuro. Esse é o poder do amor. O amor cura. (HOOKS, 1993, p.12).

Yoni das pretas é resistência através do autocuidado, é poder quando possibilita um resgate da intimidade e o conhecimento do corpo para mulheres negras, é potência quando é construído coletivamente e é reação quando se movimenta.

## **KEMETIC YOGA**

"Siga os passos de seus ancestrais, pois a mente é treinada através do conhecimento." - Provérbio

Kemético de Kheti

**Entre a Lapa e a Penha, indo para Salvador, Okahand e Haiti.** Os saberes do corpo para além dele. A reconexão com a ancestralidade é ponto principal da Kemetic Yoga, prática desenvolvida na região do Kemet (Egito antigo) que através da meditação, alinhamento corporal e controle da respiração, estimula um resgate energético dos ancestrais que povoaram a região do continente africano. Acredita-se que a ancestralidade Kushita-Kemética (“Etiópe-egípcia”) contribuiu para o mundo com as ciências da matemática, arquitetura, astronomia, agricultura, química, engenharia, medicina e outras, desenvolvendo autoconhecimento e entendimento espiritual e científico profundo, compreendendo também a relação com a natureza. Kemetic Yoga invoca a sabedoria negra, recentrando o conhecimento pela perspectiva Africana. Durante a prática as mesmas posturas desenhadas nas pirâmides são reproduzidas, é a conexão de uma memória corporal ancestral curativa na forma de autocuidado.<sup>28</sup>

---

<sup>28</sup> Definição de Kemetic Yoga descrita por Emaye em uma série de posts realizados sua página de instagram, principal veículo de comunicação do projeto <<https://www.instagram.com/emayeama/>> Acessado em 25 Jan. 2019.



emayeama Pose de Shu ou Pose da  
Imortalidade. A pose clássica da Kemetic Yoga.  
A elevada ciência da respiração. Se você olha  
e não vê Yoga nessa iconografia, look again!

*Figura 11 - Pose de Shu - Kemetic Yoga*

**Emaye Ama Mizani é uma mulher poderosa,** instrutora de Kemetic Yoga, defende que a atividade além de movimentar a energia corporal, tem propriedades regenerativas através do realinhamento espinhal e como consequência controla doenças relacionadas ao stress da vida moderna, como diabetes, hipertensão e obesidade, que fazem parte da síndrome pós-traumática da escravização decorrente do colonialismo europeu:

É uma poderosa ferramenta de ensino da história, da cultura e da filosofia de nossos ancestrais que, mais uma vez, atua como um erradicador da mentalidade da memória curta que o Ocidente tenta nos implantar ao ensinar o período da escravização como sendo nosso princípio.<sup>29</sup>

A prática da Kemetic Yoga visa o desenvolvimento de um senso de propósito e compromisso com a reconstrução e a libertação da comunidade negra global que reconhece a produção de saberes desse corpo negro, desconstruindo estereótipos e reescrevendo a história única relacionada à população Africana.

<sup>29</sup> Trecho de entrevista com Emaye, disponível em <[https://www.youtube.com/watch?v=tLp\\_skKDu6w](https://www.youtube.com/watch?v=tLp_skKDu6w)> Acessado em 25 Jan. 2019.



Figura 12 - Aulas de Kemetic Yoga com Emaye<sup>30</sup>.

Emaye centraliza suas aulas na zona norte da cidade, no Parque Ari Barroso na Penha. Os encontros geralmente são gratuitos ou de baixo custo, gerando maior acessibilidade como uma forma de retornar à comunidade a potência do conhecimento adquirido. A proposta é uma experiência de convívio, troca e compartilhamento entre os alunos, em sua maioria mulheres negras, onde se estimula o equilíbrio energético também através da alimentação viva e saudável, pautada na saúde holística Africana.

Em seu projeto Merkaba promove oficinas de alimentação Ital baseada na cultura Rastafari como estilo de vida, utilizando alimentos naturais. Ital significa energia vital, princípio que direciona as combinações dos alimentos a partir do fornecimento de energia ao corpo.

As ações de Taísa, Caroline e Emaye na cidade são poder e resistência. A partir de suas movimentações criam uma rede de afeto e empoderamento que valoriza o conhecimento do corpo como poder. Cada corpo negro em alinhamento com sua dança, com a sua sexualidade e com o equilíbrio ancestral da alma, é o resgate de uma história, um mergulho individual e coletivo que transcende para um redespertar da consciência: potência que representa a intelectualidade negra.

---

<sup>30</sup> Imagem retirada do instagram de Emaye <<https://www.instagram.com/emayeam/>> Acessado em 25 Jan. 2019.

### 3 REPRESENTAÇÕES E DISPUTAS NARRATIVAS

#### 3.1 UBUNTU, AFETO E RESISTÊNCIA NAS PRÁTICAS ARTÍSTICAS – CINEMA NEGRO E SLAM DE POESIA

Na mesma cidade em que mulheres negras repensam o modo como se relacionam com o corpo de forma revolucionária, outras mulheres negras ressignificam seu corpo através do cinema e da poesia. Elas não estão isoladas, suas movimentações são conectadas coletivamente.

*Pela janela da alma percebo o mundo e é como sonhar junto. Ainda que o horizonte não se mostre: dá pra imaginar em plenitude. A escrita de luz no ar pode ter o mesmo peso do florescer das palavras. Não existem fronteiras. Nem pontos. As vírgulas é que criam os encontros. Esquinas de escrevivência entre mapas e pontes. Fluxo contínuo de vozes, múltiplas, fortes, que preenchem o peito e afagam o conhecimento direto na fonte. Encanto em sons, formas e cores. Linguagem: rascunho do coração, onde a conexão cria o sentido mais profundo. Intuições que convivem entre si, palavra por palavra. Estado poético de ser escrita de luz no infinito. Imagens que curam.*

Podemos observar que, em alguns processos ‘tradicionais’ de criação, normalmente existe um protagonista que se apresenta, comanda ou dirige as ações a partir de uma motivação individual, posteriormente abraçada pelo coletivo que a recebe como ideia, para no fim resultar em uma obra que, mesmo coletiva é assinada por um indivíduo de forma centralizada. Já os processos de criação a partir da convivência de mulheres negras em práticas artísticas propõem uma reconfiguração de método e linguagem pela perspectiva de trocas e afetos. Motivações não são mais individuais e sim coletivas, as ações são colaborativas, os textos são dialógicos, com ideias compostas de múltiplas vozes. Encontrar-se a partir dos encontros: autoconhecimento.

É nesse contexto que localizamos duas potentes movimentações de caráter artístico na cidade do Rio de Janeiro: o fazer cinematográfico negro em diáspora e a prática do slam de poesia. O que as conecta aqui é o afeto e a produção de saberes livres de forma coletiva e descentralizada: Ubuntu. Filosofia Africana que valoriza as relações humanas, parcerias e afetos. Ubuntu é compreender que uma parte estará sempre conectada a outras partes, ter consciência de que a opressão vivida por um atravessa a todos os outros.



## CINEMA NEGRO

Criação coletiva é Ubuntu, por isso, a partir da realização cinematográfica feminina negra, observamos alguns caminhos de metodologia e linguagem de três produções audiovisuais contemporâneas: Kbelá, Elekô e Travessia. Os filmes são resistência e reação quando buscam ressignificar as representações do corpo negro considerando suas subjetividades. É o poder de se autodefinir, se autorepresentar e romper com o histórico de invisibilidade o silenciamento.

**Entre Nova Iguaçu e a Lapa, indo para a Nigéria e Holanda.** O primeiro, o curta metragem Kbelá, com duração de 23 minutos, foi dirigido por **Yasmin Thayná, uma mulher poderosa**, jovem e periférica, de forma colaborativa, numa equipe de maioria negra, que deu vida a narrativa inspirada por um conto autobiográfico intitulado Mc K-bela, que falava sobre a transição capilar e as opressões racistas vivida por Yasmin na adolescência, narrando um processo de construção e afirmação da identidade da personagem como mulher negra a partir da relação com seu cabelo crespo.

Ali me conheci. Foi uma tarde de formação e aceitação. Pude perceber, naquela tarde, que o mapa da África é semelhante ao mapa do Brasil, país este que nasci, pátria esta que faz conexão tanto no desenho territorial, quanto em seus costumes e em sua beleza étnica. Nunca fui tão linda.(...) Negra eu sempre fui, mas foi ali que me tornei, reconheci e me aceitei como mulher negra.<sup>31</sup>

Percebemos uma inspiração artística baseada na experiência vivida, que aparece tendo a escrevivência como linguagem. A proposta do filme é uma narrativa não linear, que se define como ficção experimental e não segue necessariamente a trajetória da personagem principal, mas agrega as histórias das mulheres que participam dele ao enredo, o que gera um discurso dialógico a partir da experiência vivida da autora que também é comum a outras mulheres negras.

---

<sup>31</sup> Trecho retirado do conto Mc Kbelá – disponível em <[https://issuu.com/yasminthayna/docs/mc\\_k-bela](https://issuu.com/yasminthayna/docs/mc_k-bela)> Acessado em 24 Fev. 2016.

Kbela é uma experiência sobre ser mulher e tornar-se negra. Realizada de forma colaborativa por mulheres negras sobre mulheres negras, o filme é uma sequência de metáforas presentes no cotidiano de boa parte das mulheres negras do mundo. Um olhar sensível sobre a experiência do racismo vivido cotidianamente por mulheres negras. A descoberta de uma força ancestral que emerge de seus cabelos crespos transcendendo o embranquecimento. Um exercício subjetivo de autorrepresentação e empoderamento.<sup>32</sup>

Após uma verdadeira saga de realização, Yasmin Thayná sofreu um assalto e perdeu todo material da primeira versão do curta. Como alternativa mobilizou uma rede de afetos na internet onde convocou um novo elenco de mulheres negras que compartilharam suas histórias de relação com o cabelo, contribuindo com o roteiro e atuando na nova versão do filme. Para custear a produção, Yasmin realiza um financiamento colaborativo online conhecido como ‘vaquinha’ (crowdfunding) e mobiliza cerca de 117 pessoas, arrecadando R\$ 5.000 para as gravações. A estreia do filme acontece em 2015 no cinema Odeon com sessão lotada e abertura de mais horários e dias de exibição.



*Figura 13 - Still do filme Kbela.*

Uma das cenas que gera aspectos profundos de identificação entre mulheres negras que assistem o filme tem uma força impactante: a cena remete a uma ação referente ao discurso de embranquecimento estético, que oprime mulheres negras desde a infância e as faz utilizar recursos e produtos químicos, muitas vezes agressivos a saúde da mulher, para conseguir o resultado de transformação do cabelo crespo em cabelo liso. Esse efeito ocorre por pressão da sociedade e influência do racismo, que

---

<sup>32</sup> Sinopse do filme – retirada do site <<http://kbela.org/>> Acessado em 10 Fev. 2019.

gera trauma a partir da recusa da própria identidade, como nos mostra o trecho do conto Mc Kabela:

Quando mocinha, comecei a passar tudo no cabelo: Henê, pente quente, bobs. Com a modernidade, escova progressiva, chapinha, permanente afro, guanidina. Entre esses produtos, todos foram sessões de tortura estética. Pode ser que tenha ficado apresentável e deixado o cabelo sem volume durante algum tempo, mas eu me sentia feia e triste.<sup>33</sup>

A partir da narrativa, mulheres negras revisitaram coletivamente o incômodo da opressão racista enxergando-se naqueles rituais de alisamento de cabelos crespos ao assistir o filme. Rotina e realidade que marcou a memória de muitas delas na infância e adolescência, inclusive a minha. Revisitar essa sensação em coletivo, junto a outras mulheres negras vai além da identificação, a troca afetiva a partir da conexão das experiências vividas se transforma num caminho de cura coletiva que inspira a liberdade dessas prisões e padrões estéticos pautados em referências brancas.



*Figura 14 - Still do filme Kabela*

Em contraponto a dor e ao trauma percebemos o afeto como fio condutor dessa relação entre mulheres, a sensibilidade que por si só e contra hegemônica, faz com que o conceito de Ubuntu reforça a conexão de mulheres negras não só com a estrutura da narrativa, mas com a experiência vivida por Yasmin. Em coletivo também se aprende a amar, a valorizar a beleza negra, a se conectar com a ancestralidade e a obter autoestima. A construção da narrativa na a partir de um discurso de força da mulher negra através da união, tradição ancestral e voz ativa é autoconhecimento, produção de

<sup>33</sup> Retirado do conto Mc Kabela – disponível em <[https://issuu.com/yasminthayna/docs/mc\\_k-bela](https://issuu.com/yasminthayna/docs/mc_k-bela) -> Acessado em 24 Fev. 2016.

saberes que ressignifica a imagem do que é ser mulher negra, propondo outra episteme.

O filme recebeu o prêmio de Melhor Curta-metragem da Diáspora Africana da Academia Africana de Cinema (AMAA Awards 2017) e foi convidado para dezenas de festivais ao redor do mundo, entre eles o Festival Internacional de Cinema de Roterdã (IFFR, 2017) e FESPACO – Festival Panafricano de Cinema e Televisão de Ouagadougou, em Burkina Faso, o maior do continente africano.<sup>34</sup>

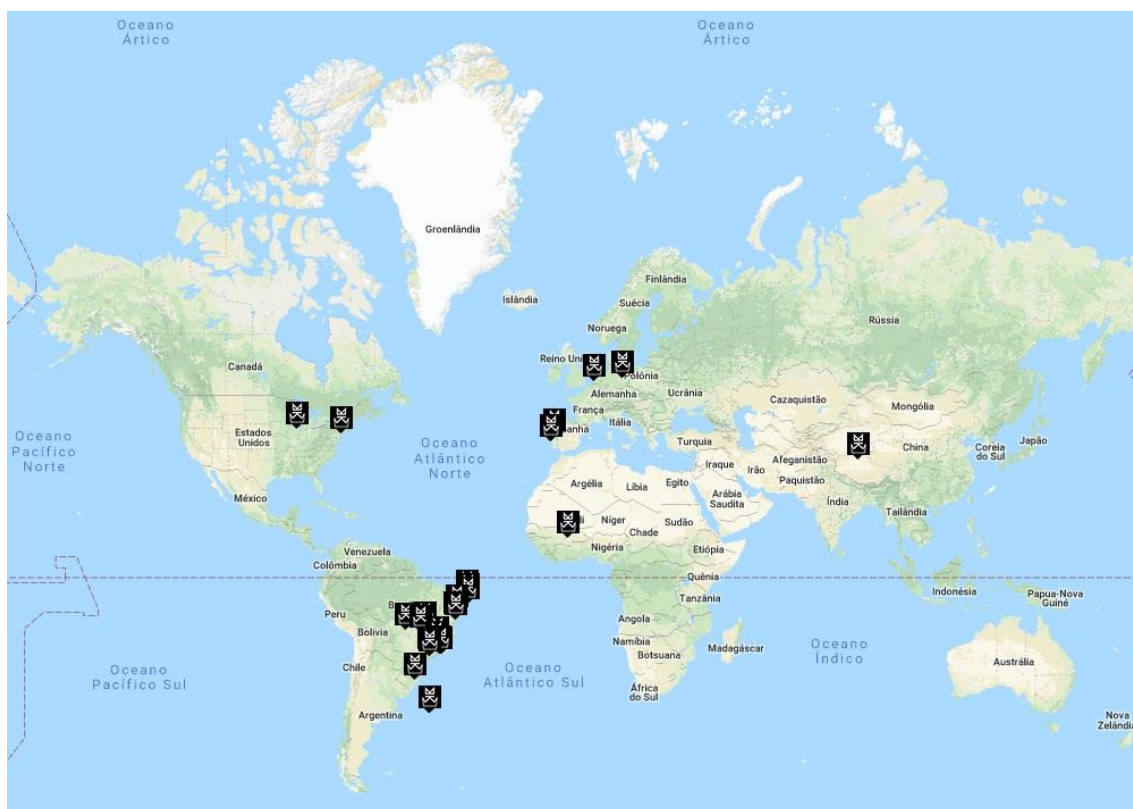


Figura 15 - Mapa de exibições do Kabela no mundo.<sup>35</sup>

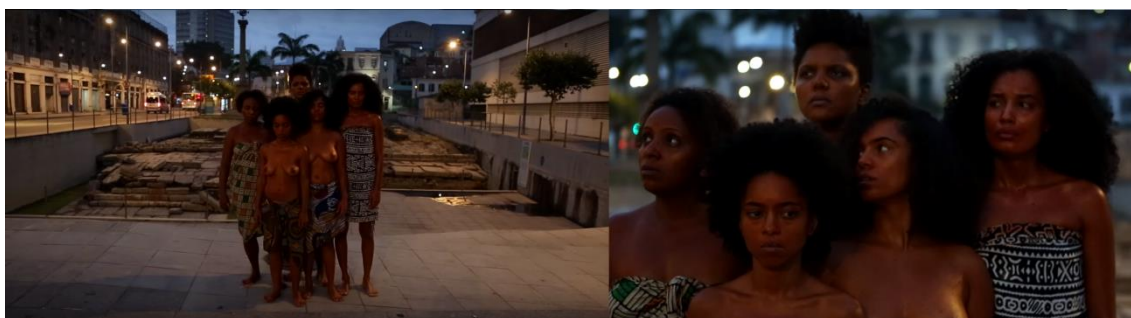
De forma semelhante o coletivo Mulheres de Pedra utiliza a escrevivência como linguagem a partir das relações de afeto em seu filme “Elekô”. Fundado em 2001, o coletivo Mulheres de Pedra é fruto de uma co-criação de mulheres, e é composto por artistas plásticas, teatrólogas, professoras, cantoras, artesãs, donas de casa, costureiras, paisagistas, cozinheiras, cineastas e produtoras. Essas mulheres são em sua maioria negras e o coletivo se localiza em Pedra de Guaratiba, na Zona Oeste do Rio. O grupo de mulheres já movimenta a vida artística do bairro com suas atividades culturais e

<sup>34</sup> Informações retiradas do site do filme <<http://kbela.org/>> Acessado em 10 Fev. 2019.

<sup>35</sup> Imagem retirada do site do filme <<http://kbela.org/>> Acessado em 10 Fev. 2019.

econômicas há algum tempo, e se definem como “Grupo de economia solidária de Pedra de Guaratiba. Trata-se de um coletivo colaborativo, horizontal, independente e autogestionado realizado por uma rede aberta de mulheres”.<sup>36</sup>

Elekô é uma ficção experimental que segue a mesma linha poética e metafórica do filme *Kbela*. As personagens tem uma relação com o corpo e falam não só sobre a questão da mulher negra na sociedade contemporânea, mas sobre a sensibilidade do feminino, a força e principalmente as trocas afetivas e compartilhamento de experiências em coletividade. Elekô, que está relacionado ao nome de uma sociedade secreta de mulheres guerreiras Africanas que tinha como líder, Obá, uma importante representante das mulheres que chamou para si funções sociais, políticas, culturais e religiosas<sup>37</sup>.



*Figura 16 - Still do filme Elekô.*

O filme *Elekô*, criado em 2015, agrega elementos da cultura e ancestralidade negra em sua narrativa, além disso, propõe um olhar sensível sobre o feminino negro, através de performances, pensamentos, escritos e referências poéticas construídas e sugeridas a partir da vivência de cada uma delas e com a atuação de todas, refletindo os atravessamentos subjetivos da relação do corpo da mulher negra frente a experiência da diáspora. O curta reforça a ideia de que o corpo da mulher negra pode ser retratado de formas diferentes ao estereótipo hipersexualizado, dando lugar a uma identidade

<sup>36</sup> Retirado da fanpage do grupo Mulheres de Pedra no facebook -

<<https://www.facebook.com/MulheresDePedra/?fref=ts>> Acessado em 07 Mar. 2016.

<sup>37</sup> Retirado do site *elekô mulheres guerreiras*

<<http://elekomulheresguerreiras.blogspot.com.br/2012/12/as-yabas.html>> Acessado em 07 Mar. 2016.

feminina negra repleta de significados positivos, fruto da resiliência sustentada pela mulher negra mesmo com a opressão vivida até hoje.

Já o curta “Travessia”, documentário criado em 2017 pela diretora Safira Moreira, surge do conceito de ‘presença da ausência’, a partir da reflexão sobre o apagamento histórico da população negra. O ponto de partida do filme é uma fotografia em preto e branco de uma mulher negra que segura uma criança branca no colo com um olhar que nos encara diretamente. No verso da fotografia, um escrito à mão refere-se a ela como “a babá”. A figura da mulher se confunde com a memória da bisavó de Safira, o retrato reflete o apagamento da memória dessa mulher, nega-se a dignidade de sua existência ao não ser nomeada. A reflexão da cena nos leva para a histórica ausência de registros fotográficos de famílias negras, que em sua maioria somente são retratadas dentro do ambiente de famílias brancas, como conta Safira Moreira:

Por eu ser agora uma mulher negra com uma câmera na mão e muitos sonhos no peito, que o curta se fez. Foi no gesto de garimpar fotografias de mulheres negras nas feiras de antiguidade do Rio de Janeiro que encontrei a fotografia que abre o filme, todas as fotos que encontrei nesse espaço provinham de álbuns de famílias brancas, logo, elas refletiam esse apagamento.<sup>38</sup>

O curta sugere um processo de cura através do reconhecimento da ancestralidade e propõe uma nova imagem das famílias negras que reflete a construção das memórias diaspóricas coletivas na cultura, família, produções artísticas, literatura, cinema. Quando o filme nos mostra famílias negras posando para a câmera, elas são agora retratadas em sua essência de forma humanizada, diferente da história única de sofrimento, racismo e opressão que acompanha algumas representações de corpos negros. O caminho de cura é autoconhecimento: a costura de afetos perpassa o filme, que através das memórias coletivas ressignificam a imagem das famílias negras no Brasil.

---

<sup>38</sup> Trecho da entrevista com Safira, disponível em < <https://www.programacinesom.com/2018/06/curta-metragem-travessia-da-diretora.html> > Acessado em 01 Mar. 2019.





*Figura 17 - Still do filme Travessia.*

Kbela, Elekô e Travessia tem mais do que a ressignificação de narrativas negras e a reconstrução das identidades em comum. Nos três filmes percebemos a escrevivência como ponto de partida e o afeto como fio condutor dessa construção que é coletiva e dialógica. A mobilização de mulheres acontece em um fluxo de circulação na cidade que transcende fronteiras, de sentido, imaginárias e territoriais. É um momento histórico, uma produção de conhecimento coletiva atravessada pela experiência vivida das mulheres negras envolvidas. Histórias criadas e contadas por e para mulheres negras.

Os filmes foram convidados recentemente para compor a mostra “Soul in the Eye” dentro do festival de cinema de Rotterdam em 2018, num panorama composto por 28 filmes intitulado Alma no Olho - O legado de Zózimo Bulbul e cinema negro brasileiro contemporâneo” como homenagem aos ancestrais que abriram caminhos no cinema negro e inspiram as realizações. Uma forma de resistência de quem segue ocupando espaços importantes e reivindicando a valorização dos saberes pela perspectiva negra mostrando que cinema negro é muito mais potência do que ausência.



*Figura 18 - Registro dos diretores dos filmes que participaram da mostra 'Soul in the Eye' em Rotterdam.*

## POESIA SLAM

Enquanto as imagens compõem novas representações do corpo no cinema negro, o som das vozes-mulheres<sup>39</sup> ecoam poder e resistência na cidade através dos versos do Slam, rompendo com o silenciamento histórico das vozes negras. O movimento Slam é inspirado na literatura marginal, que tem sido popularizada nas favelas e periferias, principalmente através de saraus de poesia como forma de arte, resistência e luta coletiva. As primeiras iniciativas surgiram, por volta dos anos 2000, na periferia de São Paulo, através de escritores como Ferréz, autor do livro ‘Capão pecado’ e movimentos como o Sarau Cooperifa, iniciativa do poeta Sergio Vaz.

A literatura marginal vai além de ser apenas uma classificação referente a quem vive à margem dos mercados editoriais, é um importante movimento periférico comprometido com a cultura e educação, inspirado pela realidade das favelas brasileiras e que possui um diálogo intenso com a linguagem poética do Hip Hop. Os dois têm em comum mais do que ‘ritmo e poesia’, uma postura política pró-ativa, que assume a responsabilidade em relação a sua comunidade e tem o desejo de combater o sistema compartilhando conhecimento, possibilitando a transformação para os territórios periféricos através da cultura e do ativismo cultural local como afirma Hollanda (2014, p31) em seu texto Crônica Marginal: “considero o hip hop como uma das forças mais criativas e eficazes dos vários usos possíveis da cultura como recurso inclusivo, de geração de renda, de promoção de conhecimento, de estímulo a educação formal e portanto de autoestima.”.

O sarau Cooperifa, por exemplo, movimenta um grande número de pessoas semanalmente, há o interesse daqueles que gostam de literatura, mas principalmente a circulação de moradores da região que são de certa forma seduzidos pela força da palavra, e esse era o objetivo da Cooperifa, como aponta o fundador Sergio Vaz em entrevista ao documentário ‘Jogo de ideias’ do Itaú cultural<sup>40</sup>:

A gente não queria aquela literatura de biblioteca, de livraria, a gente queria uma coisa com os pés no chão. Do nosso jeito, a nossa antropofagia era isso: fazer com que as pessoas primeiro ouvissem o que era, pra depois saberem o que era. A oralidade foi muito importante. A ideia da gente não era falar

<sup>39</sup> Referência à poesia “Vozes Mulheres”, de Conceição Evaristo.

<sup>40</sup> Entrevista disponível em <[https://www.youtube.com/watch?v=PKZ9TO\\_YCnM](https://www.youtube.com/watch?v=PKZ9TO_YCnM)>. Acessado em 11 Jan. 2018.



‘você tem que ler isso...’ nada! A ideia era sedução, se a gente não seduzir, não vinga.

As estratégias utilizadas nos saraus da Cooperifa para atrair o público refletem o desconforto com os julgamentos canônicos literários que desconhecem a potência da literatura marginal. É um acolhimento afetivo, ser poeta na Cooperifa é uma possibilidade para todos, o preconceito é vetado e a força da palavra percorre o ambiente e é recebida com respeito e admiração. Ninguém é mais poeta ou menos poeta, a palavra é poder e ela é dividida, todos podem compartilhar ou desabafar seus versos, sem a necessidade de títulos ou diplomas, o que chama atenção também da própria academia: “A força dos saraus, suas estratégias e particularidades na recepção das leituras de poesia por parte de um público aparentemente não iniciado em literatura é um fenômeno único e que já começa a ser objeto de estudos e teses acadêmicas.” (HOLLANDA,2014,p33)

A literatura marginal nas favelas conecta os saberes, multiplica a informação, divide o conhecimento, é um processo de reação diante da falta de acesso à cultura, que foi negada à periferia durante tanto tempo. É um importante movimento que alimenta os versos do poeta:

Já tem algum tempo que venho batendo na tecla que estamos vivendo, culturalmente falando, a nossa Primavera Periférica. A periferia de São Paulo vive hoje a mesma efervescência cultural que a classe média viveu nos anos 60/70, considerada o auge da criatividade e engajamento artístico. Desde quando o hip-hop surgiu, em meados dos anos 80, sacudindo os becos e vielas, dando voz aos excluídos e despertando os adormecidos, as ruas nunca mais foram as mesmas. As ruas, que estavam mortas, foram ressuscitadas e a literatura deu-lhes uma nova alma. Transformando as pessoas também. Quem poderia imaginar que, um dia, um sarau de poesia – entre mais de 50 que acontecem em Sampa –, no extremo da periferia paulistana, região que já foi considerada Vietnã, devido à violência extrema, poderia completar dez anos de atividade? Quem poderia imaginar que a Literatura ia invadir bares e transformá-los em centros culturais, e que esses mesmo bares iam virar cineclubes, espaços para teatro, debates, música, dança, lançamento de livros, CDs e demais práticas culturais e artísticas? Os trabalhadores estão praticando um outro tipo de esporte: a Literatura falada. Aquela que não cabe nos livros, que não aceita enquadro da gramática, e que muitas vezes discorda da concordância. Por aqui ninguém vai pedir autorização pra ninguém pra escrever poesia, conto, romance e publicá-los, ou não, em livros que se espalham falecidos pelas paredes. Se a palavra liberta, então somos livres! (VAZ,2015, p19)

A literatura falada, como cita o poeta, é uma nova forma de se fazer e consumir literatura nas periferias de forma acessível, que se opõe a classificação dos referenciais canônicos da literatura tradicional. Uma escrita literária que ‘rasura’ a realidade e que a incorpora, fortalecendo novas narrativas: “A escrita de uma nova literatura democrática

que aposta na instituição de um sistema literário partilhado, que reconhece novas subjetividades e novos atores no mundo da cultura, e na reconfiguração do próprio termo literatura.” (RESENDE,2014,p 15.)

A liberdade e as possibilidades de uso da palavra são diversas e não se resumem a escrita e leitura, muito influenciada pelo ritmo e performance do hip hop e jazz, a poesia *Slam* (*spoken word*) nasce por volta de 1986 num bar em Chicago. ‘*Uptown Poetry Slam*’ foi criado por Marc Kelly Smith, um operário da construção civil e poeta, junto com o grupo *Chicago Poetry Ensemble*<sup>41</sup> e traz consigo a potência, força e impacto da poesia falada. O formato de apresentação se assemelha a uma batalha de rimas de Hip Hop, é uma competição poética onde cada autor interpreta seus versos sem o auxílio de recursos externos, somente com sua performance e voz ao microfone e com a duração de 3 minutos. O público decide quem ganha, os jurados são escolhidos na própria plateia e atribuem notas a performance e poesia de cada poeta em placas que vão de 0 a 10. A partir dos anos 90 o *Slam* começa a se espalhar pelo país e pelo mundo chegando as periferias num processo parecido com o Hip Hop, uma ferramenta poderosa de empoderamento social pelo protagonismo periférico:

O que, entretanto, pode ser dito é que junto com uma nova literatura podemos perceber simultaneamente uma nova forma de fazer e experimentar a política. Aqui, entram em cena claramente novos atores e novas demandas. São atores não sociais que parecem ser formados prioritariamente por orientações culturais e cuja maior demanda é a demanda pelo direito de serem atores. (HOLLANDA, 2014, P 38)

A poesia *Slam* veio para o Brasil a partir do ativismo da artista Roberta Estrela Dalva, que conheceu a modalidade em uma viagem para os Estados Unidos e se encantou pela possibilidade de trazê-la ao país. Ao retornar, Roberta criou em 2008 na cidade de São Paulo o ZAP! *Slam*, a primeira competição de poesia falada do Brasil, que aconteceu numa escola de teatro da região central da cidade. A história pode ser conferida no filme "*Slam: Voz de Levante*", produzido durante sete anos pela atriz e poeta Roberta Estrela D'Alva junto com Tatiana Lohmann, o documentário levou os prêmios de melhor direção de documentário e especial do júri no Festival do Rio em

---

<sup>41</sup> Informações retiradas de matéria “Mulheres protagonizam batalhas poéticas nas ruas no slam das minas” do jornal Folha de São Paulo, disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2017/11/1931984-mulheres-protagonizam-batalhas-poeticas-nas-ruas-no-slam-das-minas.shtml>> Acessado em 10 Jan. 2018.

2017.<sup>42</sup>A partir disso o ZAP! (Zona Autônoma da Palavra) influenciou e impulsionou a proliferação das competições de *Slam* que hoje acontecem em cerca de 50 cantos do país. O *Slam* Guilhermina foi o segundo a ser criado, em 2012, mas com um diferencial: feito na praça pública, na porta de uma estação do metrô de SP. Depois disso, outros coletivos seguiram a ideia e criaram mais competições que ocupam o espaço público da cidade como o *Slam* Resistência, que acontece na praça Roosevelt.

Atualmente várias modalidades diferentes de *Slam* circulam o país, como o menor *Slam* do mundo (SP), onde o poeta tem 10 segundos para apresentar sua poesia, o *Slam* do Corpo, que é voltado para surdos e ouvintes, com as poesias declamadas na língua de sinais ou traduzidas, o *Slam* Racha Coração (SP) e o *Slam* Veia Aberta (RJ) onde só podem ser apresentadas poesias com a temática do amor e o *Slam* das Minas, voltado somente para participantes do público feminino. Todos os que realizam pelo menos seis edições ao longo do ano, conseguem garantir uma vaga para as etapas regionais, que acontecem nos estados. Os dois vencedores das etapas regionais, garantem vaga para a competição nacional, que reúne representantes de cada estado. Quem vence a etapa nacional garante vaga na competição mundial que acontece uma vez por ano na França com poetas do mundo inteiro.

Na cidade do Rio de Janeiro, o *Slam* pioneiro foi o Tagarela, o maior *Slam* do mundo criado em 2013, que permitia que a poesia fosse apresentada sem tempo limite, durando o tempo que o poeta decidisse. Seguido do *Slam* Grito Filmes, que surgiu em julho de 2016 e foi criado por um coletivo de fotógrafos, cinegrafistas e mídia-ativistas que registravam as performances em vídeo e as disponibilizavam em um canal no youtube, que hoje conta com milhares de visualizações. Depois disso, em 2017, o *Slam* das Minas veio para o Rio de Janeiro para combater o machismo e preservar a liberdade de expressão das mulheres, e ao longo do ano outros movimentos aconteceram na cidade: *Slam* Nós da Rua, realizado em Jacarepaguá por poetas que se conheceram no *Slam* Grito Filmes; *Slam* Laje, no Complexo do Alemão, primeiro *Slam* realizado numa favela; *Slam* Trindade que é um desdobramento do festival de rap de São Gonçalo, dentre outros.

---

<sup>42</sup> Retirado da matéria “ZAP! Slam: a primeira batalha de poesia do Brasil.” Disponível em <<https://ponte.org/zap-slam-a-primeira-batalha-de-poesia-do-brasil/>> Acessado em 12 Jan. 2018.

As premiações das batalhas de poesia são livros, cd's, dvd's e artigos literários, geralmente doados pelo próprio público, além da desejada vaga na final da competição regional, nacional e até mundial que acontecem no fim de cada ano. Os temas das poesias seguem uma linha de protesto, resistência e crítica em relação a estrutura da sociedade: racismo, machismo, identidade de gênero, política, diversidade sexual, diferenças e injustiças sociais.

Assim como o movimento dos *Slams* incentivou muitos jovens da periferia a se interessarem por poesia e literatura, uma iniciativa na cidade seguiu o mesmo caminho e contribuiu muito com o empoderamento cultural e artístico dos indivíduos periféricos, a Flup – Festa literária das periferias, criada em 2012<sup>43</sup>, tem o objetivo de reunir, conectar e estimular a produção literária periférica no Rio de Janeiro, possibilitando o contato com a literatura através de palestras, debates, encontros poéticos e até *Slams* de poesia e publicação de livros, encurtando a distância entre a periferia e o mercado editorial, já que existe um interesse contínuo por parte dos escritores periféricos de divulgação e publicação de seus trabalhos: “Tudo indica que a literatura marginal e seus autores, além de procurarem uma escrita de denúncia, de resistência, de compromisso com a transformação social, honrando suas raízes hip hop, buscam também um lugar na série literária.” (HOLLANDA, 2014, p34)

A Flup realiza uma edição anual de encontro literário, sempre nas favelas da cidade, além de um ciclo de formação de novos autores da periferia, totalmente gratuito e com acompanhamento de mentores e publicação de livro com os autores ao término do ciclo. Na edição de 2016, a Flup escolheu a Cidade de Deus para seu encontro anual e realizou três ciclos de formação: narrativas curtas, poesia e quadrinhos com o lançamento do HQ Cidade de Deus – 50 anos, em homenagem a história da favela. Nesse ano houve o Rio *Poetry Slam*, competição que revelou nomes importantes da poesia marginal falada como Mel Duarte(SP) e influenciou poetas iniciantes a desenvolverem suas performances: “ Eu fiquei encantada, porque eu nunca tinha ouvido poesia ser recitada daquela forma”<sup>44</sup> – afirma Sabrina Martina, conhecida como Mc

---

<sup>43</sup> Retirado do site da Flup. Disponível em < <http://flup.net.br/a-flup/o-projeto/>>. Acessado em 11 Jan. 2018.

<sup>44</sup> Retirado da matéria “Batalha de poesia invade o Rio” do jornal O dia. Disponível em < [https://odia.ig.com.br/\\_conteudo/rio-de-janeiro/2017-07-30/batalha-de-poesia-invade-o-rio.html](https://odia.ig.com.br/_conteudo/rio-de-janeiro/2017-07-30/batalha-de-poesia-invade-o-rio.html)>. Acessado em 12 Jan. 2018.

Martina, que fazia parte do público do evento e na mesma semana criou coragem para se apresentar em uma competição de poesia e depois dali não parou mais.

**Entre o Complexo do Alemão e o centro do Rio, indo para Salvador, Porto Alegre, São Paulo e Atlanta.** Rapper, compositora e poeta<sup>45</sup>, **Mc Martina é uma mulher poderosa.** Organizadora do *Slam Laje*, que acontece no espaço Casa Brota no Complexo do Alemão, também ocupado pelo projeto GatoMidia. Um dos principais objetivos do *Slam Laje* é mostrar como funciona a batalha poética para a favela, propagar a cultura e a literatura e incentivar as crianças e jovens a criarem e falarem suas poesias.



Figura 19 - Slam Laje na Casa Brota - Complexo do Alemão.

A partir das atividades do *Slam Laje*, Mc Martina pesquisou mais sobre os *Slams* e em uma viagem a São Paulo, conheceu e se inspirou pelo trabalho do coletivo Poetas Ambulantes, que realizam intervenções poéticas no transporte público da cidade paulista. Mc Martina juntou-se a outros amigos e criou o coletivo Poetas Favelados, uma livre inspiração que em terras cariocas se tornou um coletivo de poetas de periferia que buscam a circulação na cidade através do afeto e da troca com o público, não só em transportes públicos como trens, BRT e ônibus, mas também em praças e eventos. O grupo realiza o “ataque poético”, uma apresentação repentina onde todos os poetas recitam versos autorais em formato de *Slam* após o grito coletivo: “ataque poético, poetas favelados – abra seu coração!”.

---

<sup>45</sup> Existe uma certa oposição das poetas mulheres em relação ao uso da palavra “poetisa” como classificação das artistas do gênero feminino, devido a ideia de que é uma modificação na palavra original que já é substantivo feminino, o outro motivo é que “poetisa” era o título dado para as esposas dos poetas antigamente, portanto por resistência e combate ao machismo elas se recusam a serem chamadas de “poetisa”.

O empoderamento de Martina tem início no movimento HipHop e se desenvolve a partir da convivência e participação de projetos voltados para juventude e tecnologia na periferia como o Movimentos<sup>46</sup> e GatoMídia, assim como o contato com o Slam de poesia, que passa a ser fundamental na construção de sua identidade enquanto mulher negra através da convivência com outras mulheres negras e compartilhamento de experiências. Seu ativismo, militância política, racial e cultural tem como consequência grande mobilização e circulação na cidade, alcançando pessoas e lugares a partir da valorização da produção de saberes com base na experiência vivida, que pode aparecer na forma de música, poesia, pensamento... É a intelectualidade negra sendo desenvolvida em suas variadas formas. A transformação da ausência em potência numa costura de afetos na cidade através de movimentações, articulação e comunicação da juventude.

Em seus versos Martina desenvolve aspectos do racismo num trajeto histórico desde a escravidão, passando pelo encarceramento negro em condições desumanas nos sistemas prisionais até o genocídio naturalizado nas favelas que destrói corpos negros inocentes numa rotina de violação de direitos.

São os pretos que mais morrem,  
 correm, sangram e levam chibatadas.  
 Pretos  
 Que estão lotando cada vez mais as senzalas  
 Num país que tem  
 a terceira maior população carcerária.  
 Somos nós as principais vítimas de bala perdida,  
 por estarmos descalços  
 com o cabelo pro alto sem camisa.  
 (...) angústia bate no peito,  
 nem sempre é fácil ser tão forte  
**Pretos - Mc Martina**

A poesia surge como resposta às opressões racistas na sociedade, numa narrativa de dentro pra fora, que tenta humanizar esse corpo negro e questionar o genocídio num grito poético que transmite conhecimento através da oralidade. É a produção de saberes através da arte, que surge na periferia onde se foi negado o acesso à educação e promove impacto, alcançando mais lugares do que se imagina. Diante de sua atuação como ativista e poeta, Martina é constantemente convidada para realizar palestras e

---

<sup>46</sup> Um grupo de jovens de várias favelas e periferias do Brasil que propõem ações e discussões sobre violência, racismo e uma nova política de drogas.

eventos em outros estados e países. Recentemente sua arte chegou em Atlanta (Georgia) e ela segue se movimentando e compartilhando histórias, conhecimento e poesia.



Figura 20 - Mc Martina palestrando no evento TEDx em uma universidade de Porto Alegre.<sup>47</sup>

Desse modo, percebemos que se faz importante a presença de mulheres e homens negros na literatura, não só pela questão da representatividade, da resistência e do repúdio as mediações canônicas, é um processo de reação as opressões sofridas. A literatura negra traz consigo referências culturais, aspectos religiosos e a subjetividade negra periférica contemporânea. O *Slam*, por ter como base a poesia falada, se assemelha muito a oralidade ancestral negra, onde os *Griots*<sup>48</sup> compartilhavam a sabedoria de seu povo, experiência de vida e tradições culturais para os mais novos na forma de contar histórias. Podemos considerar que o *Slam* ocupa esse papel de transmissão de conhecimento através da oralidade para os povos negros periféricos, as próprias poesias feitas por negros e negras transmitem a força e resistência da escrita e da sabedoria dos povos negros e muitas são escritas com esse objetivo intencional assumido pelas poetisas: poesia feita de mulheres negras para mulheres negras.

A força da escrita dessas mulheres é tão potente que, a exemplo disso, a final do *Slam* das Minas RJ que ocorreu na praça do Largo do Machado em outubro de 2017,

<sup>47</sup> Imagem retirada do instagram de Martina <[https://www.instagram.com/mcmarina\\_/?hl=pt-br](https://www.instagram.com/mcmarina_/?hl=pt-br)> Acessado em 28 Fev. 2019.

<sup>48</sup> Chama-se griot (pronúncia: "griô") um personagem importante na estrutura social da maioria dos países da África Ocidental, cuja função primordial é a de informar, educar e entreter. O griot é antes de tudo o guardião da tradição oral de seu povo, um especialista em genealogia e na história de seu povo. Retirado da publicação "Griot" do site Info escola. Disponível em <<https://www.infoescola.com/curiosidades/griot/>> Acessado em 13 Jan. 2018.

reuniu um grande público e revelou uma final composta somente por mulheres negras, ou seja, em todas as competições durante o ano as vencedoras das eliminatórias foram mulheres negras, que estavam reunidas ali para serem ouvidas pelo público.

Brenda Lima, uma das finalistas, transmite em seus versos os vestígios da escravidão, mas também a reação do povo negro, a força da ancestralidade que vem influenciada pelo poder dos orixás das religiões de matriz africana. Sua performance revela suas habilidades artísticas como a dança, a capoeira e o canto, heranças ancestrais do povo negro. Em “O aviso de Xango”<sup>49</sup>, a poeta desdobra seus versos numa narrativa histórica, atravessada pelas referências dos orixás como base para resistência do povo negro e inicia sua performance cantando de forma suave e lenta, como quem revive uma memória que deixou cicatrizes:

Quando olhei pro mar,  
 lembrei de minha vinda para cá.  
 E o barulho das correntes ainda vieram perturbar.  
 É que até hoje morre preto, Senhor,  
 Nas esquinas de qualquer lugar.  
 Qual a dívida que temos, Senhor?  
 Quero falar com Oxalá.

A partir de questionamentos, Brenda resgata uma memória das dores vividas por seus ancestrais durante o período da escravidão em uma relação direta com o genocídio da população negra nos dias atuais através da crítica que também sugere uma reação. Diante da plateia interpreta seus versos ritmados de forma intensa e agressiva, com a fúria de quem resiste e reage as opressões vividas:

Eu tenho um navio negreiro lotado de contas pra acertar,  
 não é ódio, é justiça!  
 Xangô quem mandou avisar,  
 Saravá meu pai!  
 Eu sou a sombra dos meus ancestrais escravizados,  
 sou poesia, chibatada,  
 sou a música e a dança que quase apagaram.  
 Sou sorrateira, traiçoeira, sou capoeira!  
 (...)  
 Eu sou o choro de dor nas noites de açoite,  
 sou escravo, rei e rainha que pra cá o branco trouxe.  
 Eu sou o traçar de novas trajetórias,  
 eu sou a fuga para as quilombolas,  
 sou as rezas em Yorubá que tentaram calar,

---

<sup>49</sup> A transcrição da poesia de Brenda Lima foi realizada através dos vídeos que registraram as performances. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=V2oCijLsNAI>> Acessado em 28 Mar. 2018.



sou o fogo da esperança nos olhos dos poetas.

A poeta traça os deslocamentos do corpo negro escravizado e o sofrimento do açoite, mas também a reação a partir da potência cultural e ancestral do povo negro, sugerindo que a força e a resistência surgem dessa conexão, mesmo diante de tantas tentativas de interrupção. A voz ativa na poesia mostra o combustível da luta quando ainda existe ‘o fogo da esperança nos olhos dos poetas’.

Já na performance da também finalista Carol Dall Farras, cantora, compositora e instrumentista, percebemos um jogo de entonações, sua interpretação dos versos é às vezes irônica, às vezes agressiva. É como se seu corpo falasse também, ela anda de um lado para o outro em planos altos e baixos. Sua performance é intensa e seus versos refletem um raciocínio denso, analítico e complexo. Sua poesia é um protesto contra a escravidão contemporânea, um relato narrativo de abusos e de lutas, que aponta a violência física e psicológica vivida pelos corpos negros até hoje e as tensões entre brancos e negros, além dos aspectos da violência policial<sup>50</sup>:

Na ponta do abismo lá vai a mãe preta.  
 Aguenta o infinito em um corpo que o grito  
                                 socorro acusa suspeito.  
 Não chora e nem fala das mortes diárias,  
                                 pariu cinco vezes sem anestesia  
                                 e com falas no ouvido: preto é firme.  
                                 Teu corpo foi alvo da falta de amor.  
 Teu peito batuca a dor de um dos filhos que ontem dormiu.  
                                 Quando no escuro da noite  
                                 um corpo fardado mirou sem certeza por causa da cor.  
                                 Mas preto é forte, sempre ouvi falar.  
 Mae preta resiste desde que não sabia o que era existir.

Em seus versos, Carol descreve a realidade da opressão de mulheres negras e mães associadas a ideia única de suportar todas as violações de seus direitos pelo caráter da força, mesmo quando sofrem a perda de um filho vítima de genocídio através da violência policial, em incursões constantes pautadas no racismo e realizadas nas favelas e periferias do Brasil. A poesia representa um desabafo diante de tanta pressão, um desejo de respiro pra quem tem aguentado o peso sem folga ‘Mãe preta resiste desde que não sabia o que era existir’.

---

<sup>50</sup> A transcrição da poesia de Carol Dal Farra foi realizada posteriormente ao evento através dos vídeos que registraram as performances. Disponível em [https://www.youtube.com/watch?v=DbQXy\\_jcCXE&t=122sl](https://www.youtube.com/watch?v=DbQXy_jcCXE&t=122sl)> Acessado em 28 Mar. 2018.

Diante disso, podemos observar que, tanto no cinema negro, quanto no Slam, mulheres negras tem se movimentado cada vez mais pra ressignificar suas representações. As experiências vividas, quando se encontram são Ubuntu. Essa união é conhecimento. Seja numa produção imagética, combatendo estereótipos e disputando narrativas ou numa produção poética-literária transmitindo conhecimento através da oralidade, essas mulheres poderosas falam em si, para si e por si, criando um fluxo afetivo de identificação que reflete resistência e movimenta as estruturas de poder. É autoconhecimento através da arte, é produção de conhecimento, narrativa e memória. É reação e potência na cidade.

### ESCREVIVÊNCIA 3 - A EXPERIÊNCIA SLAMMER (COLETIVO POETAS FAVELADOS)

Em 2017, o coletivo Poetas Favelados realizou um *crowdfunding* nas redes sociais para conseguir arrecadar dinheiro para a ida de alguns integrantes a Flip – Festa literária internacional de Paraty, um importante e tradicional evento literário reconhecido no país e no mundo, que homenageava pela primeira vez em sua história um autor negro: Lima Barreto, além de abranger lançamentos de livros de outros autores negros como Lázaro Ramos e Conceição Evaristo. Na programação oficial não houve nenhuma competição de poesia, mas o *Slam* das Minas SP e RJ se reuniram cooperativamente e realizaram uma edição especial da competição dentro de uma feira de autores independentes na Flip em Paraty, como forma de resistência e protesto, já que um evento tão importante da literatura brasileira se recusava a reconhecer e dar espaço a literatura marginal presente nos *Slams*.

Durante a programação da Flip foram realizados diversos ‘ataques poéticos’ pelo coletivo nas praças da cidade, em parceria com o coletivo Poetas Ambulantes. Um grupo de mais ou menos quinze poetas, todos recitando seus versos e vendendo suas zines<sup>51</sup> e livros de poesia de mão em mão, em contato direto com o público, sem palco nem microfone. O coletivo Poetas Favelados compareceu ao *Slam* das Minas e, por ser uma das integrantes<sup>52</sup> participei da competição e conquistei a vitória, garantindo uma vaga na final da competição carioca do *Slam* das Minas. Neste momento é importante considerarmos um breve relato de experiência vivido durante o evento:

Julho de 2017. Eu nem podia imaginar, mas naquele mês ganharia uma viagem a Paraty. Era por causa da Flip, a festa literária internacional de Paraty, que sempre ouvi falar, mas nunca pude ir, pela falta de grana. Tinha menos de 6 meses que eu voltava a escrever poesia. Na verdade nunca me desconectei de um estado poético, por um período deixei a poesia adormecida em mim, hibernando. E ela acordou. Levei na mala olhos e ouvidos atentos e encantados, prontos pra experimentar cada vez mais poesia. Meus amigos, os poetas favelados foram comigo. Chegando lá encontramos uma cidade hostil,

---

<sup>51</sup> Um hábito comum entre os poetas marginais é a confecção de zines, pequenos livros e folhetos que contém suas poesias, já que quase não possuem espaço para publicações em editoras, muitos acreditam que essa é uma forma de propagar a arte, possibilitar o acesso a um número maior de pessoas e conseguir dinheiro. O processo de venda das zines é chamado de “manguear”, caminhar pela cidade recitando e oferecendo o produto.

<sup>52</sup> 9 Fiz parte do coletivo “Poetas Favelados” entre 2017 e 2018, através da convivência pude realizar uma observação participante durante o período. Fomos juntos ao evento e todos do coletivo puderam se apresentar, a partir da possibilidade conquistei a vitória na competição e considerei importante compartilhar os acontecimentos vividos no presente relato.

estranha. Era o primeiro ano em que um autor negro era homenageado pelo evento: Lima Barreto. Muitos negros circulavam na cidade. Nas praças ao invés de escravos, tínhamos a pele negra livre, respirando literatura. Contando suas próprias histórias e finalmente protagonizando a programação de um evento importante naquele local. Mas nem tudo é o que parece. Nos sentimos vigiados, câmeras nos filmavam, delimitavam até onde poderíamos ir. Logo nós, poetas favelados, acostumados a percorrer becos e vielas, ficamos restritos as ruas centrais da cidade. Ruas de pedras, difíceis de andar sem olhar pro chão. Pareciam labirintos, mais tarde descobrimos: nossos ancestrais escravizados que colocaram pedra por pedra em cada rua. Ordenados pelos senhores brancos que decidiram que as pedras seriam de tamanhos diferentes para que os negros, enquanto carregassem as carroças de seus donos, tivessem dificuldade de andar e olhassem sempre pra baixo, nunca nos olhos dos senhores. Ora, a liberdade não era bem o que parecia. Continuávamos de cabeça baixa, com os olhos pro chão. Era óbvio que não éramos bem vindos ali. A noite fomos a competição de Slam, poesia falada. Competi e com uma força ancestral cheguei até a última etapa e ganhei. Meus "versos perplexos com rimas de sangue e fome" falavam sobre a vida nas favelas, sobre o genocídio da população negra e sobre a liberdade do feminino. No fim do evento fui abordada por uma mulher, que me parabenizou e disse que minha poesia era boa. Começou com um elogio, mas foi tomando forma de corretivo: "Sua poesia é boa, mas tem muitos versos, muita gordura. É uma poesia gorda." Estranhei, mas ainda estava tomada pelo êxtase de ter vencido pela primeira vez uma batalha de poesia falada. A adrenalina corria pelo meu sangue, e ela continuava: "Mas eu tenho doutorado, sou especialista em literatura, posso ajudar você diminuir os versos." Ali fui diagnosticada. Ainda chocada, agradei e silenciosamente refleti. A culpa não era minha. Mais uma vez tentaram me silenciar. Se minha pele negra não é, pelo menos minha poesia vai ser livre. Não preciso de mediações, interferências nem sermões. Minha arte não se cala, meus versos transbordam e minha poesia não tem limites porque é gorda sim: não cabe nas regras, padrões e preconceitos.

Percebe-se aqui uma forte desqualificação do lugar de fala, artística e intelectual de uma mulher negra e periférica criar seus próprios versos, uma castração poética é sugerida por uma autora letrada, tradicional e 'competente' para averiguar padrões de escrita literária. Um reflexo da inquietação do 'canônico em relação ao marginal' como nos afirma Hollanda (2014, p34): "o primeiro argumento desqualificante é a norma culta, o segundo é nenhuma filiação do autor na série literária.". Se formos refletir a partir disso, existem outros fatores desqualificantes presentes: os reflexos do racismo e do preconceito social e linguístico diante da potência da poesia marginal periférica, sem dúvida um agravante que incomoda. A resposta que escolhi para a intervenção questionadora da abordagem descrita foi no formato de poesia<sup>53</sup>:

Certa vez me disseram que a poesia era o livre retrato das palavras que voam  
 Como uma fotografia em movimento, Era as vezes borrada, manchada de  
 fragmentos de luz. Mas, mesmo imperfeita: intensa, ecoa. E essa era sua  
 beleza. Tive certeza: Quis ser poeta. Minha poesia transbordava, enchia,  
 transpassava, escancarava e... brilhava, berrava, gritava, confundia e

<sup>53</sup> A poesia foi escrita após o acontecido e recitada em alguns eventos posteriormente acompanhada da narrativa da situação vivida.

explicava. Era o completo preenchimento dos espaços vazios em mim. Mas de tão parecida comigo, de tão ampla foi criticada. Recusaram a suculência de minhas palavras, a protuberância de minhas frases nuas, carnudas e cheias de curvas. Onde as letras derrapavam, escorregavam e num impulso se dissipavam pelo ar. Gritaram-me gorda, gritaram-me gorda e negra. Quiseram me lipoaspirar, me embranquecer, me moldar. Acharam minha poesia muito cheia de versos negros, perplexos, fora do padrão convexo, sem nexos, nem sexo. Minha poesia não cabia nas roupas justas que a crítica me vestia. Era preciso cortar, medir, reduzir, ponderar, clarear. Mandaram-me malhar minhas rimas, diminuir palavras, não usar gírias: pra caber na norma culta da língua! Me sufocaram, forçaram uma dieta. Não escrevia mais que duas linhas por dia. Segui apática... Quase cedi, mas lembrei por um momento, do pássaro livre em movimento. Percebi que nas linhas tortas da minha existência é que mora a beleza e a poesia das coisas. Por isso minha poesia é gorda, minha poesia é gorda e negra sim! Porque é livre, porque não concorda, questiona. Porque sonha e se derrama pra além dos limites, recusa as normas e foge dos índices. Minha poesia se ama assim: do jeito que é. Recusa comparações, racismos, provocações. E eu sou exatamente como ela: sendo gorda continuo leve, sendo negra continuo livre! Eu e minha poesia voaremos juntas, alegres e nuas, em um futuro breve. Pois não cabemos nas páginas, nossas palavras sangram e vão muito mais além.

### 3.2 OCUPAR E RESSIGNIFICAR - EMPODERAMENTO FEMININO NEGRO PERIFÉRICO NA TECNOLOGIA – OLABI MAKER SPACE E GATOMIDIA

Neste momento dentro da esfera tecnológica, investigamos a produção de saberes do corpo negro desta vez sobre a máquina, refletindo um poder de comunicação, inovação e criatividade a partir da potência da produção tecnológica negra e periférica. São técnicas, ferramentas, usos, sistemas e ideias desenvolvidas, uma forma de ressignificar e criar dispositivos e narrativas a partir da experiência vivida: corpos negros que se inscrevem na tecnologia .

*Rede, ideia de que estamos interligados virtualmente, o que não se vê, mas se sente. Um emaranhado de tecnologias humanas, fragmentos, dados, que se dilatam cada vez mais. Fluxo contínuo de informação, onde o muito nunca é demais. Um mar de ondas sem água: frequências, sinais, transmissões, movimentos. Representação das coisas, de nós, pensamentos. Ressignificação do tempo. Redimensionar o espaço e reduzir as distâncias: não existe longe ou perto. Saberes compartilhados sobre modos de viver, fazer, criar, olhar, sentir, sem errado nem certo. Digital: narrativas sobre o mundo, onde a imaginação é veículo para se chegar a origem, ou ao final. Um mergulho profundo ou superficial. Realidade paralela, impressão do mundo em 3D. Reexistência política do ser. Caixa de ressonância para as vozes que normalmente não seriam ouvidas: Poder. Viagem no tempo, na possibilidade de remixar, recriar, refazer, para enfim no mundo se inscrever: renascer.*

Podemos perceber que este momento onde se considera a inserção de mulheres negras na tecnologia é conjuntural, pois compreende o avanço do fluxo das informações no mundo a partir do desenvolvimento humano através da internet. Dessa forma quem detém o domínio da tecnologia, detém o poder, e essa estrutura reflete as relações de opressão dos corpos negros desde a colonização.

É necessário consideramos aqui alguns aspectos sobre o pós colonial para compreender melhor os atravessamentos deste processo a partir do conceito de giro decolonial. Segundo Stuart Hall, o pós-colonial está relacionado a mudança nas relações globais, pois trata-se de um momento de transição entre o período dos impérios a pós-descolonização:

Consequentemente, o termo pós colonial não se restringe a descrever uma determinada sociedade ou época. Ele relê a “colonização” como parte de um processo global essencialmente transnacional e transcultural – e produz uma reescrita descentrada, diaspórica ou “global” das grandes narrativas imperiais

do passado, centradas na nação. (HALL, 2002, p. 109)

Para Anibal Quijano, o conceito pós-colonial abrange uma tentativa de emancipação das sociedades exploradas diante do imperialismo e neocolonialismo, onde o conceito de raça surge como classificação social. Podemos compreender raça como uma categoria mental da modernidade, uma forma de legitimação das relações de dominação no período colonial, que resulta em um mundo baseado na perspectiva eurocêntrica de conhecimento. A colonialidade impõe um tipo de classificação racial/étnica da população mundial que amplia o domínio de uns em detrimento de outros como parte de um padrão de poder/colonialidade do poder com a seguinte estrutura: colonial/moderno, capitalista e eurocentrado. (QUIJANO, 2002). A partir da colonialidade podemos considerar raça e racismo como “o princípio organizador que estrutura todas as múltiplas hierarquias do sistema-mundo” (GROSGUÉL, 2008)

Percebendo o racismo como um dos atravessamento nas relações de poder mundiais, cria-se uma tensão ao reivindicar o reconhecimento da produção de saberes dos corpos negros, já que ela se encontra fora da lógica do eurocentrismo, que relacionado a colonialidade do saber, funciona como uma forma de controle da subjetividade e intersubjetividade da cultura moderna, com profundas consequências na universalização de uma única forma válida de produção do conhecimento (QUIJANO, 2005)

Diante dos aspectos do pós-colonial, a partir da definição do conceito de colonialidade do poder e colonialidade do saber, a ideia de giro decolonial surge como sugestão de uma nova organização mundial do poder, um movimento de resistência teórico e prático, político e epistemológico, à lógica da modernidade/colonialidade. (BALLESTRIN, 2013) É nesse ponto que relacionamos a ‘atitude decolonial’ aos projetos PretaLab e GatoMídia, liderados por mulheres negras que se movimentam na cidade incentivando o protagonismo negro e periférico na tecnologia.

## PRETALAB

**Entre a Maré e Botafogo, indo para Alemanha e Suécia.** Acreditar que a tecnologia pode ser ferramenta de transformação social é a filosofia do Olabi Maker Space, um espaço que se propõe a ser “um conjunto de ferramentas e um sistema para democratizar a produção de tecnologia em busca de um mundo socialmente mais

justo”<sup>54</sup>. A organização funciona pelo método maker<sup>55</sup>, incentivando que se criem aparatos tecnológicos livres dentro do espaço, que denomina-se como “um ambiente em que o erro é permitido, onde as pessoas podem entrar em contato e desenvolver projetos ligados à eletrônica, robótica, permacultura, inteligência artificial, fabricação digital, artesanato, marcenaria, design, dentre outras técnicas.”<sup>56</sup>

Através da construção de redes de troca e compartilhamento o Olabi incentiva a criação de projetos, programas e políticas de inovação que podem ser produzidas por diversos sujeitos da sociedade, considerando que os aspectos subjetivos podem trazer grandes contribuições tecnológicas que facilitem a vida dessas pessoas e suas comunidades.

Dentro desse sistema que se desenvolve o PretaLab, projeto que visa coletar histórias sobre mulheres negras e indígenas na tecnologia do Brasil. De acordo com **Sil Bahia, uma mulher poderosa**, diretora do Olabi e criadora do PretaLab, quase não existem dados sobre envolvimento de mulheres negras com a tecnologia no país, o que acarreta grandes níveis de desigualdade. A ideia nasceu de uma inquietação a partir das experiências vividas por ela que, ao acessar alguns espaços relacionados a tecnologia se questionava sobre porque não haviam pessoas negras nesses espaços além dela, mesmo sabendo que enquanto mulher negra desenvolvia esse contato com a tecnologia de várias formas, assim como outras mulheres negras que conhecia:

“A questão da tecnologia é muito mais que um conhecimento técnico, é uma questão política. Se o mundo é cada vez mais digital, se esses saberes são cada vez mais importantes, se o digital é cada vez mais linguagem, se a gente tá fora disso a gente perde muito poder de intervenção no mundo. (...) Sem esse poder, acabo deixando que apenas uma visão de mundo seja vista e reconhecida como algo legítimo”<sup>57</sup>

Para bell hooks, uma das formas de deslegitimação da intelectualidade negra também é o controle do próprio significado de intelectualidade, podendo ser relacionado aqui com os conceitos de produção de conhecimento na tecnologia que é diretamente associada ao homem branco:

<sup>54</sup> Definição retirada do site do projeto < <https://www.olabi.org.br/> Acessado em 07 Jan. 2019.

<sup>55</sup> O movimento Maker: Trata-se de um método de aprendizagem baseado no “ensinamento do fazer”, que se apóia em aspectos como cognição incorporada, aprendizado profundo, habilidades de raciocínio, confiança, criatividade e inovação.

<sup>56</sup> Trecho de descrição do projeto, retirado do site < <https://www.olabi.org.br/> Acessado em 07 Jan. 2019.

<sup>57</sup> Trecho da entrevista de Sil retirado do site <<http://www.idealafixa.com/posts/a-pretalab-esta-mapeando-e-convocando-mulheres-negras-e-indigenas-da-tecnologia>> Acessado em 07 Jan. 2019.



“É o conceito ocidental sexista/racista de quem e o quê é um intelectual que elimina a possibilidade de nos lembrarmos de negras como representativas de uma vocação intelectual. Na verdade dentro do patriarcado capitalista com supremacia branca toda a cultura atua para negar às mulheres a oportunidade de seguir uma vida da mente, torna o domínio intelectual um lugar interdito. Como nossas ancestrais do século XIX só através da resistência ativa exigimos nosso direito de afirmar uma presença intelectual O sexismo e o racismo atuando juntos perpetuam uma iconografia de representação da negra que imprime na consciência cultural coletiva a ideia de que ela está neste planeta principalmente para servir aos outros.” (HOOKS, 1995, p. 5)



Figura 21 - Sil Bahia, criadora do PretaLab.<sup>58</sup>

Mulheres negras ocupando espaços relacionados à tecnologia e inovação é uma forma de intelectualidade, é reescrever a história única que delega o poder a quem historicamente domina a produção do conhecimento. É a descentralização do fazer tecnológico, uma atitude decolonial que questiona a ocupação dos espaços somente pela lógica eurocêntrica. Pensar nas tecnologias é pensar quem produz essas tecnologias, portanto a diversidade se faz necessária nos locais de produção, co-criação e criação, um processo diretamente relacionado à disputa do poder, como afirma Sil Bahia:

“As tecnologias estão carregadas com as visões políticas, econômicas e culturais de quem as cria – e esse poder hoje está centrado nas mãos de homens, brancos, heterossexuais, classe média/ricos. Isso já potencializa uma grande desigualdade. (...)Tecnologia é a linguagem do século 21. É política, é poder, é direitos humanos, é cidadania. É fim e é meio. Tem que andar em conjunto com todas as outras causas e pautas, senão estaremos sempre um passo atrás.”<sup>59</sup>

<sup>58</sup> Imagem retirada do site do projeto <<https://www.pretalab.com/>> Acessado em 07 Jan. 2019.

<sup>59</sup> Trecho da entrevista de Sil, retirado de <<https://revistapegn.globo.com/Noticias/noticia/2018/08/estudo-aponta-falta-de-diversidade-no-mundo-da-tecnologia-e-inovacao.html>> Acessado em 07 Jan. 2019.



Figura 22 - Lançamento do PretaLab em março de 2017.<sup>60</sup>

Dessa forma, com a intenção de mapear mulheres negras e sua relação com tecnologia, o PretaLab realizou pesquisas, entrevistas, dados, vídeos, histórias e traçou um panorama geral do Brasil sobre representatividade de gêneros e raças no universo da inovação. Em quatro meses, 570 histórias de mulheres negras e indígenas de 17 a 67 anos, das cinco regiões do país, foram coletadas. O levantamento apresenta dados da realidade feminina dentro do mercado da tecnologia: 20% das entrevistadas conheciam alguma iniciativa que ligava mulheres negras à tecnologia; apenas 22% entraram na área por meio de centro formal de ensino (como escola técnica e universidade); e pouco mais da maioria, 52%, acredita que a internet, grupos informais de apoio ou outras formas autodidatas são o melhor caminho para aprender assuntos ligados à tecnologia.<sup>61</sup>

A partir disso, foram realizados encontros com mulheres negras para promover um espaço de troca de experiência vividas, compartilhamento de saberes e modos de fazer relacionados a tecnologias diversas, como a oficina “Minas que programam”, feita em 2018 com mulheres negras interessadas em programação que contestavam uma ideia comum do mercado de que os homens têm maior habilidade para programar. Juntas elas transformaram a ausência e falta em potência, exercitando a programação de forma coletiva. PretaLab defende a ideia de que a produção de conhecimento na tecnologia surge de um processo de experimentação, e diante do recorte de raça e gênero o direito de experimentar se faz extremamente necessário, já que uma vez estimulado rompe com a limitação criativa gerada pelo racismo e resulta em um processo com maior potência, como relata Sil Bahia:

<sup>60</sup> Imagem retirada de < <https://www.pretalab.com/> > Acessado em 11 Jan. 2019.

<sup>61</sup> Dados da pesquisa PretaLab, retirados de < <https://www.pretalab.com/> > Acessado em 11 Jan. 2019.

“Quem é pobre e nasce na periferia/subúrbio, sempre é negado ao direito de experimentar, de errar. E eu acho que na cultura maker, poder errar faz toda diferença. Precisamos passar por esse local de experimentação porque a criança, ela não tem apegos e preocupação quanto ao erro. Mas nós, que somos adultas, pobres e mulheres, somos todo tempo cobradas para sermos melhores em dobro; e tudo o que cai numa exigência permite menos o nosso potencial criativo.”<sup>62</sup>



Figura 23 - Encontros do PretaLab - Oficina Minas que programam.<sup>63</sup>

Desse modo, percebemos a importância do PretaLab como ferramenta que amplifica a voz das mulheres negras, que historicamente, de acordo com Lélia Gonzalez (1983, *apud* RIBEIRO, 2018, p.24), foram tratadas como infans, aquelas por quem se fala, que não falam por si sós. Mulheres negras produzindo conhecimento aliado a tecnologia se configura como um grande passo de ressignificação e libertação, uma forma de luta e resistência que também amplia o desenvolvimento da intelectualidade negra.

## GATO MIDIA

**Do Complexo do Alemão para Mexico, Angola, Nova York.** Seguindo a mesma linha de atuação que o PretaLab baseada na tecnologia, o GatoMídia é um projeto criado no complexo do alemão em 2013, localizado no espaço de Coworking<sup>64</sup> Casa Brota, que também acredita na importância de descolonizar o olhar sobre o que é inovação no Brasil. Trata-se de uma rede de aprendizado e trocas coletivas com uma metodologia específica, voltada para jovens negros e moradores de espaços populares,

<sup>62</sup> Trecho da entrevista de Sil, retirado de <<http://www.ideafixa.com/posts/a-pretalab-esta-mapeando-e-convocando-mulheres-negras-e-indigenas-da-tecnologia>> Acessado em 11 Jan. 2019.

<sup>63</sup> Imagem retirada de <<https://www.pretalab.com/>> Acessado em 14 Jan. 2019.

<sup>64</sup> Modelo de trabalho baseado no compartilhamento de espaço e recursos de escritório, reunindo entre os seus usuários os profissionais liberais, empreendedores e usuários independentes.

incentivando o desenvolvimento da comunicação e a produção de narrativas negras e faveladas como forma de conexão com o mundo a partir de espaços de experimentação: “Nossa rede tem a favela como principal referência em produção de conhecimento, tecnologia e inventividade. E a partir dessa criatividade acreditamos que podemos usar a comunicação e a tecnologia para solucionar problemas locais e construir alternativas para um futuro mais igualitário e afetivo.”<sup>65</sup>, afirma **Thamyra Thâmara, uma mulher poderosa**, criadora do projeto GatoMídia.



*Figura 24 - Thamyra Thâmara, criadora do GatoMídia.*

A metodologia de aprendizado utilizada compreende a experimentação, inspiração, prática e criação, seguida do desenvolvimento e compartilhamento do conhecimento produzido através de uma rede de oportunidades. Dentre as ações realizadas prioritariamente dentro do território do complexo do alemão o GatoMídia já desenvolveu uma série de residências, encontros, filmes, imersões, eventos e laboratórios como: Residência “Favelado 2.0 – Construindo Gambiarras para o Futuro”, “Quem São os Makers da Favela?”, “Bateu Uma Onda Forte”, Residência Favelada 2.0, Residência WAGIKISA, Laboratório Afrofuturista, entre outros. A ideia é estimular a experimentação de tecnologias como a fotografia, produção de vídeo, como empreender, comunicação, construção de texto criativo, ativismo na web, cobertura colaborativa, social mídia, programação e produção de realidades imersivas.

O movimento Maker é um princípio norteador do GatoMídia, a partir da ideia de gambiarra como ferramenta estética, do hackeamento de processos tecnológicos, e considerando o uso do low tech (baixa tecnologia) como possibilidade criativa potente,

---

<sup>65</sup> Definição sobre o projeto retirada do site <<https://gatomidia.com/quem-somos/>> Acessado em 14 Jan. 2019.

mesmo sem grande infraestrutura, o projeto acredita que é possível criar novas narrativas sobre a periferia, produzir conhecimento, inovação e tecnologia de forma impactante:

“Assim como para o movimento maker tradicional a impressora 3D é uma das principais ferramentas de criação, pra gente (do lado de cá) a gambiarra é a essência da cultura maker no Brasil. Todas as criações populares, em favelas e periferias do Brasil, inventadas para resolver problemas cotidianos, a escassez ou a presença seletiva do estado tem mostrado a potência criativa nesses territórios.”<sup>66</sup>



Figura 25 - Encontros promovidos pelo GatoMídia na Casa Brota.<sup>67</sup>

O projeto Afrofuturo<sup>68</sup>, por exemplo, possibilita a gravação da rotina e dos modos de vida da periferia a partir de uma câmera 360°, gerando uma narrativa de realidade imersiva. Para além de registrar e filmar, os jovens são incentivados também a criar uma ‘gambiarra’ de exibição de forma totalmente artesanal, com diversos materiais recicláveis, criando seus ‘óculos’ de realidade imersiva de baixo custo.

<sup>66</sup> Trecho retirado do site <<https://gatomidia.com/2019/01/21/gambiarra-a-essencia-da-cultura-maker-no-brasil/>> Acessado em 17 Jan. 2019.

<sup>67</sup> Imagem retirada do instagram do projeto <<https://www.instagram.com/gatomidia/?hl=pt>> Acessado em 17 Jan. 2019.

<sup>68</sup> Inspirado no Afrofuturismo, movimento pluridisciplinar que utiliza a música, as artes plásticas, a moda, entre outros elementos e que estabelece o encontro entre a história, o resgate da mitologia e cosmologias africanas com a tecnologia, a ciência, o novo e inexplorado.





Figura 26 - Óculos de realidade imersiva criado artesanalmente pelos jovens no laboratório Afrofuturo<sup>69</sup>.

Um dos conceitos difundidos pelo GatoMídia é o de ‘MECNOLOGIA’, a ciência de ficar tranquilão’, que surge a partir de uma expressão que vem do funk carioca: “MEC”, que significa “ficar tranquilo”, “suave”. O neologismo Mecnologia é uma tecnologia social que permite aos favelados ter tranquilidade, mesmo diante de um contexto de ausências e faltas:

“Aqui, muito mais do que “faça você mesmo”, sempre foi “faça com o que tem”. Do mototaxi que resolve os problemas de mobilidade, aos puxadinhos que resolvem os de moradia, ou o gatonet criando acesso a internet. (...) é resolver tensões do dia a dia, como tomar banho na caixa d’água para driblar o calor ou dar calote no BRT para resolver a falta de acesso ao restante da cidade. A periferia foi criando sua própria forma de estar na cidade. Colocada à margem, mas se auto referenciando em suas próprias criações.”<sup>70</sup>

São estratégias práticas e criativas que surgem diante da ausência do estado, políticas públicas e investimento no território, como soluções criativas para a sobrevivência e qualidade de vida. Conceituar a Mecnologia funciona como a valorização dos saberes favelas com base na própria realidade da periferia: “saberes esses que tem relação direta com a matriz cultural africana, e justamente por isso são inferiorizados por quem determina o que deve ser ou não considerado conhecimento digno de ser conceituado”<sup>71</sup>. Essa conexão com a ancestralidade tem dimensão física também, já que historicamente as favelas foram criadas a partir da libertação de negros

<sup>69</sup> Imagem retirada do instagram do projeto <<https://www.instagram.com/gatomidia/?hl=pt>> Acessado em 17 Jan. 2019.

<sup>70</sup> Trecho do texto “Mecnologia”, idealizado por Thamyra Thâmara e Marcela Lisboa, retirado de <<https://medium.com/@thamyrathmaradeараjo/mecnologia-a-ci%C3%Aancia-da-tranquilidade-9a07808639f9>> Acessado em 17 Jan. 2019.

<sup>71</sup> Idem a nota 67.

escravizados, que passaram a viver em comunidade num sistema próprio, como um tipo de Quilombo urbano.

Repensar o futuro pela perspectiva negra e periférica, considerando a potência das produções tecnológicas do território da favela, assim como a possibilidade de produzir e acessar informação é empoderamento e como consequência gera direitos, de comunicação, cidadania, entre outros, esse é o objetivo das ações do GatoMídia, promover esse contato e multiplicar o conhecimento de forma colaborativa.

Diante disso, observamos que a tecnologia está relacionada à ancestralidade, já que também é uma forma de narrar o mundo. Essa produção de conhecimento é realizada historicamente pelo povo negro através da tradição da oralidade e da comunicação, portanto para além de ressignificar as histórias e recusar estereótipos como os de população atrasada, dominada e inferior em termos de desenvolvimento, é necessário encarnar uma atitude decolonial e considerar que os corpos negros carregam uma memória ancestral de saberes que precisa ser valorizada, além de possibilitar que na contemporaneidade cada vez mais corpos negros se enxerguem dentro da tecnologia, como capazes de produzi-la. Resistência é descentralizar o poder, diversificar a produção de conhecimento, reduzir as desigualdades. A cultura negra e periférica é naturalmente maker e o reconhecimento dessa prática como fonte de saber e intelectualidade é urgente.

Segundo bell hooks, a intelectualidade feminina negra é uma forma de transformar a consciência e a vida da população negra, mesmo quando o processo reflete o peso das opressões vividas, a transcendência é compensatória: “Quando o trabalho intelectual surge de uma preocupação com a mudança social e política radical (...) e é dirigido para as necessidades das pessoas, nos põe numa solidariedade e comunidade maiores. Enaltece fundamentalmente a vida.”(HOOKS, 1995, p. 15). É o ponto de conexão do PretaLab e GatoMídia, projetos aqui descritos, feitos por mulheres negras que lutam pela inclusão e empoderamento. Quando Sil e Thamyra se posicionam politicamente, contestam as definições limitantes impostas pela sociedade. Estes corpos negros desenvolvendo poder sobre a máquina é um ato político, é resistência diante dos estereótipos, é produção de conhecimento coletivo e liberdade.

## **4 - MULHERES NEGRAS E O PODER POLÍTICO**

### **4.1 POLÍTICAS DO CORPO – RELAÇÃO METONÍMICA DO CORPO NEGRO**

Na travessia até aqui, observamos as ações coletivas de mulheres negras que se movimentam na cidade e em suas práticas desenvolvem saberes e autoconhecimento sobre seus corpos, sobre a arte, sobre a comunicação e sobre a tecnologia, geram empoderamento, descentralizam o poder, ressignificam narrativas e são resistência e reação diante das opressões. Enquanto a sociedade tenta criar padrões limitadores do corpo negro, nós questionamos, nos movimentamos, nos reinventamos: autodefinição. Recusamos os estereótipos e enquanto mulheres negras buscamos a liberdade de ser, o reconhecimento da nossa subjetividade, intelectualidade, e potência.

Entretanto, percebemos que o corpo negro que é político, também é atravessado por certas políticas do corpo, como sistemas de classificação pautados por padrões estéticos de referência eurocêntrica, onde o ideal de beleza e saúde está ligado ao corpo branco e magro, enquanto o corpo negro está localizado como completamente fora do padrão. As políticas do corpo produzem opressões, mas existem movimentos de reação também que surgem a partir do empoderamento desses corpos.

Desse modo o presente capítulo pretende investigar de que maneira o corpo das mulheres negras é atravessado pela gordofobia, refletindo a opressão racista, que relaciona esse corpo ao aspecto da monstruosidade e ao caráter exótico, através de uma relação metonímica da pele negra com certos estereótipos e significados.

Para refletir sobre as políticas do corpo, em uma análise mais profunda, utilizaremos dessa vez o funk carioca como ponto de partida. Pretendemos observar a carreira de Jojô Toddynho e de Mc Carol, como se desenvolve o empoderamento das artistas, considerando as tensões provocadas pelas reações racistas e gordofóbicas ao processo, com destaque para os modos de resistência/ agência que surgem de forma diferente para cada uma, como um reflexo de poder.

O processo de empoderamento feminino negro no funk é diverso e complexo, de um lado se localiza em um contexto de valorização das vozes das mulheres negras em diversos setores da sociedade, de outro na ocupação de espaços culturais e políticos de formas também diversas. No campo da cultura popular observamos a participação de mulheres negras no funk também como ferramenta de crítica aos padrões estéticos da



sociedade (mercado cultural), que da mesma forma refletem questionamentos raciais, sociais e de gênero, como é o caso de Mc Carol.

A carreira da artista tem início no funk carioca no contexto das ‘mulheres fruta’. Em meados de 2008 o cenário funk vivia o momento onde algumas dançarinas de Mcs começavam a ter destaque na mídia através da exploração e sexualização das suas imagens, relacionando simbolicamente a estrutura do corpo feminino ao formato das frutas e como consequência a erotização e consumo da mulher como objeto. A ‘Mulher Melancia’ (Andressa Soares), ‘Mulher Melão’ (Renata Frisson), ‘Mulher Moranguinho’ (Ellen Cardoso) e ‘Mulher Maçã’ (Gracy Kelly) são exemplos de dançarinas que posteriormente também tentaram a carreira como Mcs de funk, mas tiveram seu trabalho artístico deixado em segundo plano e passaram a ser reconhecidas pela categoria ‘mulheres fruta’ devido aos seus atributos físicos e enquadramento em padrões de beleza vigentes, participando de ensaios fotográficos e posando para revistas masculinas. A constante exploração e objetificação do corpo feminino pelo mercado do funk revela uma relação de poder/ subordinação masculina, onde a mulher é vista como estereótipo, condenado através de categorias dominantes, processo que as vezes é naturalizado pelas mulheres envolvidas:

“Se é algo que lhes dá projeção, e que contribui para suas carreiras, elas seguem adiante, talvez sem pensar muito nas consequências de determinados atos.. (...) Neste caso, já é natural para o senso comum enxergar as mulheres do funk como objeto sexual, como um corpo e nada além disso. E essa cristalização de categorias é difícil de ser quebrada pois já é consolidada, inclusive, dentre os membros dessas categorias.(...) Pode-se dizer que, para as próprias mulheres do funk tornou-se natural estar inserida na categoria “mulher-objeto”. O diferente disso torna-se subversivo.” – (GOMES, Mariana. 2010, p. 64)



Figura 27 - Dançarinas conhecidas como ‘mulheres fruta’.

Para mulheres fora do padrão de beleza, ser funkeira seria um enfrentamento e ao mesmo tempo um primeiro passo para um processo de empoderamento feminino que

contestaria essas categorias. Um movimento que teve início com Tati Quebra Barraco e Valesca Popozuda e que segue com Mc Carol, que se destaca pela quebra dos padrões estéticos, o enfrentamento a gordofobia, a autoclassificação feminista, a liberdade sexual e a disputa pelo poder com a dominação feminina frente ao patriarcado.

**De Niterói para o Mundo.** É através da subversão e da inquietação que Mc Carol, de 21 anos, moradora da favela do Proventório em Niterói, começa a compor suas primeiras músicas. Criada pelos avós, ela foi morar sozinha aos 14 anos, quando o avô morreu. Na infância sofria com o preconceito dos amigos na escola e aprendeu a se defender revidando com a mesma violência. Batia em quem a xingasse e aos poucos foi cansando do ambiente escolar, abandonou os estudos antes do ensino médio: “Eu queria ser juíza, mas, quando meu avô morreu, percebi que era só sonho de criança. Que o pobre, o negro, para chegar até juiz é um mar sem barco”. – Mc Carol.<sup>72</sup> Suas letras refletem a realidade da periferia em sua volta com um certo feminismo intuitivo: ‘Meu namorado é mó otário’ e ‘vou largar de barriga’ foram seus primeiros sucessos e refletem a performance da funkeira como feminista que dita as ordens no relacionamento e que tem o controle da situação, dominando a narrativa.

Em uma palestra na Universidade Federal Fluminense, em 2016, a cantora conta a história de como compôs a música ‘vou largar de barriga’, que relata um diálogo entre um homem e uma mulher. Carol explica que resolveu fazer a música porque costumava passar um tempo com seus amigos no moto táxi da favela onde mora, mas sempre era abordada por um homem que passava na rua e gritava “vou te largar de barriga”. A situação a incomodava, pois ao mesmo tempo na escola via suas amigas engravidarem sem que os pais assumissem os filhos e percebia toda a dificuldade de ser mãe solteira na periferia. Então, compôs a música para mostrar que a mulher poderia enfrentar o homem e exigir seus direitos diante do abandono paterno:

“A missão vai ser comprida  
Vou largar de barriga, vou largar de barriga,  
Te meto atrás das grades, eu destruo sua vida  
Se largar de barriga, se largar de barriga.

Eu vou na Maria da Penha, vou no batalhão  
Não adianta tú fugir, tú vai pagar pensão  
Tú vai ter que trabalhar no pac<sup>73</sup> noite e dia  
Se me largar de barriga, se me largar de barriga.”

<sup>72</sup> Entrevista disponível em: <https://www.geledes.org.br/como-uma-funkeira-negra-e-gorda-virou-simbolo-de-beleza-e-voz-da-favela/>. Acessado em: 10 Set. 2018.

<sup>73</sup> Sigla referente ao Programa de Aceleração do Crescimento do estado do Rio de Janeiro.

Por inspiração das situações que observava em seu cotidiano, Carol criava os versos de suas músicas. Foi assim também com ‘Meu Namorado é Maior Otário’, onde a funkeira invertia os papéis estereotipados de dominação na esfera doméstica e na relação amorosa, defendendo sua liberdade sexual e sua subjetividade feminina que se distanciava dos padrões de subordinação definidos pela sociedade e vivido pelas mulheres.

‘Meu namorado é mó otário  
Ele lava minhas calcinha  
Se ele fica cheio de marra  
Eu mando ele pra cozinha

Se tu não tá gostando  
Então dorme no portão  
Porque eu vou pro baile  
Vou pra minha cortiça!”

A partir disso, Mc Carol começou a chamar atenção com seu funk feminista e foi convidada para participar da série do canal FoxLife: Luck Ladies Brasil1, um reality show apresentado por Tati Quebra Barraco que propôs reunir cinco cantoras de funk numa luxuosa cobertura em Copacabana para gravarem músicas, se prepararem para uma apresentação juntas e "se transformarem em cantoras de verdade" - Tati Quebra Barraco.<sup>74</sup>



Figura 28 - Reality Show Lucky Ladies<sup>75</sup>.

Após sua participação no reality disparou-se um processo de transformação na carreira da artista que se deu através da mediação do programa. Os episódios relatavam

<sup>74</sup> Entrevista disponível em:

[http://www.diariodepernambuco.com.br/app/noticia/viver/2015/04/08/internas\\_viver,570460/lucky-ladies-reality-apresentado-por-tati-quebra-barraco-estreia-em-maio.shtml](http://www.diariodepernambuco.com.br/app/noticia/viver/2015/04/08/internas_viver,570460/lucky-ladies-reality-apresentado-por-tati-quebra-barraco-estreia-em-maio.shtml) Acessado em 13 Set. 2016.

<sup>75</sup> Imagem de divulgação do programa Lucky Ladies, retirada de

<<https://foxplay.com/br/show/FNGTVSeriesP5267>> Acessado em: 14 Set. 2016.

o preparo das Mcs para aprimorar a performance, estilo e identidade artística adaptando-se ao mercado musical do funk, visando alcançar maior repercussão de suas carreiras e consumo das músicas. As participantes Karol Ka, Mary Silvestre, MC Carol, MC Sabrina e Mulher Filé eram Lideradas por Tati Quebra Barraco, com o objetivo de montar um show juntas ao fim da atração. As participantes faziam parte do padrão de beleza magro e embranquecido exigido pelo mercado, com exceção de Mc Carol, que foi questionada pelas participantes e incentivada a emagrecer, para ‘melhorar’ sua forma física e tornar sua performance ‘mais atrativa’. Um dos estereótipos reforçados pelo programa foi de que Carol era preguiçosa, gorda e que comia muito, pois a artista se recusava a malhar e fazer dieta junto as outras participantes.



Figura 29 - Mc Carol no Luck Ladies.



Figura 30 - Mc Sabrina e Mc Carol no Luck Ladies.

A tentativa de enquadramento no padrão estético, na objetificação do corpo feminino e nos estereótipos atribuídos a artista durante o reality refletem a violência racista e machista que a lógica de mercado impõe quando questiona o perfil de Mc Carol e a forma orgânica como ela lidava com sua carreira e composição de músicas, deslegitimando sua autonomia e reforçando opressões vividas pela cantora, diante de sua recusa em se enquadrar nestes padrões.

Durante sua carreira, Mc Carol enfrentou ataques racistas, gordofóbicos e machistas no ambiente virtual, em suas redes sociais, reações que refletiam o incômodo com o posicionamento da artista através de comentários agressivos e ameaçadores, que em sua maioria criticavam seu corpo e ridicularizavam sua estética e negritude.



Figura 31 - Reações nas postagens de Mc Carol.

O corpo feminino negro como campo de batalha configura o processo de empoderamento que acontece através da afirmação da identidade negra pelo viés estético subvertendo a opressão racista. O afastamento da tentativa de embranquecimento, aliado ao resgate da identidade negra, configuram uma reação de

crescimento proporcional de discursos feministas no campo cultural. Manifestações audiovisuais, literárias e musicais femininas negras são cada vez mais frequentes, e no cenário cultural urbano carioca percebemos um recente crescimento na participação de mulheres negras e periféricas no funk, como produtoras de um discurso que reflete esse contexto de empoderamento feminino vivido.

Em 2016, através de uma parceria, as artistas Mc Carol e Karol Conká criaram a música ‘100% feminista’, em um momento que marcava a união e ascensão de duas mulheres negras do rap e do funk como ícones midiáticos. Uma oportunidade de questionar o racismo e os padrões da sociedade através do empoderamento. A parceria posteriormente rendeu uma apresentação histórica no festival LollaPalooza de 2017: "O momento não é só meu. É para a cena toda! É hora de realmente empoderarmos as mulheres que têm um discurso bacana" - afirma Karol Conká.<sup>76</sup>

Sou mulher, sou negra, meu cabelo é duro  
 Forte, autoritária e às vezes frágil, eu assumo  
 Minha fragilidade não diminui minha força  
 Eu que mando nessa porra, eu não vou lavar a louça  
 (...) Eu cresci  
 Prazer, Carol bandida  
 Represento as mulheres, 100% feminista  
 Represento Aqualtune, represento Carolina  
 Represento Dandara e Chica da Silva.

O Mercado capitalista está atento a esse processo, valorizando por um lado o empoderamento feminino negro e a resistência estética aos padrões de beleza estabelecidos, e por outro observando que há consumo para esse tipo de discurso e de vez em quando abrindo espaços de representação para mulheres negras e gordas, com uma certa limitação, mas ainda sim espaços importantes de representação na mídia. É o caso da Campanha “O que te define?”, feita em 2016 pela empresa de cosméticos Avon, realizada com Mc Carol e Karol Conká, que rendeu a marca do 6º vídeo mais acessado da história da Avon. Percebemos na campanha que existe um protagonismo do discurso das artistas sobre empoderamento, destacando a importância das escolhas e subjetividade de cada uma e a liberdade das identidades diante da sociedade, em combate ao racismo, machismo, homofobia e gordofobia: “Vou Mostrar que ser negra e gorda é virtude”- Mc Carol.

---

<sup>76</sup> Entrevista disponível em:

<<http://gshow.globo.com/Musica/Lollapalooza/2016/noticia/2016/03/karol-conka-sobre-participacao-de-mc-carol-no-lollapalooza-e-hora-de-empoderarmos-mulheres.html>> Acessado em 28 Ago. 2018.



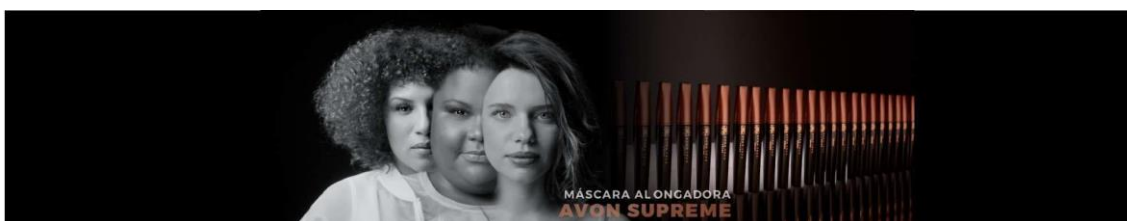


Figura 32 - Arte da Campanha "Oquetedefine" da Avon



Figura 33 - Arte da Campanha Vídeo da campanha "Oquetedefine" da Avon

Outra Campanha criada pela empresa foi #AlongueSeuOlhar, realizada em 2017, protagonizada pela atriz Bruna Linzmeyer, pelas cantoras MC Carol e Mel Gonçalves\* para o lançamento da Máscara Alongadora Avon Supreme: “Três mulheres fortes que enfrentam o mundo olhando pra frente. Ao lado delas, convidamos você a alongar seu olhar e visualizar um mundo com mais empatia, amor e respeito. Nós sabemos o futuro que queremos, e você? #AlongueSeuOlhar”.<sup>77</sup>). Além de participar das duas campanhas publicitárias, Carol foi convidada para desfilas no São Paulo Fashion Week do mesmo ano.



<sup>77</sup> Descrição retirada da divulgação da campanha nas redes sociais da Avon (Facebook).



*Figura 34 - Campanha #AlongueSeuOlhar da Avon.*

Na minha infância, nunca imaginei que poderia desfilas e fazer propaganda de beleza, isso era muito longe da minha realidade. Nunca sonhei em fazer, nunca quis, mas hoje sei que tem uma importância muito grande. Tenho que desfilas e tenho que participar de propaganda de beleza porque quero mostrar que mulheres gordas e negras também têm espaço. Eu tô tendo, então preciso dar meu melhor. Tenho uma responsabilidade muito grande nisso.- Mc Carol.<sup>78</sup>

A campanha publicitária fez com que Carol tivesse maior visibilidade e apoio do público feminino e negro, que se manifestou nas redes sociais da cantora. Mulheres gordas dizendo que pela primeira vez se sentiam representadas num comercial de produtos de beleza, se sentindo valorizadas e com auto estima renovada. Quando a campanha alia o corpo negro e gordo ao ideal de beleza, percebemos uma tentativa de ressignificação do conceito de beleza historicamente opressivo, e conseqüentemente, uma possível ferramenta na luta contra o racismo, machismo e gordofobia. O que reforça a importância da representação diversificada de mulheres como disputa narrativa, diretamente relacionada com a representação racial: disputar a representação de mulheres negras no imaginário da sociedade é disputar o discurso e os conceitos e categorias estereotipadas.

Segundo Sherry Ortner (2006) podemos observar que as relações mercadológicas nesse caso exigem um certo tipo de negociação, pois são complexas e existem interesses específicos dentro do processo. A autora fala sobre o conceito de ‘agência’ que consiste no empoderamento do ser humano, numa intenção construída na cultura que está em conexão com as estruturas de poder. É nesse ponto que identificamos como o processo de empoderamento e as formas de agência surgem de forma diferente para cada uma das artistas.

<sup>78</sup> Entrevista disponível em: <<https://revistaglamour.globo.com/Celebridades/noticia/2017/10/mc-carol-queiro-mostrar-que-gordas-e-negras-tem-espaco.html>> Acessado em: 05 Set. 2018.



**De Bangu para o Mundo.** Jojô Marontini (Jojô Todynho), de 20 anos, de Bangu, zona oeste do Rio de Janeiro, que passou a ser conhecida no funk após a participação no clipe da música “Vai malandra” de Anitta<sup>79</sup>, antes já fazia sucesso online com vídeos que comentavam a recepção das novelas através das redes sociais.

Após ser mais reconhecida a artista lançou seu primeiro single “Que tiro foi esse?”<sup>80</sup>, que virou hit de sucesso viral na internet, contabilizando mais de 177 milhões de acessos no youtube. Jojô é diferente dos padrões estéticos do funk, gorda e com seios grandes a artista faz questão de utilizar as roupas que quiser, mesmo fora do padrão e rebate as críticas valorizando sempre a auto estima que possui:

Eu sempre fui ensinada a me amar muito, independentemente de qualquer coisa. Nem eu nem ninguém precisa ser um rótulo, ser o que a sociedade impõe. Temos que ser o que queremos ser. Meu padrão sou eu! Eu apoio a diversidade. Ninguém é obrigado a amar alguém não, mas tem que respeitar sim. Autoestima é tudo (...) Acredito que meus vídeos têm alcançado muitas vidas e eu tenho ajudado pessoas a sair da depressão, ter mais autoestima e se amarem mais.<sup>81</sup>

O apelido Todynho surgiu por escolha da cantora, ela conta que o nome Marontinni foi uma ideia que veio depois, mas que preferia ser chamada de Todynho: “Meu nome é Jordana Gleise, Jojo é diminutivo de Jordana. E Todynho é por ser apaixonada por Todynho, vou até tatuar. E também porque uma vez a Terezinha, que é a Cacau Protásio (em ‘Vai Que Cola’, do Multishow), que eu amo, falou que peito de mulher preta saia Toddy. Como meus amigos me chamavam de mamacuda, aí eu falava se queriam Toddynho. E pegou.”<sup>82</sup>

Percebemos aqui um processo de animalização do corpo negro que atravessa até o nome artístico da cantora, mas que ao mesmo tempo reflete um tipo de agência, pois é delimitado por ela própria num sistema de ressignificação, onde as relações de poder não são estáticas, são constituídas de constante transformação, são intencionais e objetivas, e geram uma cadeia ou dispositivo de conjunto no qual ocorre à resistência, como reação aos efeitos do poder. O conceito de agência, tal como apresentado na

<sup>79</sup> Videoclipe disponível em < [https://www.youtube.com/watch?v=kDhptBT\\_-VI](https://www.youtube.com/watch?v=kDhptBT_-VI) > Acessado em: 05 Set. 2018.

<sup>80</sup> Videoclipe disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=Qw4uBk7DOa8> > Acessado em: 05 Set. 2018.

<sup>81</sup> Entrevista disponível em <<https://g1.globo.com/pop-arte/musica/noticia/jojo-todynho-de-que-tiro-foi-esse-avisa-nao-ligo-para-o-que-os-outros-falam-ou-pensam-de-mim.ghtml>> Acessado em 05 Set. 2018.

<sup>82</sup> Entrevista disponível em retirado de <<https://www.otvfoco.com.br/jojo-todynho-explica-origem-nome-artistico-e-revela-que-quer-fazer-cirurgia/>> Acessado em 07 Set. 2018.

discussão por Sherry Ortner (2007), mostra que o indivíduo desenvolve certo tipo de empoderamento que está em conexão com o poder das estruturas sociais, e a partir de suas ações, sob interferência de forças coletivas e formações culturais, passa a agir como ator social, desconstruindo uma dominação através da auto organização movida por uma intencionalidade específica.

Os indivíduos não triunfam sobre seu contexto, entretanto, articulam e movimentam seus projetos pessoais. As forças dos seres humanos e o movimento das ações coletivas estão relacionadas nas sociedades. (ORTNER, 2007, p.56)

Para a autora, o agente não é livre e é preciso considerar a subjetividade e complexidade dos atores, pois dependendo do contexto inserido, eles serão atravessados por motivações de caráter individual e pelas relações de poder existentes. Dessa forma, observamos que a agência surge a partir de dois eixos de significado: intencionalidade e poder, onde um é a possibilidade do indivíduo de criar ações práticas a partir de uma vontade específica, e o outro é a forma de agir no contexto de relações de desigualdade e assimetria de forças sociais.

Apesar da forte autoestima a artista assume que já sofreu muito preconceito por ser negra, gorda e ter seios grandes: “Já me chamaram de tudo desde a adolescência. De negra beijuda, me chamavam de gorda, peituda, implicavam com meu nariz”.<sup>83</sup> De acordo com Neusa Santos (1983), o racismo cria formas de desvalorização dos atributos físicos negros como estratégia de deslegitimação da identidade negra:

A violência racista do branco exerce-se, antes de mais nada, pela impiedosa tendência a destruir a identidade do sujeito negro (...) O mito do negro constrói-se às expensas de uma desvalorização sistemática dos atributos físicos do sujeito negro. É com desprezo, vergonha ou hostilidade que os depoentes referem-se ao “beijo grosso” do negro; “nariz achatado e grosso” do negro; “cabelo ruim” do negro; “primitivismo sexual do negro” e assim por diante. (SOUSA, 1983, p. 2-6)

Dentro do contexto onde o corpo do sujeito negro é violado pelo racismo que pretende destruir sua identidade, percebemos o movimento que a autora sugere como uma ‘relação persecutória entre o sujeito negro e seu corpo’ onde a ideologia de cor é a superfície da ideologia de corpo: “O Ataque racista a cor é o ‘*closeup*’ de uma contenda que tem no corpo seu verdadeiro campo de batalha. Uma visão panorâmica,

---

<sup>83</sup> Entrevista disponível em < <http://f5.folha.uol.com.br/musica/2017/09/quem-e-jojo-toddynho-a-funkeira-plus-size-que-roubou-a-cena-de-anitta.shtml>> Acessado em 22 Jan. 2018.

rapidamente, nos mostra que o sujeito negro ao repudiar a cor, repudia radicalmente o corpo.” (SOUSA, 1983, p. 5).

Ocupar o lugar de enfrentamento às opressões no campo cultural é necessário, o corpo negro e fora dos padrões de Jojô é um posicionamento político contra o racismo, que conseqüentemente incomoda e ameaça a classe dominante: "Ser mulher preta, pobre e fora dos padrões é um afrontamento para as pessoas que dizem que são os donos da moral, da ética e da verdade. As pessoas abominam o preconceito, até uma Jojô aparecer. O que acontece? As máscaras caem", relata a cantora.<sup>84</sup>

Por outro lado, é necessário observar também os aspectos complexos do processo, a hipersexualização do corpo feminino negro no funk é algo constante, mas as experiências são vividas de formas diferentes. No caso de Jojô, a artista gosta de vestir decotes e roupas sensuais, mesmo fora dos padrões estéticos, um posicionamento que reflete liberdade e empoderamento. Entretanto, percebemos que Jojô é constantemente assediada com a naturalização do toque explícito em seus seios, seja em qual for o ambiente que circula, situações que variam desde *selfies*, videoclipes a participações em programas na TV aberta.<sup>85</sup>



Figura 35 - Imagens de artistas com Jojô/ Clipe da artista/ Participação da artista no programa do Amaury Jr.

<sup>84</sup> Entrevista disponível em < <https://g1.globo.com/pop-arte/musica/noticia/jojo-todynho-defende-seu-talento-se-fosse-so-por-causa-dos-peitos-que-estou-onde-estou-ja-tinha-passado.ghtml> > Acessado em 29 Jan. 2018.

<sup>85</sup> Imagens retiradas de matérias na internet, do videoclipe da música de Jojô 'sentada diferente' e da participação da artista no programa da Band Amaury Jr. Disponível em <<http://entretenimento.band.uol.com.br/amauryjr/videos/16416563/jojo-todynho-realiza-sonho-e-poe-peitos-na-cara-de-amaury>> Acessado em 24 Abr. 2018

Mas o assédio não acontece por causa do decote, nem das roupas que a artista usa, o corpo negro como campo de batalha sofre aqui a intervenção do racismo através da objetificação explícita, numa relação exótica estereotipada, na construção de uma imagem de controle do corpo feminino negro que se assemelha ao caso de Sarah Baartman, a Vênus Hotentote.<sup>86</sup> Uma jovem sul-africana, nascida em 1789, que no início do século XIX foi exibida publicamente em *freak shows* e “espetáculos” científicos europeus. O corpo negro de Sarah, de pequena estatura e quadris grandes era aqui exibido seminú, relacionado a uma certa monstruosidade, que dava ao público a consciência de si, da sua ‘normalidade’. (DAMASCENO, 2008, p.1)



Figura 36 - Ilustração de Sarah sendo exibida em *freak shows*.

O papel do estereótipo do corpo negro hipersexualizado, funciona aqui como forma de controle social e forma de exercer o poder simbólico. A manipulação do diferente a partir da proporção normal x anormal/aceitável x inaceitável, evidencia esse corpo como exótico e gera um certo afastamento do outro. Estabelece-se uma relação de diferença, baseada na superioridade de quem domina as relações de poder:

O estereótipo ocorre onde há total desigualdade de poder. Porém, não se trata apenas de poder econômico ou de coerção física, mas também do poder simbólico através das práticas de representação, sendo o etnocentrismo um dos aspectos desse poder. Estereotipar seria, portanto, “um elemento chave no exercício da violência simbólica (HALL, 1997 p.259, apud DAMASCENO 2008 p. 2)

Percebemos que para Jojô, o movimento inicial de assédio foi a partir da ‘curiosidade’ em relação a seu corpo como marca da diferença, mas através da violência simbólica foi se transformando em discurso agregado pela própria artista que passou a

86 Ilustração retirada do site <<http://blogueirasnegras.org/2015/03/23/sarah-baartman-e-a-hipersexualizacao-da-mulher-negra/>>. Acessado em 24 Abr. 2018.

‘oferecer’ seus seios em suas aparições na mídia como uma experiência ‘exótica’ numa tentativa de valorização desse atributo, o que na verdade reflete um fetichismo do corpo negro que manipula sua representação a partir de interesses dominantes. A naturalização do assédio é a mesma no caso de Sarah, o fetichismo a fez ser classificada e reconhecida como primitiva, selvagem, animal, uma redução para a valorização somente de seus órgãos sexuais que desconsidera sua existência como ser humano:

A substituição da parte pelo todo é o efeito de uma prática de representação semelhante ao estereótipo: o fetichismo. Ele é marcado pela intervenção da fantasia na representação do que é essencial à noção de pessoa: sua integridade e autenticidade. Fetichismo implica também deslocamento. O interesse sexual pela genitália, pelo tablier de Sarah foi deslocado para seu traseiro. Estereótipo e fetichismo aqui marcam o modo pelo qual foi racionalizada a existência da mulher negra e como foi legitimada sua presença nas hierarquias mais baixas de ser humano. (DAMASCENO, 2008 P.4)

Da mesma forma que o fetichismo, a relação metonímica desse corpo a aspectos negativos é uma constante diante do recorte de raça e gênero e funciona a partir do momento em que a pele negra por si só se torna signo de algo, como observamos no caso de Sarah e Jojô, signo da monstruosidade, do diferente, do bizarrismo, um tipo de classificação direta que delimita que corpo deve ou não circular e é pautada por uma estrutura de discurso civilizador:

Civilizar significa aprender como os corpos devem trafegar e indicar esses caminhos – e por esse motivo o discurso civilizador não pode deixar de ser ambíguo, revelando um ocultamento fundamental: a possibilidade do retorno do olhar da natureza, da mulher, do negro, do monstro. (...) Uma relação entre ver e ser visto; entre controlar e ser controlado pelo olhar; entre a possibilidade do domínio de homens ou de monstros; entre tornar alguém objeto ou tornar-se objeto deste alguém. Ver, nesse contexto, significa a possibilidade de controlar. Ser visto significa a iminência de ser destruído – pois tornar-se objeto e ser destruído aqui significam a mesma coisa.– (FERREIRA and HAMLIN, 2010, p. 815)

A agência de Jojô perpassa a negociação para acessar espaços, mesmo com a opressão vivida e a estereotipação. Por outro lado para Carol, defender seu posicionamento ativista e feminista requer uma negociação constante com o mercado, como por exemplo no caso de sua participação no programa Luck Ladies e na campanha de beleza da Avon. Essa agência funciona como uma relação de poder, mas também uma estratégia de sobrevivência.

Para Mc Carol, seu empoderamento é ferramenta de defesa, mas mesmo assim não anula a força das relações de poder machistas e racistas na sociedade. Recentemente

Carol sofreu uma tentativa de feminicídio pelo ex marido, que invadiu sua residência e a atacou com uma faca. A artista conseguiu se defender e o denunciou na delegacia, apesar das provas e testemunhas, o caso foi registrado como lesão corporal.<sup>87</sup> O acontecimento fez com que Mc Carol compartilhasse diversas postagens sobre o caso nas redes sociais<sup>88</sup>, incentivando outras mulheres a denunciarem a violência doméstica, um tema que já aparecia nas letras de suas músicas, como em ‘100% feminista’:

Presenciei tudo isso, dentro da minha família, mulher com o olho roxo, espancada todo dia. Eu tinha uns 5 anos, mas já entendia que mulher apanha se não fizer comida. Mulher oprimida, sem voz, obediente. Quando eu crescer, eu vou ser diferente. Eu cresci, prazer Carol bandida, represento as mulheres, 100% feminista. Sou mulher independente, não aceito opressão. Abaixei a sua voz, abaixei a sua mão! .89



Figura 37 - Arte de Fã em homenagem a Carol/ Trecho de uma postagem da artista nas redes sociais.

<sup>87</sup> Informação retirada da matéria “Mc Carol afirma ter sido agredida por ex-namorado que invadiu sua casa no RJ” Disponível em <<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/mc-carol-diz-que-foi-vitima-de-agressao-por-ex-namorado.ghtml>> Acessado em 04 Abr. 2018.

<sup>88</sup> Ilustração retirada do site Preta Ilustra, Print retirado das redes sociais da cantora.

<sup>89</sup> Música disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=W05v0B59K5s>> Acessado em 04 Abr. 2018.

A mobilização obteve grande repercussão e a artista decidiu se candidatar a deputada estadual pelo PCdoB em 2018, influenciada também pela presença de outras mulheres negras na política como Marielle Franco e Talíria Petrone (Psol): "Sou negra, favelada e isso incomoda muita gente. E entro na política, sim, para defender vidas negras e a juventude da periferia."<sup>90</sup> Muitas reações contrárias ao processo de candidatura começaram a acontecer nas redes sociais, críticas que questionavam a capacidade da artista em exercer uma representação política, através de julgamentos estereotipados sobre a prática cultural do funk, refletindo também aspectos machistas e racistas presentes no processo, já que nesse caso existem duplos enfrentamentos, uma mulher negra e periférica produzindo cultura e conseqüentemente disputando conhecimento e exercendo um papel político na sociedade, uma ameaça ao sistema cultural dominante:

O conceito de conhecimento está intrinsecamente relacionado a raça, gênero e poder (...) Não é que nós não tenhamos falado, o fato é que nossas vozes têm sido constantemente silenciadas através de um sistema racista. (KILOMBA, 2016 p. 4)



Figura 38 - Campanha de Mc Carol como candidata.

A tentativa de deslegitimação de sua candidatura política foi agressiva e tentou o tempo todo categorizar Carol como incapaz de legislar, por causa de sua origem periférica, por ser mulher, por ser negra e por cantar funk, através de violentos ataques que inferiorizaram seu posicionamento político. Carol foi candidata pelo PCdoB nas eleições de 2018, e apesar de defender a representação das minorias não conseguiu se eleger e decidiu dar continuidade a sua carreira como cantora de funk. A reação negativa à candidatura de Mc Carol reflete um controle social pelo bloco de poder

<sup>90</sup> Entrevista disponível em <[https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2018/04/20/interna\\_politica,953171/funkeira-mc-carol-e-pre-candidata-a-deputada-estadual-pelo-pcdob-no-ri.shtml](https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2018/04/20/interna_politica,953171/funkeira-mc-carol-e-pre-candidata-a-deputada-estadual-pelo-pcdob-no-ri.shtml)>. Acessado em 20 Abr. 2018.

dominante, como nos afirma Hall (2003) a partir de uma concepção mais ampla do racismo: “Em sua estrutura discursiva, o racismo biológico e a discriminação cultural são articulados e combinados. Essas duas "lógicas" estão sempre presentes (...) de acordo com o contexto ou em relação a diferentes populações subjugadas”(p. 72).

Diante disso, percebemos o corpo negro como um constante campo de batalha, onde a política dos corpos atravessa o processo de empoderamento das mulheres negras no funk e reflete grande complexidade, quando na construção de identidades e produção de representações, os corpos negros por vezes caracterizam estereótipos estabelecidos por uma relação racista e machista, e por vezes ressignificam esses estereótipos e afirmam sua liberdade, recusando classificações. Através da agência Mc Carol e Jojô ocupam espaços à medida que também negociam a circulação de seus corpos nesses espaços, é um jogo de relações de poder.

Essa negociação acontece porque a maioria dos espaços na sociedade são estruturados pelos interesses de quem se localiza no topo dessas relações de poder, ou seja, o poder de modo geral está relacionado a estrutura dominante: capitalista/ branca/ patriarcal/ heteronormativa, sendo a mulher negra constantemente afastada/ excluída dessa estrutura, já que se localiza na base da pirâmide social. A mulher negra enfrenta uma dupla exclusão na sociedade, pois sofre opressões por ser negra e por ser mulher.

Desse modo, destaca-se a importância de que mais mulheres negras desenvolvam ações e ocupem espaços na sociedade através do protagonismo e liderança. Os corpos da política precisam abranger cada vez mais raça e gênero, e as mulheres mencionadas nessa pesquisa contribuem, cada uma a sua forma, para que esse movimento aconteça de forma efetiva.



## 4.2 CORPOS DA POLÍTICA - “EU SOU PORQUE NÓS SOMOS”.

Em continuidade ao capítulo anterior, pretendemos observar os processos de ocupação política de corpos negros no poder, a partir do caso Marielle Franco e a urgência de posicionamento e mobilização das mulheres negras diante do trauma da violência racista, contra uma figura política importante e inspiradora no campo das representações, considerando o alto índice de candidatas negras aos cargos políticos nas eleições 2018.

Marielle Franco foi uma mulher negra, mãe e cria da favela da Maré. Iniciou sua militância em direitos humanos a partir de uma situação vivida, quando perdeu uma amiga vítima de bala perdida após um tiroteio entre traficantes e policiais na Maré. Coordenou a Comissão de Defesa dos Direitos Humanos e Cidadania da Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro (Alerj), ao lado de Marcelo Freixo e em 2016 foi eleita como vereadora pelo PSOL com cerca de 46 mil votos<sup>91</sup>, em um contexto político onde a então presidente Dilma Rousseff, que ocupava o cargo desde 2011, sofreu um processo de impeachment motivado por escândalos de corrupção relacionados a seu partido (PT - Partido dos Trabalhadores) e mandato. Primeira presidente mulher da história do país, Dilma foi destituída do cargo e o vice presidente Michel Temer ocupou seu lugar, em um processo que reflete a estrutura machista da sociedade brasileira. Sobre o período, de acordo com seu texto “A emergência da vida para superar o anestesiamiento social frente à retirada de direitos: o momento pós-golpe pelo olhar de uma feminista, negra e favelada, Marielle descreve:

A conjuntura brasileira, determinada pelo cenário do golpe, marca-se, para além da correlação de forças políticas, favorável às classes dominantes e seus segmentos mais conservadores. Principalmente por alterações sociais significativas na esfera do poder do Estado e no imaginário. Trata-se de um período histórico no qual se ampliam várias desigualdades, principalmente as determinadas pelas retiradas de direitos e as que são produto da ampliação da discriminação e da criminalização de jovens pobres e das mulheres, sobretudo as negras e pobres. (FRANCO, 2017, p. 90)

Lutar pelas minorias dentro daquele contexto político era um grande desafio, mas Marielle já vivia uma trajetória de enfrentamento e não mediria esforços para continuar lutando. Com uma trajetória parecida com a de outras mulheres negras, Marielle cursou pré-vestibular comunitário e foi bolsista na faculdade PUC - Rio. Se

---

<sup>91</sup> Informações retiradas do site < <https://www.mariellefranco.com.br/quem-e-marielle-franco-vereadora>> Acessado em: 10 Mar. 2019.

formou no mestrado na UFF em administração pública<sup>92</sup> e a partir de sua luta foi ocupando cada vez mais espaços até se tornar vereadora. Mesmo com todas as dificuldades econômicas e sofrendo opressões racistas e machistas ao circular em espaços de poder que, a princípio não eram voltados para a presença de corpos negros, Marielle seguiu afrontando e se impondo diante das opressões, se tornando uma grande referência de luta e inspiração para mulheres negras.

Em suas propostas defendia questões sobre os direitos humanos, feminismo e LGBTQ. Socióloga, militante, lésbica e favelada, lutava contra o genocídio da população negra e contra a violência policial nas periferias, denunciando as incursões violentas e ações de milícias. A violência de gênero também era uma de suas bandeiras, dentre seus projetos de lei podemos destacar: #AssédioNãoÉPassageiro, em combate ao assédio sexual à mulheres no transporte público, Lei das casas de parto, uma proposta de ampliação de maternidades especializadas acessíveis no RJ e o projeto Pra Fazer Valer o Aborto Legal no Rio, em luta pela legalização do aborto.<sup>93</sup>

Marielle teve sua vida interrompida quando no dia 14 de março de 2018, após sair de um evento sobre feminismo negro, foi brutalmente assassinada em um atentado com 13 tiros no carro onde estava. Anderson, o motorista do veículo também perdeu a vida, sendo a assessora de Marielle a única sobrevivente do atentado. Uma das linhas de investigação é de que o crime tenha sido motivado pelo incômodo de sua atuação política, em represália às denúncias que a vereadora fazia sobre a violência policial e domínio de milícias nas favelas cariocas.

Marielle acreditava na potência da periferia, na possibilidade de subverter e superar as condições de vida de seus territórios, a partir da troca de experiências entre mulheres negras, movimentação coletiva e empoderamento. Acreditava que ocupar a política é fundamental para reduzir as desigualdades que nos cercam:

“Pode-se identificar que as periferias se marcam pela criação de múltiplas inteligências e as mulheres ocupam localização estratégica nesse processo (...) As mulheres negras, moradoras das periferias e favelas, são ativas nos cenários políticos, culturais e artísticos da cidade. Nesse sentido, há várias mulheres faveladas que se destacam e ultrapassam, em ações e representações, o ambiente que predominam em suas vidas. Tal fenômeno, por sua vez, não é determinado por questões estritamente individuais, por

---

<sup>92</sup> Sua dissertação teve o tema: “UPP – a redução da favela a três letras: uma análise da política de segurança pública do estado do Rio de Janeiro”.

<sup>93</sup> Informações retiradas do site < <https://www.mariellefranco.com.br/quem-e-marielle-franco-vereadora> > Acessado em: 10 Mar. 2019.

serem iluminadas ou especiais, mas por uma questão de trajetórias, encontros, percepções de si, do outro, oportunidades, articulação e inserção nas questões sociais.” (FRANCO, 2017, p. 92-93)

A partir do trauma de sua morte, esse movimento de mulheres negras se potencializou no país como um todo, muitos protestos, manifestações e questionamentos foram mobilizados em busca da apuração do crime que até hoje segue sem respostas definitivas. Para além disso, a mobilização política dessas mulheres veio com força total nas eleições de 2018, desde a articulação de debates sobre representação negra na política às novas candidaturas para cargos como com um total de 1237 candidatas negras a cargos legislativos, sendo 248 somente no Rio de Janeiro. Todas inspiradas pela força e luta da vereadora: ‘As sementes de Marielle’. No comparativo com a última eleição geral (2014), o aumento é de cerca de 151%.<sup>94</sup>

O coletivo Rede Umunna é outro exemplo desse movimento. Trata-se de um grupo de mulheres negras que nas eleições de 2018 lançaram uma plataforma de levantamento de dados buscando exemplificar a sub-representação das mulheres negras na política institucional e reconhecer as estruturas específicas que produzem essa sub-representação. Uma forma de articular o debate sobre a ocupação de raça e gênero na esfera política e lutar pelo avanço dos direitos através do fortalecimento de processos eleitorais, com o objetivo de um novo projeto de democracia baseado no fortalecimento de mulheres negras na política:

“Somos mais de 27% da população brasileira, o maior grupo demográfico. Uma população que cresce todos os anos, não porque nascem mais mulheres negras, porque a cada ano mais de nós nos reconhecemos como mulheres negras. O nosso processo de politização é identitário, decidimos politicamente sermos mulheres negras. Acumulamos muitos legados e ações políticas de gerações e gerações de mulheres negras potentes e poderosas.”<sup>95</sup>

---

<sup>94</sup> Dados da pesquisa do TSE, retirados do site < <https://www.geledes.org.br/rio-de-janeiro-e-o-estado-com-mais-mulheres-negras-concorrendo-em-2018/>> Acessado em 11 Mar. 2019.

<sup>95</sup> Definição retirada da plataforma < <http://mulheresnegrasdecidem.org/#mulheres-e-sistema-politico>> Acessado em 12 Mar. 2019.



Figura 39 - Infográfico Mulheres negras Decidem

Após a mobilização coletiva e potente destas mulheres poderosas e de todas as movimentações inspiradas por Marielle, o país teve um aumento significativo na relação de mulheres negras eleitas em 2018 como deputadas federais e estaduais. No Rio de Janeiro: Benedita da Silva, Renata Souza, Dani Monteiro, Mônica Francisco e Talíria Petrone; em Minas Gerais: Áurea Carolina e Andréia de Jesus; na Bahia: Olívia Santana e em São Paulo: Erika Hilton, Leci Brandão e Erica Malunguinho, que se destaca por se tornar a primeira mulher trans a ocupar uma cadeira na Assembleia Legislativa paulista. Totalizando no Congresso Nacional cerca de 74 mulheres entre os 513 parlamentares eleitos.<sup>96</sup>



Figura 40 - Sementes de Marielle

<sup>96</sup> Dados retirados do site < <https://www.geledes.org.br/marielle-semente-mulheres-negras-eleitas-provam-que-luta-da-vereadora-nao-foi-em-vao/> > Acessado em 12 Mar. 2019.

Apesar do panorama positivo do aumento de mulheres negras na política, o contexto político no país é complexo e ainda limitado para suas atuações, pois para além da eleição de Jair Bolsonaro (PSL – Partido Socialista Cristão) como presidente da república, outros candidatos igualmente conservadores defendem discursos baseados no facismo, machismo, racismo e homofobia, pensando e operando uma política baseada em violação de direitos e violência como controle social. Um dos exemplos é o governador eleito na cidade do Rio de Janeiro Wilson Witzel (PSL), que durante as eleições mostrou um discurso de ódio e violência como em uma de suas declarações que promovia o ‘abate de bandidos com fuzil’<sup>97</sup>, incentivando as incursões violentas nas favelas. Ele também protagonizou durante a campanha um episódio de intolerância e desrespeito quando em um comício os candidatos Rodrigo Amorim e Daniel Silveira (também eleitos pelo PSL) destruíram diante do público as placas de rua feitas em homenagem a Marielle Franco, e Witzel comemorou apoiando a ação.<sup>98</sup> Atualmente a placa rasgada com o nome da vereadora foi emoldurada e pendurada no gabinete de Rodrigo, o que simbolicamente é uma ameaça declarada ao discurso dos direitos humanos e a mulheres negras que seguem os passos de Marielle.

Portanto, podemos observar que o aumento do movimento de ocupação de mulheres negras em cargos políticos faz parte de um processo de resistência e reação diante da violação de direitos e opressões de raça e gênero. Mesmo em um contexto político complexo, percebemos a crescente mobilização coletiva de mulheres negras inspiradas em dar continuidade ao legado de Marielle Franco, transformando a sociedade a partir de suas movimentações, modificando as estruturas de relação de poder e diversificando os corpos da política. A ampliação da representatividade feminina negra é urgente e a partir do momento em que essas mulheres afrontam e ocupam cada vez mais os espaços existe uma renovação que caminha para a liberdade, mesmo com a proliferação de discursos conservadores que insistem em classificar e limitar a atuação das mesmas. São mulheres-sementes que brotam no asfalto e florescem em resistência.

---

<sup>97</sup> < <https://oglobo.globo.com/rio/witzel-diz-que-trafficantes-serao-tratados-como-terroristas-abatidos-23340284>> Acessado em 13 Mar. 2019.

<sup>98</sup> < <https://oglobo.globo.com/fato-ou-fake/e-fato-que-deputados-eleitos-pelo-psl-quebraram-placa-com-nome-de-marielle-franco-em-comicio-de-wilson-witzel-23140096>> Acessado em 13 Mar. 2019.

## 5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

### **Somos mulheres negras poderosas. E não estamos sozinhas!**

*Carregamos a memória e a luta de nossas ancestrais, guerreiras, rainhas e princesas, verdadeiras realezas negras. Somos potência e recusamos as classificações estereotipadas, racistas, machistas e subordinadas que historicamente insistem em nos acompanhar. Somos transformação, em imagem, som e representação. Nossa travessia é resistência e reação. Desde a origem do mundo até hoje. Nosso movimento é pura revolução! E quem vai dizer que não?!*

Em virtude dos fatos mencionados nesta pesquisa percebemos uma constante movimentação de mulheres negras na cidade, seja através de projetos de empoderamento coletivo, seja ocupando espaços de poder. É um processo de reação diante de um histórico de invisibilidade, silenciamento e opressão. A partir das experiências vividas e da escrevivência como método, mulheres negras criam narrativas sobre si, numa autodefinição do que é ser mulher negra. Uma construção coletiva que reflete vivências subjetivas, e precisa ser reconhecida enquanto potência. Esses corpos negros que, diante da exploração e escravidão por muitas vezes foram separados uns dos outros, agora se reconectam através do afeto, historicamente negado a eles.

O feminismo negro é condutor desta revolução, que questiona epistemologias e busca a construção de um caminho de reconhecimento da intelectualidade negra em suas variadas formas, recusando a lógica eurocentrista de produção de conhecimento e se localizando fora dela.

Sankofa aqui é extremamente necessário para se repensar conceitos de poder e resistência, pois a partir da reconexão ancestral, entra-se em contato com histórias que foram invisibilizadas e esquecidas, figuras importantes e revolucionárias, referências de luta e inspiração como Aqaltune, Dandara e Luisa Mahin. Mulheres poderosas espelhadas na resistência do hoje, na ressignificação de imagens e narrativas como as de Yasmin, Safira e do coletivo mulheres de pedra. Nas vozes que ecoam o som de outras vozes e reivindicam a liberdade através de mulheres como Martina, Carol e Jojô. Na dança que transcende o corpo e faz do autoconhecimento combustível para a sua expansão, equilíbrio e domínio da sexualidade, nos movimentos de Taísa, Caroline e

Emaye. Na criatividade, sagacidade e habilidade diante da tecnologia nas mãos de Sil e Thamyra. Na coragem de invadir espaços e retomar o que sempre pertenceu a história negra, criando representatividade e transformando a sociedade como fez Marielle Franco. Através dessas mulheres poderosas a ancestralidade é viva na cidade.

Como resultado de investigação dessa pesquisa, identificamos como os conceitos de poder estão diretamente ligados a trajetória dos corpos negros e percebemos que resistência não é um estado permanente de estagnação, é movimentação, reação e cria vida na cidade. A partir do momento em que se criam novas narrativas que subvertem a história única relacionada ao corpo negro no mundo, disputa-se o exercício do poder, pois é esse corpo negro que agora define como se contará a história, quem a contará, quantas histórias serão contadas, não existe mais uma história definitiva imposta pelo colonizador.

Dessa forma poder para mulheres negras é viajar no tempo, transitar entre passado, presente e futuro. É descolonizar o corpo, reconhecer a subjetividade e desenvolver os saberes ancestrais que moram nele. Poder é alimentação, é natureza, é saúde, é retomar o próprio corpo, transcender o espírito. Poder é energia, é ancestralidade, é memória.

Poder é autodefinição, autoconhecimento, autoestima, autorepresentação. É recriar imagens, narrativas e formas de leitura desse corpo, através do cinema. É experimentar linguagens, planos e montagens. Poder é criação coletiva.

Poder é um estado de poesia, que grita a realidade e o desejo de transformá-la. É se comunicar e criar uma relação baseada na oralidade, democratizando conhecimento e empoderamento através da fala. Poder é sentimento, afeto, carinho, cuidado, identificação. É coletividade, troca de experiências, construções coletivas. Poder é aquilombar.

Poder é transitar, circular a cidade, se movimentar. É rede, é conexão, é Ubuntu. É manipular a tecnologia, inovar, criar novas realidades, narrar o mundo pelo olhar da periferia. Poder é encarnar uma atitude decolonial, é reorganizar a estrutura de poder mundial.

Poder é corpo em liberdade, é fugir dos padrões, é a autoestima de enxergar a própria beleza, a própria potência. É recusar opressões, estereótipos, limites. Poder é agência, é negociação, é performance.

Poder é ocupar espaços, representar, lutar por si e pelos outros. Poder são os corpos negros na política. É protagonismo, liderança, é mover as estruturas estando na base da pirâmide social.

Poder é se reerguer, resistir, reagir.

Portanto, **somos mulheres poderosas sim!** E quando nos unimos potencializamos esse poder. Dessa forma percebemos também que as parcerias entre os projetos e ações são fortalecimento e afeto, capacidade de se posicionar e se proteger diante do constante genocídio de nossos corpos. Desenvolver poder e resistência enquanto mulher negra é mais que uma necessidade de sobrevivência:

É um convite para um mundo onde existam outras possibilidades de existência que não sejam marcadas pela violência do silenciamento e da negação. Queremos coexistir, de modo a construir novas bases sociais. No fim, nossa busca é pelo alargamento do conceito de humanidade. Ao perder o medo do feminismo negro, as pessoas privilegiadas perceberão que nossa luta é essencial e urgente, pois enquanto nós, mulheres negras, seguirmos sendo alvo de constantes ataques, a humanidade toda corre perigo. (RIBEIRO, 2018, p. 27)

Por fim, gostaria de encerrar as reflexões com um último relato. Enquanto eu escrevia as conclusões dessa pesquisa, um fato importante aconteceu e me chamou muita atenção. Entre as madrugadas de estudo acabei dando uma pausa pra acompanhar o desfile da mangueira, que inclusive foi o único que consegui assistir. Escola de samba que no ano de 2019 trazia Marielle Franco como referência na letra do samba. Mas não era só isso, o enredo “História pra Ninar Gente Grande” através da poesia resgatava outros ancestrais, mostrava a potência da existência negra, historicamente violentada e invisibilizada, mas sob uma nova perspectiva, destacando o poder e a resistência do povo negro.





Figura 41 - Carnaval da Mangueira 2019

*Brasil, meu nego  
Deixa eu te contar  
A história que a história não conta  
O avesso do mesmo lugar  
Na luta é que a gente se encontra*

*Brasil, meu denço  
A Mangueira chegou  
Com versos que o livro apagou  
Desde 1500 tem mais invasão do que descobrimento  
Tem sangue retinto pisado  
Atrás do herói emoldurado  
Mulheres, tamoios, mulatos  
Eu quero um país que não está no retrato*

*Brasil, o teu nome é Dandara  
E a tua cara é de cariri  
Não veio do céu  
Nem das mãos de Isabel  
A liberdade é um dragão no mar de Aracati (...)*

*Brasil, chegou a vez  
De ouvir as Marias, Mahins, Marielles, malês.  
(Composição: Márcio André, Daniel Katar,  
Diego Moura, Channel, Maia, Renan Filho,  
Edson Carvalho e Junior Trindade)*

Seria muita coincidência. Ou então uma forma de confirmar a importância desse estudo. A mangueira, escola de samba tradicional, trouxe de forma extremamente criativa e inovadora a militância negra pra avenida e ganhou o carnaval 2019. A alegria irradiou para a cidade inteira. Naquele momento meu coração se aqueceu. Tive certeza de que a revolução é ancestral e mora no nosso sangue, na nossa cultura negra. Certeza

de que essas histórias precisam ser contadas pela nossa perspectiva. De um jeito inexplicável esse fato enche meu coração de força pra continuar sendo resistência e reação no mundo e é assim que seguiremos: Viajando ao passado para ressignificar o presente e construir o futuro.

]

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ACHILLE, Mbembe. **Necropolítica**. Tradução Renata Santini. – ed. nº 32 - Rio de Janeiro: Revista Arte & Ensaios, PPGAV – UFRJ, 2016.
- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Para educar crianças feministas: Um manifesto**. Tradução Denise Bottmann. - 1ª edi. - São Paulo: 2017.
- ALVES, Rôssi. **Resistência e empoderamento na literatura urbana carioca**. Estud. Lit. Bras. Contemp. - Brasília, n.49, p.183-202, dez. 2016.
- ANGELOU, Maya. **Mamãe e eu e mamãe**. São Paulo: Editora Record Ltda, 2018.
- ARRAES, Jarid. **Heroínas negras brasileiras: em 15 cordeis**. São Paulo: Pólen, 2017.
- BALLESTRIN, Luciana. **América Latina e o giro decolonial**. Revista Brasileira de Ciência Política, v.2, n.11, p.89-117, 2013
- BARTH, Frederik. **A análise da cultura nas sociedades complexas**. In: BARTH, F. O guru, o iniciador e outras variações antropológicas. Rio de Janeiro: Contracapa, 2000. p. 107 a 140.
- BAUMAN, Zygmunt. **Uma primeira nota sobre a cultura de massas: a infraestrutura**. In: ENGELS, F. et al. O papel da cultura nas ciências. 1980.
- BOUDIEU, P. (2002). **O poder simbólico** (5a ed.). Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil. (Originalmente publicado em 1989).
- BUTLER, Judith P. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade** / Judith Butler; tradução, Renato Afiuar. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- CARNEIRO, Sueli. **Mulher negra e o poder: um ensaio sobre a ausência**. Publicado em 21 de dezembro de 2009. <http://www.geledes.org.br/sueli-carneiro/mulheres-negras-e-poder-um-ensaio-sobre-a-ausencia.html>. Acessado em outubro de 2018.
- CARNEIRO, Sueli. **Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América latina a partir de uma perspectiva de gênero**. 2011. [<http://www.unifem.org.br/sites/700/710/00000690.pdf>] – acesso em: 18 jan. 2017].
- CERTEAU, M. de; JULIA, D.: REVEL, J. **A beleza do morto: o conceito de cultura popular. A invenção da sociedade**. Trad. Vanda Anastácio. Lisboa: Difel, 1989.
- CÉSAIRE, Aimé. **Discurso sobre o colonialismo**. Lisboa: Sá da Costa, 1978.
- CHARTIER, Roger. Cultura popular: **Revisitando um conceito historiográfico**. In: Revista Estudos Históricos, RJ, vol.8, no.16, 1995. P. 179 a 192.
- COLLINS, Patricia Hill. **Aprendendo com a outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro**. Tradução de Natália Luchini. Revista Sociedade e Estado – Volume 31 Número 1 - Janeiro/Abril 2016
- COLLINS, Patricia Hill. **The black feminist thought**. London, Routledge, 2000.

DAMASCENO, Janaína. **O corpo do outro. Construções raciais e imagens de controle do corpo feminino negro: O caso da Vênus Hotentote.** In: Fazendo Gênero 8 - Corpo, Violência e Poder. Florianópolis: 2008.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe.** Tradução Heci Regina Candiani. – 1ª ed. – São Paulo: Boitempo, 2016.

DAVIS, Angela. **Women, Race and Class.** New York, NY, Random House, 1981.

DE CASTRO, Daniel Vitor. **Resistências e expressividades: contribuições da literatura negra para um giro decolonial do direito.** Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Direito da Universidade de Brasília Faculdade de Direito, Brasília, 2018.

Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2316-40182016000300183&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2316-40182016000300183&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 03 jan. 2018.

DOMINGUES, Petrônio. **Cultura popular: as construções de um conceito na produção historiográfica.** In: História (São Paulo) v.30, n.2, p. 401-419, ago/dez 2011.

EVARISTO, Conceição. **Da grafia-desenho de minha mãe um dos lugares de nascimento de minha escrita.** In: Representações Performáticas Brasileiras: teóricas, práticas e suas interfaces. (org) Marcos Antônio Alexandre, Belo Horizonte, Mazza Edições, 2007, p 16-21.

FACINA, Adriana. CARVALHO, Adriana Lopes. Cidade do Funk: **Expressões da diáspora negra nas favelas cariocas.** In: VI ENECULT – Salvador – Bahia 2010.

FERREIRA, Jonatas and HAMLIN, Cynthia. **Mulheres, negros e outros monstros: um ensaio sobre corpos não civilizados.** Rev. Estud. Fem.[online]. 2010, vol.18, n.3, pp.811-836.

FRANCO, Marielle. **A emergência da vida para superar o anestesiamiento social frente à retirada de direitos: o momento pós-golpe pelo olhar de uma feminista, negra e favelada.** In: BUENNO, Winnie; BURIGO, Joanna; PINHEIRO-MACHADO, Rosana; SOLANO, Esther. Tem Saída? Ensaios Críticos sobre o Brasil. Editora Zouk: Porto Alegre, 2017.

GAY, Roxane. **Má feminista: ensaios provocativos de uma ativista desastrosa.** Tradução: Tássia Carvalho. Barueri: Novo Século Editora, 2016.

GILROY, P. **O Atlântico Negro: Modernidade e dupla consciência.** 1. Edição – São Paulo: Editora 34, 2001.

GOMES, Mariana Caetano. **MY PUSSY É O PODER - A representação feminina através do funk no Rio de Janeiro: Identidade, feminismo e indústria cultural.** Dissertação (Mestrado) - Curso de Pós-graduação em Cultura e Territorialidades(PPCULT) da Universidade Federal Fluminense – Rio de Janeiro, 2016.

GOMES, Mariana. **Melancia, Moranguinho e Melão. Fruta tá na feira** - A representação feminina do funk em jornais populares do Rio de Janeiro: Estigma, indústria cultural e identidade. Monografia (graduação) - Curso de Estudos de Mídia da Universidade Federal Fluminense – Niterói: UFF, 2010.

GONZALEZ, Lélia. **Racismo e sexismo na cultura brasileira**. Ciências Sociais Hoje 2, Brasília, Anpocs, 1983, pp.223-244.

GROSGUÉL, Ramón. **A Estrutura do Conhecimento nas Universidades Ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI**. In.: BERNARDINO-COSTA, Joaze; GROSGUÉL, Ramon. **Decolonialidade e Perspectiva Negra**. Vol. 31, num. 01. Brasília: UnB, Revista Sociedade e Estado, 2016.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

HALL, Stuart. **Da Diáspora - identidade e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003. Liv Sovik (org). Tradução: Adelaine La.

HOLLANDA, Heloisa Buarque de. **Crônica Marginal**. In possibilidades da nova escrita literária no Brasil. Org Beatriz Resende. Rio de Janeiro, Revan, 2014.

HOOKS, bell. **Intelectuais negras**. Revista Estudos Feministas, Rio de Janeiro, IFCS/UERJ, PPCIS/UERJ, vol. 3, no 2, 1995, pp.464-479.

HOOKS, bell. **Living to Love**, 1993. tradução: Vivendo de amor. In: Geledes, 2010, s/p. Disponível em: <http://arquivo.geledes.org.br/areas-de-atuacao/questoes-de-genero/180-artigos-degenero/4799-vivendo-de-amor> Acesso: de 2015.

HOOKS, bell. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras**. Tradução Ana Luiza Libânio. – 2ª ed. – Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

KILOMBA, Grada. **Descolonizando o conhecimento**. In: Mostra Internacional de Teatro de São Paulo- 2016.

KILOMBA, Grada. **Descolonizando o conhecimento: uma palestra-performance de Grada Kilomba**. 2016. Tradução: Jessica Oliveira. Disponível em: <http://www.goethe.de/mmo/priv/15259710-STANDARD.pdf>. Acessado em: 6 de junho de 2017.

NASCIMENTO, A. **O quilombismo**. In: CARTA: falas, reflexões, memórias. Informe. Brasília: Gabinete do Senador Darcy Ribeiro, 1991.

NASCIMENTO, Beatriz. **Mulher negra no mercado de trabalho**. In: RATTIS, Alex. Eu sou atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Instituto Kuanza, 2007.

NASCIMENTO, Elisa Larkin. GÁ, Luiz Carlos - org. **Adinkra: sabedoria em símbolos africanos**. Rio de Janeiro: Pallas, 2009.

ORTNER, Sherry. **Anthropology and social theory**. Duke University Press, 2006.

ORTNER, Sherry. *Anthropology and social theory*. Duke University Press, 2006.

QUIJANO, Aníbal. **Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina**. In: LANDER, Edgardo (org.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais*. Trad.: Julio Cesar Casarin Barroso Silva. Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales – Clacso, 2005.

QUIJANO, Aníbal. **Colonialidade, Poder, Globalização e Democracia**. São Paulo: Revista Novos Rumos, ano 17, n. 37, 2002.

RESENDE, Beatriz. **Possibilidades da nova escrita literária no Brasil**. Rio de Janeiro, Revan, 2014.

RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro?** São Paulo: Companhia das letras, 2018.

SHERRY, B. Ortner. Miriam Pillou Grossi (org.). **Conferências e Diálogos: Saberes e Práticas Antropológicas**. ABA, Blumenau, Nova Letras, 2007.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro**. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

THADEU, Tomaz da Silva. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, RJ., Vozes, 2000. Stuart Hall, Kathryn Woodward (org.)

VAZ, Sérgio. **Flores de Alvenaria**. – 1ª ed. – São Paulo: Global, 2016.

VIANNA, Hermano. **O mundo funk carioca**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar. 1988.

WOODWARD, Kathryn; HALL, Stuart; SILVA, Tomaz Thadeu da. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.

## REFERÊNCIAS AUDIOVISUAIS

**O PERIGO DE UMA HISTÓRIA ÚNICA**. Chimamanda Ngozi Adichie. Palestra proferida no TEDx Taks, Euston, 2012. Youtube. Disponível em: <[https://www.ted.com/talks/chimamanda\\_ngozi\\_adichie\\_we\\_should\\_all\\_be\\_feminists?language=pt-br](https://www.ted.com/talks/chimamanda_ngozi_adichie_we_should_all_be_feminists?language=pt-br)>. Acesso em 19 Jun. 2017.

**ELEKÔ**. Direção: Coletivo Mulheres de Pedra, 2015. (6 min), Gênero: Ficção Experimental, Cor: Colorido. Disponível em <http://www.youtube.com.br/watch?v=gyGOrI3KIbw>

**KBELA**. Direção: Yasmin Thayná, 2015. (23 min), Gênero: Ficção Experimental, Cor: Colorido

**LUCK ladies**. Direção: Christian Barcellos, 2015. Série de TV – Canal Fox Life

**TRAVESSIA.** Direção: Safira Moreira, 2017. (5 m), Gênero: Documentário, Cor: Colorido.